

The book cover features a detailed illustration of a classic desk. In the upper left, a large brass lamp with a glowing light fixture is visible. To the right, the back of a wooden chair is partially shown. The desk surface is dark and holds several items: a stack of papers with handwritten text, a fountain pen resting on the top sheet, a wooden gavel or stamp, a small glass inkwell, and a pair of round spectacles with a chain. The overall aesthetic is that of a historical or literary setting.

AS MELHORES RESPOSTAS DO
IMBASSAHY

Selecionadas, organizadas e
comentadas por:

Carmem Barreto

petit

AS MELHORES RESPOSTAS DO IWBASSAHY

RESGATE VALIOSO

É assim que podemos qualificar a notável iniciativa da Petit Editora ao publicar esta imperdível obra de Carlos Imbassahy, numa seleção das melhores perguntas que ele respondeu através da conceituada e pioneira seção do jornal "Mundo Espírita".

Um trabalho meticuloso de Carmen Barreto, sua nora, que vem resgatar, para as novas gerações, o talento e a verve de um baluarte do movimento espírita brasileiro conhecido por sua coragem, inteligência e apreciado senso de humor.

Pela leitura das respostas aos perguntadores daquela época, apreciamos a cultura, o raciocínio lógico e a finura desse polêmico seareiro que muito contribuiu para divulgar a Doutrina Espírita de uma maneira séria, sensata e agradável.

E por que republicar uma seção de jornal de décadas atrás? Porque muitas das perguntas que se fazem hoje já eram feitas ontem, como serão feitas também amanhã. E, respondidas que foram de uma maneira brilhante, fazem-nos aprender mais e melhor.

A Petit Editora já tinha dado uma enorme contribuição ao publicar "Quem pergunta, quer saber" de Carlos de Brito Imbassahy, filho do mestre.

Agora, com este "As Melhores respostas do Imbassahy", realmente está de parabéns, principalmente você, leitor estudioso e interessado, que ganha um precioso presente que lerá e relerá com entusiasmo e encanto.

"Henrique Jfamos

INTRODUÇÃO

Quando a editora pediu que fizéssemos um apanhado geral da obra de meu sogro, Carlos Imbassahy, para montarmos a continuação dos trabalhos referentes a sua coluna "Na Hora da Consulta" a fim de que se pudesse editar o segundo volume desta seleta, senti que, dificilmente, eu, ainda incipiente nas letras, seria capaz de conseguir alcançar o mérito desejado para tal empreendimento, contudo, como não é de meu costume fugir aos desafios, achei que deveria enfrentar o convite e partir para a liça, palavra muito apreciada pelo dr. Imbassahy.

A primeira coisa que fiz foi ler, de um só fôlego, tudo o que se referia aos arquivos da

referida coluna. A princípio, minha primeira idéia foi a de que, com tão excelente material nas mãos, só me caberia pedir que a editora fizesse um volume contendo todo aquele apanhado, o que, sem dúvida, seria impossível.

O jeito foi partir para a empreitada. Li tudo o que pude, inclusive notas particulares do próprio dr. Imbassahy que temos em arquivo.

Também recorri a minha sogra para dela obter todas as informações possíveis. Quis o destino, porém, que, nesse meio tempo, ela encontrasse o caminho de volta para a Espiritualidade, o que impediu que voltássemos às nossas carinhosas conversas.

Contudo, tinha em mãos um excelente acervo. Restava compilá-lo para que pudesse ser incluído em um tomo e ser editado.

Se, por um lado, meu desejo foi o de transcrever tudo o que o dr. Carlos havia escrito em sua coluna “**Na Hora da Consulta**” que o jornal “**Mundo Espirita**” publicou desde a primeira, por outro aspecto, pude verificar que muitos assuntos acabavam por se repetir. Às vezes, em diálogos estéreis, que seu autor não podia evitar sem ferir a suscetibilidade de seus leitores.

Também, cabia fazer um apanhado geral de toda aquela matéria, a fim de evitar repetições inúteis, porém, com o intuito de compor uma obra homogênea na qual sua globalização pudesse dar ao leitor uma posição segura de opiniões com a consistência da reunião de assuntos tais que pudesse ser evitada a diversificação ou espalhamento dos temas pelo livro, o que obrigaria o leitor ao trabalho insano de sair catando as correlações a fim de formar sua idéia a respeito do pensamento do autor e do conteúdo literário.

Se, por vezes, entrei com meu comentário particular, foi porque achei necessária uma complementação que desse aos nossos leitores o conhecimento mais amplo do assunto, em si, que estava sendo abordado, tentando enriquecer este conteúdo com esclarecimentos que me vieram ter e que, provavelmente, poderiam ser de interesse e agrado de todos.

Se falhei na minha parte, resta-me o consolo de ter reunido num só livro um acervo primoroso, de assuntos sempre em voga no meio espírita, com preciosas considerações e interpretações do ilustre cronista e comentarista.

Perdoe-me o leitor desse livro, se, por acaso, não me tenha sido a fidelidade companheira em todos os momentos. Relato o que soube pela convivência familiar; concluo pelo que li dos arquivos particulares do autor; informo aquilo que julgo tenha sido a verdade dos fatos.

Porém, estou certa que, apesar de qualquer equívoco ou qualquer falha de minha parte, a presente obra vale pelo conteúdo brilhante que encerra e que foi tirado rigorosamente dos originais escritos por Carlos Imbassahy.

Carmem Barreto

UM PEQUENO HISTÓRICO

Mergulhando nos arquivos do dr. Imbassahy vamos encontrar um vasto material por ele colecionado, o que teve o cuidado de recortar, colar em folhas padrões, do mesmo tamanho e mandar encadernar, constituindo assim uma quantidade avantajada de volumes, alguns contendo especificamente os seus trabalhos publicados em forma de artigos, em jornais e revistas, sob quaisquer aspectos, outros encerrando o que escreveram sobre ele ou contra ele; enfim, ainda, separadamente, trabalhos diversos de outros autores que provavelmente pudessem interessá-lo posteriormente.

Deste acervo separamos o material por ele escrito, alguns sem assinatura, provavelmente, em se tratando de redação feita para os jornais em que trabalhou.

Para fazermos o histórico de "Na Hora da Consulta" vamos ver que a primeira coluna permanente por ele mantida foi "Coisas da Nossa Terra", no "Jornal do Povo". O próprio nome definia seu conteúdo.

Talvez inspirado nisso, fez inserir uma outra coluna permanente, por volta de 1939 ou 40, no "Mundo Espírita", intitulada "Casos e Coisas". Tinha o mesmo estilo que a anterior só que, ali, tratando de assuntos de interesse espírita.

Vamos encontrar seus trabalhos entremeados nos jornais da época; não há seleção.

Em março de 1941, no jornal que foi editado no dia primeiro (sábado), sai, ao que tudo indica, na sua página, ainda intitulada "Casos e Coisas", a primeira resposta ou atendimento a leitores. Trata-se de um comentário com o título "A Sexta Coluna" referindo-se a um recorte publicado no "Jornal da Manhã" (SP) e que lhe fora enviado por um consulente, a fim de que refutasse o que ali estava escrito.

Parece que, pelo tamanho da sua seção espírita, o assunto acabou sendo desdobrado por vários outros números, mantendo-se, durante algum tempo, em pauta.

Seu opositor paulista era ou se assinava como Fretzmark e tudo indica que este autor continuou a desancar o Espiritismo, gerando novas réplicas.

Já em 2 de maio de 1942, novamente na sua coluna "Casos e Coisas" aparece outra resposta, desta feita, a um correspondente, o Sr. Néelson, que lhe contesta as afirmações a respeito da religiosidade.

Daí para a frente surge uma segunda parte, talvez um adendo à anterior, porém, abrindo com o título "Perguntas". Como só as tenho em recorte e separadas, não posso dizer se, na disposição do jornal, vinham juntas ou em locais distintos.

Só em 1946, porém, é que surge a primeira matéria sob o título "Na Hora da Consulta", com o subtítulo do assunto, tudo dentro de um espaço, montado em letras tituleiras tipográficas.

A "Hora" se estendeu, seu título mereceu uma chamada versai e parece que foi mantida

padronizada. Em junho de 46 ainda eram artigos e crônicas.

Porém, ela só ganhou um título desenhado permanente, que passou a ser sua característica depois que "Mundo Espírita" se transferiu para Curitiba, sob os auspícios da Federação Espírita do Paraná

Nessa época, já a coluna era "badaladíssima". Havia leitores que declaradamente diziam que, quando recebiam o jornal, era a primeira coisa que liam.

Nem todos gostavam do que dizia o ilustre mestre, porque, em sua sinceridade, não visava o agrado de ninguém, senão à verdade que julgava ser e que, para ele, estava acima de tudo.

Vamos, até, encontrar, numa de suas respostas sobre Roustaing, sua peremptória declaração de que sabia que aquela posição iria desagradar a ambos os lados, principalmente aos intransigentes; era, porém, a sua opinião, sempre comedida e prudente.

O resto, a própria leitura deste livro dirá

Passemos agora, historicamente, à primeira página da coluna de perguntas e respostas mantidas pelo dr. Imbassahy.

O QUE HUDSON NÃO CONHECE (6.jul.46)

Do que consta nos arquivos catalogados e encardoados do autor, esta é a primeira crônica publicada em **Mundo Espírita**, jornal semanal editado no Rio de Janeiro pelo dr. Henrique Andrade, que saiu sob a classificação de "Na Hora da Consulta", título esse em letra tituleira, numa só coluna, vindo, a seguir, o subtítulo em negrito, corpo grande e o nome do autor em versal, corpo 12. Vamos transcrevê-la a título de curiosidade.

Distinto confrade conta-me o seguinte:

"Um professor meu, homem de grande cultura, acha que a obra de Hudson, com a hipótese que o autor apresenta, põe abaixo os fenômenos ditos espíritas. O professor faz questão de salientar o seguinte: A mente subjetiva é incapaz de argumentos de controvérsia. Não se discute com o sonâmbulo ou com um médium. A oposição produz grande desespero mental no paciente e, geralmente, o restitui violentamente à sua condição normal".

Até aqui o Hudson ou o professor. Não sabemos se não se discute com o sonâmbulo. Talvez não se deva discutir. Mas, com os médiuns, não se tem feito outra coisa até hoje. A asserção, quer parta de um, quer parta de outro, quer de ambos, do professor ou do Hudson, o que mostra é que um ou outro ou nem um nem outro conhecem, ainda mesmo que pela rama, os casos de mediunismo.

Nas sessões de desobsessão, o presidente, o diretor, o catequizador, empenham-se em verdadeiros prélios orais por demonstrar à entidade obsedante o seu erro, o mal que

produz, a responsabilidade que assume, as penas em que incorre. E o ser espiritual acaba submetendo-se.

O dr. Rocco Santoliquido, cientista italiano, professor da Universidade, diretor-geral da Saúde Pública na península, Conselheiro de Estado, membro técnico da Cruz Vermelha Internacional, foi uma vez surpreendido pela mediunidade de uma parenta muito próxima de nome Luísa. O professor costumava contrariar a entidade manifestante e esta, certa feita, lhe disse: Em vez de me estares criticando é melhor que finalizes o teu relatório, que ainda não está terminado, nem chegou a seu destino.

Santoliquido supunha que o mesmo já houvera sido posto no Correio, mas verificou, pelo aviso, que o seu trabalho, por negligência de um funcionário, ainda estava em sua escrivaninha. De outra vez, o eminente professor, imbuído das idéias do subconsciente, quis forçar a entidade a declarar que ela provinha dos fundalhos da alma, e usou de todos os recursos possíveis para esse fim. Mas a entidade, sem nenhuma violência, nem volta à condição normal, revidou-lhe, antes, com toda a calma: Tu me fazes pena!

É o próprio professor quem narra na obra de sua autoria, intitulada *Observation dun cas de médiumité intellectuelle*.

A célebre médium, conhecida pelo nome de Madame d'Esperance, teve ocasião de realizar várias experiências em presença do notável astrônomo alemão Zöllner. Como aquela médium tivesse que ir a Breslau, disse-lhe o cientista: 'Tenho em Breslau um amigo, o meu melhor amigo de infância, e até hoje as nossas opiniões não variaram sobre qualquer outro assunto. Infelizmente, ele nunca pôde tolerar as minhas idéias sobre Espiritismo, e essa nuvem, levantada entre nós, destruiu, em grande parte, a nossa longa e profunda amizade. Sofro muito com isso, mas não posso renunciar ao que sei, para satisfazer mesmo ao meu melhor amigo'.

Esse amigo era o dr. Friese, lente da Universidade de Breslau e cientista de grande renome.

Chegada a Breslau, a Sra d'Esperance teve a agradável surpresa de notar entre os experimentadores, no seu gabinete mediúnico, o afamado dr. Friese.

Entre os espíritos que se manifestavam pela médium, um havia que dava o nome de Stafiford e se tomara digno de admiração pelos profundos conhecimentos que apresentava. Logo se travaram longas discussões entre ele e o dr. Friese. - "*Parecia estar ali empenhada uma luta intelectual entre ambos*"- declara Mistress d'Esperance, no seu livro *Au Pays de tOmbres* (No País das Sombras).

Não foi, porém, a médium que deixou de sustentar a controvérsia, nem ficou incapaz de encarar os argumentos, nem se lhe notou o mais ligeiro sinal de desapontamento mental, nem tomou violetamente à condição normal da consciência. Continuou com os extraordinários surtos de sua mediunidade até o fim da vida. Antes, quem bateu em retirada foi o dr. Friese, e tão convencido ficou da falência de suas idéias e da superioridade

de Stafford, que deixou a Cadeira que ocupava na Universidade, visto que, confessava o honesto catedrático: "Não podia continuar no exercício de um cargo onde era obrigado a manter os ensinamentos da Igreja e a punir as *heresias* que ali se apresentassem".

Mais tarde, ele e Zöllner se encontravam e abraçavam comovidamente, e Friese publicava, em alemão, dois trabalhos memoráveis: *Jenseits des Grabes Stimmemaus dem Reich*, ou seja, "Além do Túmulo" e "Vozes do Reino dos Fantasmas".

Quem quiser os pormenores da controvérsia que se estabeleceu entre o sábio e o Espírito, sem que sucedesse nada que ensina o Hudson e o professor, não tem mais que folhear as citadas obras.

O de que o professor e o Hudson talvez tivessem ouvido falar foi das sessões de hipnotismo, em que o paciente, forçado pelo hipnotizador a cometer uma ação reprovável que, em estado normal, jamais cometeria, opõe-se, nega-se ao cumprimento da ordem, liberta-se da ação hipnótica e, as mais das vezes, o experimentador não o consegue hipnotizar daí por diante.

Mas isto nada tem que ver com o transe mediúnico.

Ou do que os objetantes tiveram notícia foi do caso de Espíritos endurecidos, os quais, não ouvindo as prédicas dos doutrinadores, ou revoltados por qualquer motivo, retiram-se sem nenhuma transformação ou melhoria espiritual.

Mas isto não é a regra. Nem o médium fica impossibilitado de continuar em sua tarefa mediúnica. É, apenas, atraso, obstinação de Espírito.

Enfim, não há muito que estranhar com os erros do Hudson ou do professor. Espiritismo é matéria que poucos conhecem; reúne-se a esse desconhecimento o sectarismo filosófico e a intransigência dogmática e teremos hipóteses inadmissíveis, alvitre desmentidos pelos fatos e objeções absurdas. Tal, porém, não quer dizer que os oponentes deixem de ser mestres acatados em outras disciplinas. Eclipses, apenas, do entendimento humano.

No jornal de 20 de julho do mesmo ano aparece a segunda "coluna", desta feita, comentando recortes de artigos enviados ao colunista cujo tema era Chico Xavier, então incipiente em sua gigantesca obra mediúnica. No número de 13 de julho não saiu a coluna. Provavelmente, ainda, sem matéria para se manter semanalmente, por estrear no anterior, porém, a partir de 27 de julho ela passa a ser permanente.

Em todas essas crônicas nota-se o argumentista clássico, com exemplos para afirmar seu ponto de vista, destruindo as objeções que são feitas de forma irretorquível, mostrando o grande polemista que, sem dúvida, acabaria se consagrando em definitivo nas letras espíritas.

Para quem não encontrar no seu dicionário, fundalho ou fundagem é a borra residual geralmente encontrada em líquidos, como vinho. Palavra arcaica.

Parte I

KARDEC E A DOCTRINA ESPÍRITA

- Reencarnação de Allan Kardec
- Kardec, Médico
- A Doutrina de Kardec
- Espiritismo e arte
- Ainda a Música
- Obra Espirita de valor anterior a Allan Kardec
- A Dor - corpo ou alma?
- Livre-arbítrio e morte prematura
- Mediunismo e moral
- Cultura e moral
- Resolução de problemas pelos espíritos
- Mocambos e macumbas
- Espiritismo e Médicos
- Repetição monótona
- Espiritismo e política
- Kardec e Cerimonial

REENCARNÇÃO DE ALLAN KARDEC

(31.jul.56)

D. Helta, de São José do Rio Preto (SP), diz que leu num jornal que, segundo um livro de Kardec, este estaria, agora, encarnado. Pergunta:

É verdade isso ? Quero, também, esclarecimentos quanto ao destino, missão e livre-arbitrio das pessoas, "coisas que não se acham nos livros da Federação

Perguntas de difíceis respostas. Quanto à primeira nada sei; e para as outras seria preciso um tratado.

A. K. não poderia falar nos seus livros da sua reencarnação nesta época; e o nosso destino, situação e missão dependem do nosso antigo proceder.

Um grande criminoso terá um mau destino. A um que mereça confiança, pelo seu esforço, dedicação e valor poderá ser-lhe, pelo Alto, confiada qualquer missão. Isto a Sra. Helta encontrará nas obras de Allan Kardec, Denis e outras.

KARDEC, MÉDICO (31.jul.59)

O meu prezado amigo Milton de Andrade expõe, em "Mundo Espirita" de abril p.p., as razões por que acredita tenha Allan Kardec o título de Médico. E, em determinado ponto, declara:

"Não nos moveu absolutamente o propósito de contraditar Imbassahy. Também ele deve ter as suas razões; queremos-lo muito e é principio nosso de não estabelecer polêmica com confrades",

Não há política para polêmica, mesmo porque não há interesse a nenhum espírita que o Kardec não tivesse sido Médico.

Apenas, escrevendo um trabalho sobre o codificador,¹ julguei que deveria tratar o assunto controvertido, a fim de que não proclamassem os nossos antagonistas que estávamos emprestando ao Mestre um título que ele não tinha.

Mais tarde tive que responder a uma consulta que me faziam. Baseei a minha resposta em dados que supunha e ainda suponho muito seguros, e aque não me reporto porque estáé uma simples explicação dos motivos que me levaram a tratar do caso. No mais, tomara que Milton tenha razão!

Já na coluna de 28 de fevereiro de 58 o dr. Imbassahy havia escrito:

Nada vejo na vida do Codificador que faça supor se tivesse dedicado ele à arte médica ou exercido a profissão.

Richet, no seu tratado de Metapsíquica, declara que ele fora Médico. É de crer que o seu engano proviesse de um artigo que Paul Leymarie publicou em *Revue Spirite*.

O dr. Canuto Abreu, aquele que atualmente melhor conhece a vida e a obra do Mestre, pelos documentos que possui, declarou, respondendo a uma consulta que lhe fiz:

"Leymarie me disse pessoalmente que havia sido defendida pelo Professor Rivail uma tese de Doutor em Medicina» Gostaria que alguém me demonstrasse tal coisa, Todos os documentos que possuo me provam que ele foi apenas um Professor de Humanidades, desde os 20 até os 50 anos e Mestre de Espiritismo desde os 53 até a morte,"

A DOCTRINA DE KARDEC (28.jan.50)

Recebi de Absalão (?) 30 questões que irei respondendo como puder:

1. Onde e como Allan Kardec verificou os fenômenos espíritas?

O amigo terá uma descrição detalhada em "Obras Póstumas" do próprio Kardec, no capítulo *Minha Iniciação no Espiritismo*. Era um homem positivo, sem nenhuma tendência

¹ (*) O trabalho em causa é o livro "Missão de Allan Kardec", editado no Paraná, onde o arrazoado a respeito do assunto está contido.

mística Ouviu falar dos fenômenos em 1854 e sem a menor crença, antes, com o maior ceticismo, começou a examiná-los, primitivamente, em Paris.

2. *Diante dos fatos modernos da Ciência positiva são válidos os conceitos emitidos por Kardec naquela coleção conhecida como "O Livro dos Médiuns", "O Livro dos Espíritos"... etc,?*

"O livro dos Espíritos" e "O Livros dos Médiuns" ainda não foram desmentidos por ciência nenhuma Refiro-me apenas aos dois citados sem me responsabilizar pelo etc.

3. *A Cosmogonia traçada por Kardec e sua interpretação da Bíblia são válidas?*

Kardec não traçou Cosmogonia nenhuma Há em "A Gênese" algo a respeito, porém, sob a responsabilidade do Espírito que assina a sua comunicação. Quanto às suas interpretações bíblicas parecem lógicas. São sempre "interpretações".

21. *O Evolucionismo de Darwin recebeu restrições no campo espírita?*

A meu ver, não. Ouçamos porém a providencial intervenção do meu amigo C. A. nas respostas a Absalão, não só porque me forçou a um grande trabalho, como pela sua inegável competência no assunto. Vejamos:

"A teoria espírita da evolução 'moral' do 'Espírito' nada tem a ver com a teoria de Lamarck (descendência por geração proveniente de formas preexistentes mais simples) – já popularizada ao tempo de Kardec – nem com a teoria de Darwin ("Origin of species by means of natural selection") que só apareceu depois de "O Livro dos Espíritos". Para Kardec, o homem "apareceu" na Terra quando esta, já povoada de animais e vegetais de todas as espécies, se encontrava em condições mesológicas apropriadas para a vida do 'Espírito' dotado de razão e livre-arbítrio. O corpo humano era o último elo duma cadeia imensa de animais que iam desde o zoófito ao homem. Ele examinou o transformismo (teoria apresentada anonimamente num livro intitulado "Vestígios da História Natural da Criação", publicado antes da 'Natural Selection' de Darwin) para dizer que 'não era absolutamente impossível que o Espírito humano primitivo houvesse tomado o corpo dum macaco', porque, naquele tempo, esse corpo seria o mais perfeito. Mas acrescentou que se tratava duma hipótese não dum 'princípio de doutrina espírita'.

A tese espírita é de que a origem do corpo, qualquer que seja, não prejudica o Espírito, pois a semelhança entre o corpo do homem e o do macaco não supõe a semelhança nem, muito menos, a paridade entre o Espírito do homem e o do macaco. Você vê portanto que a doutrina espírita não é transformista, nem preexistencial, nem seletcionista. Para ela, o macaco sempre foi mono e o homem sempre foi homo".

22. *A que escola filosófica pertence o Espiritismo? Empirismo, Pragmatismo, Racionalismo, Deísmo, Idealismo?*

Eu diria – pertence à escola espiritista. De todas aquelas participa, com exceção das cerimônias, apresentando explicações e provas que as demais não podem fornecer, e acrescentando o que os Espíritos vieram trazer-nos, o que nelas não se encontra. Diz o nosso

amigo C.A.:

O Espiritismo como "doutrina dos espíritos a respeito da natureza do Espírito, sua vida na Terra e no Espaço, ou presente e futura" foi pelo próprio Kardec filiado ao "Espiritualismo" dualista, que admite como coisas distintas a "alma" e o "corpo", a "carne" e o "espírito". Espiritualismo é a Filosofia com "F" maiúsculo e a Religião por excelência".

23.0 Espiritismo é determinista ou mecanicista?

A resposta, ainda, é do amigo C.A.:

O Espiritismo é livre-arbitrista. "O Espírito sopra onde quer". O corpo sofre as leis naturais, o que quer dizer que tudo quanto não depende de nossa vontade, ou nossa vontade queira respeitar, fica subordinado a leis. Mas subordinação não é o quer dizer determinação nem automatismo. E muitas leis naturais orgânicas podem ser superadas pela vontade. Afome é consequência duma lei, e chama a nossa vontade a subordinar-se à lei de alimentação. Mas podemos recusar obedecer. O Gandi não deu tantos exemplos de desobediência, até mesmo à lei da fome? Nada obsta que você tenha vontade de andar despido com este calor de fevereiro. Que bom seria se, como Gandi, você pudesse jogar uma toalha de linho aos ombros e partir cantando para a praia. Mas a Polícia implica. Logo você tem o livre-arbítrio de ir despido à praia; se não vai é por medo da Polícia. Seu livre-arbítrio não é "impelido" pela vontade, mas pelo medo de ser mandado para o manicômio. O medo, porém, é uma forma de vontade e tudo quanto nos condiciona é simples forma de volição. Portanto, de livre-arbítrio. Mesmo porque você pode teimar e ir para a praia sem roupas. Bastará não ter medo da Polícia (ou saber evitá-la).

Estas respostas mostram a intimidade que o dr. Canuto Abreu desfrutava, a ponto de participar também dos debates, argumentos e outras coisas mais relativas à produção literária do amigo que, por uma questão íntegra de honestidade, dava a seu dono o que dele era, porque, mesmo que publicasse a resposta em questão sem dar a fonte, não iria impedir de continuar mantendo com o amigo a mesma relação.

ESPIRITISMO E ARTE (31.mar.60)

Um amigo meu, de Campos (RJ), escreve-me o seguinte:

O caso das mensagens de Ivone me tem preocupado, em face dos teus artigos. Confesso, com toda a sinceridade, que o que vejo nas mensagens é uma restrição ao que se vem observando em nosso meio, que muitos moços tem transformado em escolas de samba e batucadas. A arte não tem nada que ver com essas restrições pois, indiscutivelmente, ela também faz parte do nosso programa evolutivo.

O meu amigo está com a boa doutrina e com toda a razão, e eu não teria mais a acrescentar se não fosse o meu papel censurável, de que teria que penitenciar-me, o de estar a escrever injustiças e ministrar lições improcedentes. As restrições que o amigo

apresentou sou o primeiro a subscrevê-las e com tanto mais denodo quanto simpatizo pouco com batuques e sambas, que acho a negação das belas artes.

Folheie, entretanto, o meu amigo, a revista em que saiu a mensagem de (ou atribuída a) Inácio Bittencourt e lerá:

"Não faças do teu Centro Espirita um palco, uma ribalta, um ambiente confuso onde se abrem trabalhos em nome de Deus e de Jesus, para depois se permitirem festanças e teatrações que nos entristecem a nós outros trabalhadores do lado de cá, pois que, ainda que apresentasse Noturnos do melodioso Chopin, Sonatas do erudito Beethoven e Concertos do incomparável Mozart, ainda assim não te poderíamos aplaudir..."

Como vê o amigo, nem Beethoven, o gênio da Música, o maior talento artístico baixado à terra E isto dito pelo Inácio, que criou, ou pelo menos manteve, um Canto Orfeônico em seu asilo.

Vejo um confrade inteligente como César Gonçalves a dar-nos o argumento de que Kardec se refere à arte superior, que não pode comparar à nossa.

Por esta razão, não deveria haver em nossas sessões poesias, literatura, discursos (retórica, uma das sete artes gregas), prédicas, conferências ou coisa nenhuma, visto que lá, nas esferas superiores, é tudo muito melhor, deve ser tudo infinitamente superior.

Mas Kardec não se limitou ao trecho apontado por César; declarou em "Obras Póstumas" que haverá uma arte espírita.

Já dizia o próprio Acácio, o Conselheiro, que se vai pelo princípio. Ninguém chega ao cálculo diferencial sem começar pela tabuada Imagine-se um indivíduo a reprovar o uso da cartilha ou dos primeiros livros de leitura nas nossas escolas primárias de Centros Espíritas, porque as letras do Espaço não se podem comparar com as miseráveis letras terrenas. Ê de Ruy Barbosa para cima..

Seria possível que semelhante e risível argumento, para não usar termo mais forte, saísse da pena de César Gonçalves?

Temos que começar por aqui, pela nossa arte, para chegar à compreensão da arte superior, da arte divina Seria impossível cair de jato na arte espírita sem qualquer iniciação.

Leia, o meu caro amigo, Os Mensageiros, obra ditada a Francisco Xavier por André Luiz, editada em 1944 pela Federação Espírita Brasileira Todo o capítulo XXXI, Cecília ao Órgão, é um panegérico à arte musical, e às págs. 162 se declara "A música elevada é sublime em toda a parte".

Quem estuda um pouco o assunto, e eu o venho estudando há mais de meio século, conhece a influência da música na alma humana, influência que se estende até à dos animais. Sabe que ela é um verdadeiro emoliente; auxilia a concentração, predispõe a um bom ambiente, comove, sensibiliza, é recurso terapêutico, favorece o fenômeno psíquico, contribui para o desprendimento, linimenta a dor física e moral, consola, arrebatada, modifica os temperamentos, transforma os caracteres, eleva o espírito, cura os corpos, faz

ascender a alma; é companheira nos movimentos religiosos, envolve os moribundos que viveram dignamente, e daí a noção que temos do coro dos anjos. Veja-se a monografia de Bozzano - *Música Transcendental*. Em suma: onde há elevação espiritual existe a Arte.

Vê-la, portanto, proibida em nossos recintos e calar, para não desgostar os neófitos e os caturras, seria uma ação pusilânime.

Impus-me o dever de apontar as heresias doutrinárias e esta é daquelas que fortalece a opinião que já se tem de nós, várias vezes expressa pelos nossos adversários: a de que somos muito ingênuos.

O adjetivo é outro, mas vamos ficar neste para não melindrar ninguém.

AINDA A MÚSICA (30.abr.60)

Pergunta-me um confrade se outros Espíritos se têm manifestado sobre a música. Vários, digo. Ainda há pouco, em uma cidade do Estado do Rio, a Dona Maria Cardoso perguntou a um Espírito, que vem fazendo curas maravilhosas, a sua opinião, e ele respondeu que a Arte é inseparável do progresso espiritual.

Em vários trabalhos de Emmanuel e André Luiz se fala a favor da música. Há pouco consultaram Emmanuel a respeito das mensagens contrárias a essa arte e ele respondeu que poderia tratar-se de uma opinião respeitável, porém, não passava de uma opinião pessoal.

Em outra oportunidade estender-me-ei um pouco mais.

OBRA ESPÍRITA DE VALOR ANTES DE KARDEC

(15.set.51)

Escrevem-me:

Que resposta daria a isto do Galdino: "Qual foi, antes de Allan Kardec, a obra espírita de valor, a guiar a humanidade? - Esse silêncio de milênios, por parte do Espiritismo, é gravíssimo, Se esta Religião não serve para todas as épocas e para todos os tempos "transeatSei lá se daqui a alguns dias esses espíritas da Federação resolvem a ir para longe e deixar a gente ai, às escuras, a ver navios?.. Mais vale um pássaro na mão,, Fico com o Evangelho, que não tem dessas petas e faltas!" (Por que não posso ser Espírita! Pág. 93)

Já tratei alhures desse assunto. Era o caso de perguntar:

Antes dos livros protestantes, antes do advento do Protestantismo, qual era a obra da Reforma a guiar a humanidade?

Ainda que aceitemos a Bíblia como o verdadeiro guia da nossa espécie; ainda que tenhamos aquelas matanças que lá se descrevem e as iniquidades que lá se exemplificam como um guia seguro; ainda que vejamos ali a palavra infalível de Deus e não percebamos as

contradições dessa palavra, nem as modificações por que tem passado; ainda que acreditemos na eficácia desse farol, e assumtemos no grande progresso moral difundido pela sua luminosidade, perguntaríamos, qual, antes da Bíblia, a obra etc. etc... E se essa Religião da Bíblia não serve para todas as épocas e para todos os tempos "tran&eat". Sei lá se daqui a alguns dias esses protestantes resolvem ir para longe...

Mesmo raciocínio.

O que há é o seguinte: Periodicamente baixa ao nosso planeta um enviado divino que vem trazer ao mundo a moral que o mundo deva receber e os ensinamentos que a época comporta.

Daí os vários missionários e as várias missões. Daí as crenças, as seitas, as religiões, as revelações, que vão sendo modificadas, deturpadas e mesmo conspurcadas pelos homens e pelos tempos.

TEXTOS CONFLITANTES DE ALLAN KARDEC

(31.mar.67)

"Kardecista Duvidoso" envia-me a seguinte carta: (Ref. LE.p.124)

Ficou-nos a dúvida em como podem alguns Espíritos, criados simples e ignorantes, seguirem desde o princípio (individualização) o caminho do bem absoluto e outros do mal absoluto se, de acordo com a resp. 189, os Espíritos não gozam da plenitude de suas faculdades? Eles mal tem consciência de si mesmos em seus atos.

As respostas de número 190 e 191 parecem contrariar a 124.

Existirá o bem e o mal absolutos para seres criados por Deus?

Devo dizer que não creio no muito "absoluto", aqui na Terra impossível o absoluto num mundo de relatividades. Assim como não acho seja possível, dentro de nossa inferioridade, conhecer as causas das coisas.

Quando se diz que os Espíritos são criados simples e ignorantes vai-se lhes buscar a gênese ab ovo, no ponto zero, nos confins da vida, nos primórdios da natureza. Suponhamos que o princípio da vida se encontre no mineral, ou nos primeiros espécimes da vida vegetativa. Onde haverá aí uma raiz de sentimentos, de caracteres? Ao que parece, saiu tudo da mesma forja e da mesma natureza. Isto é que deve ser o certo. De sorte que, quando o Espírito entra na espécie humana, já vem contaminado de longe. Saber como se contaminou e porque, ainda o tenho como um mistério.

Os Espíritos, não podendo ou não querendo entrar em maiores explicações, deixaram-nos aquelas respostas duvidosas que fizeram perplexo o kardecista, tão duvidoso

quanto eles.

Nonúmero 124 quem fala em bem absoluto e mal absoluto é o interrogador, o qual, ao mesmo tempo, se refere às gradações entre os extremos. A resposta do Espírito: **Sim, cextamente** – deve referir-se a essas gradações. Em suma, o que me parece é que o Espírito queria dizer que há no espírito humano uma série de graus entre o bem e o mal absoluto.

A verdade, pois, e a clareza estão no número 129 onde se diz que os anjos percorrem todos os graus da escala, isto é, que os Espíritos Superiores deveriam ter passado por todas as vicissitudes até chegarem à condição angélica.

Os Espíritos assinalaram frequentemente as dificuldades quanto à gênese:

"Quando, porém, ao modo por que nos criou... nada sabemos".

"...Mas quando e como cada um de nós foi feito, repito- te, ninguém o sabe".

"...A época e o modo porque a formação dos Espíritos se operou é que são desconhecidos".

"Mas, repito ainda, a origem dos Espíritos é mistério". (Livro dos Espíritos, 78-81).

Como se vê, dentro desse mistério, não é possível, pelo menos por enquanto, qualquer afirmativa a esse respeito, e portanto difícil é averiguar a origem do bem e do mal, ou se houve bons e maus em sua origem, desde que essa origem é desconhecida. Esse é que deve ser o verdadeiro pensamento do ensino.

E se os Espíritos não sabem, muito menos eu. Aventurei, por hipótese, apenas, a origem do ser em outros reinos, o que viria justificar a nossa agrestia. Uma hipótese apenas.

Quanto aos números 190 e 191 não sei como contrariam teses anteriores. Referem-se à vida evolutiva do Espírito. Na infância, "a alma prepara-se para a vida". "Os selvagens estão na infância", mas infância relativa, pois já nutrem paixões. Isto deixa ver que, antes da vida selvagem, já havia uma outra, necessariamente inferior. Nessa viagem para as cabeceiras da corrente é que nos perdemos.

E o que posso dizer ao Kardecista Duvidoso, sem muita esperança de que as suas dúvidas fiquem devidamente amainadas.

A DOR - CORPO OU ALMA?

(30.jun.64)

A segunda pergunta do amável correligionário Campos de Loyola, de Sepetiba

Quem sente é a alma ou o corpo? Tenho dúvidas, porque, quando se anestesia o local p'ra uma operação qualquer do corpo do paciente, a parte afetada fica indolor, Teria o efeito da anestesia isolado a sensibilidade da alma?

Procurando eu saber disso com um fervoroso espirita, ele não gostou da pergunta, respondendo-me desdenhosamente, chegando a ser mesmo grosseiro, e eu fiquei no mesmo, V.Sa., que é homem paciente, de grande cultura e de delicadeza extrema, por certo, não

me negará a sua palavra no caso. Sei que o corpo sem vida nada sente, ou a alma, mas o certo é que esta parece não existir, mormente quando todo o corpo é cloroformizado para uma operação de maior vulto.

Quanto a este caso, devo dizer-lhe que quem sente é o Espírito; o corpo lhe transmite as vibrações do perispírito. Na anestesia, na hipnose e mesmo no sono natural, amortecem ou separam-se os laços que ligam a corrente nervosa ao corpo espiritual, e daí a insensibilidade para o Espírito quanto ao que se passa com o soma (um bloqueio). Em regra, o Espírito se afasta do coipo e, até, costuma ver tudo que com ele se passa a ponto de descrever os acontecimentos quando acorda. Isto se dá nas operações, nos ataques, na síncope, com a narcose... O afastamento do espírito toma-se alheio, fisicamente, aos trâmites por que passa a sua vestidura

É o que posso dizer ao amigo na minha pobre linguagem e na minha pouca ciência, muito longe, ai de mim, de merecer os generosos elogios do benévolo consulente.

LIVRE-ARBÍTRIO E MORTE

PREMATURA (31.jul.64)

Outra pergunta do nosso confrade Campos de Loyola Morre-se ou não prematuramente? O livre-arbítrio não influirá nisso? Se o indivíduo pode fazer o que quer, parece claro que ele pode matar à vontade, praticar atos miseráveis de toda a espécie, deixar o animal morrer de fome, a criança abandonada, desnutrida, o povo faminto por falta de recursos, etc., como fazem o negociante desalmado e a política nefanda do mundo. Os assaltos nas ruas, por ladrões, por marginais de todos os tipos, não é isso o resultado do livre-arbítrio? Ou será isso resultante da lei de causa e efeito? Se assim é, então o livre-arbítrio é uma necessidade na vida do homem para as suas explicações, se è que tudo é prova, como afirmam muitos. Sinto que, a ser isso, uns têm que servir de instrumento para resgate de outros; não é verdade? Qual a culpa, portanto, desses instrumentos? Por que processá-los?

Morre-se na época prefixada. E tanto que há as previsões certas, jáas feitas por outrem, jápelo próprio paciente, o *moriturus*. Esgotada a tarefado indivíduo, vai-se o último grão da ampulheta. Não se pode obstar à fatalidade.

Indivíduos que matani à vontade, gente faminta, negociantes desalmados, assaltos, tudo está na conformidade de um mundo de provas, de um dos mais atrasados orbes da Criação. É o "karma", é a experiência, é a prova, é a purificação. Isto aqui é cadeia, é escola, é hospital.

O que age malevolamente dá expansão a sua maldade; objetiva os seus maus instintos, os seus péssimos sentimentos. É o "escândalo que há de vir"; e que irá expiar, e daí - "ai daquele

por quem vier”.

A vítima sofre as conseqüências de atos anteriores: foi por ela que viera anteriormente o escândalo. Ai dela, agora!

Qual a culpa?... Então o sujeito furta, prejudica, ofende, espolia, mata, e o amigo pergunta – qual a culpa? Será por que havia um culpado em expiação? Mas ninguém mandou que o ofensor cometesse o mal. Fê-lo por conta própria. Aproveitou-se, apenas, o elemento ruim para o resgate da culpa do outro que ocorreria, mesmo sem sua anuência. Vejamos em exemplo do nosso subsolo: Há um sujeito insensível ou de maus-bofes; chamam-no para carrasco, ou para esperar outro atrás do pau. Quer dizer: aproveitam os seus bons serviços. Assim é com o facínora.

MEDIUNISMO E MORAL (31.ago.59)

Pergunta-me A. Alphonse se o médium precisa ter moral.

Necessariamente. Quanto mais moralizado for ele mais confiança merecerá e mais produtiva será sua mediunidade.

Isto porém não quer dizer que só o indivíduo virtuoso tenha aptidões especiais, e que não sejam capazes de produzir fenômenos par anormais as pessoas de caráter fraco.

Esses fenômenos são de natureza fisiológica, e a influência da Moral consiste em fazê-lo ao médium sempre assistido por Espíritos Superiores.

É erro, porém, supor que mediunidade significa elevação espiritual. Vejamos um exemplo histórico:

A Rainha Catarina de Médicis, de triste e lamentável lembrança, foi cedo para a cama. na noite de 23 de dezembro de 1574.

Nesse ato solene para as rainhas, estavam presentes o Rei de Navarra, o Arcebisbo de Lião, altas damas da Corte.

Ao lançar o “boanoite”, deu ela um salto, pôs a mão no rosto e pediu socorro, dizendo que ali estava o Cardeal Carlos de Lorena, que lhe estendia os braços. E ela gritava: **Cardeal, que lhe posso eu fazer, que é que tenho com o Senhor?...**

O Rei de Navarra expede imediatamente mensageiros a Avignon, onde se achava o Cardeal de Lorena, e estes trouxeram a notícia de que o Cardeal acabava de expirar.

Trata-se provavelmente de um fenômeno anímico – visão a distância. Podia também ser que o Cardeal, ao deixar o corpo, viesse valer-se da poderosa Rainha como se ela também tivesse influência nas coisas do Além. ,

O que queremos porém demonstrar é que o caráter dessa mulher má não impediu que ela fosse uma “sensitiva”, uma médium vidente. Em todo o caso, uma mediunidade proveitosa é a dos bons. Os maus, egoístas e interesseiros logo a perdem, quando não acabam mal.)

CULTURA E MORAL (31.mai.59)

Não, senhor Justiniano, não está certo o que me diz em sua carta, que eu não pude ou não soube resumir.

O indivíduo eleva-se pela moral e pelo conhecimento. A primeira, só, não basta, e quando muito o libertará das dores físicas e morais, das vicissitudes a que aqui estamos sujeitos, pobres pecadores que somos.

Mas a ascensão exige as duas asas. É preciso desenvolver também a inteligência. Isto se acha na Codificação. Sem a necessária cultura o ser não percebe as maravilhas da criação, não lhe compreende as belezas, e lhe falta, portanto, este fator de felicidade.

Há alguns que são contra o desenvolvimento intelectual, e não percebem o valor do cultural. Mas não vá nisso o Sr. Justiniano; é a falta da outra asa.

RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS PELOS ESPÍRITOS (30.nov.56)

Escreve-me Júlio Torres Moreira - Rio:

Venho pedir-lhe uma resposta por intermédio do "MUNDO ESPIRITA" sobre uma questão levantada ultimamente.

Durante urna conferência espírita, certo cavalheiro levantou a seguinte questão:

"Por que é que os espíritos desencarnados sòfalam em Filosofia, em Moral etc., mas nunca se viu um espírito do outro mundo resolver um problema de Física ou de Matemática?"

"Por que, até hoje, nenhum espírito de cientista formulou um problema de cálculo diferencial... ?"

"Eu gostaria que o prezado dr, Imbassahy esclarecesse este ponto por sua coluna. Será mesmo verdade que os espíritos desencarnados nunca resolveram problemas de Física, de ciência exata ou de cálculo diferencial? Haverá algum fato espírita desta ordem? Em que livro? Muito agradeço o seu esclarecimento, "

Antes do mais, conviria indagar se esse conferencista era espírita. Porque a um espírita não se justificaria o desconhecimento de certas coisas.

No livro de Eugene Nus, Choses de PAutre Monde, como em várias obras espíritas, há muitos fatos interessantes a respeito.

O que, entretanto, o conferencista não poderia deixar de saber é que os Espíritos não baixaram à Terra para resolver problemas de cálculo diferencial, que estão ou devem estar dentro da capacidade de qualquer matemático, nem lhes incumbe substituírem-se aos mortais naquilo que estes podem fazer. Quando, por acaso, ou excepcionalmente, entram naqueles problemas de que tratou o conferencista, é para provarem a sua transcen-

dentalidade, a sua identidade, a sua capacidade.

A missão do espírito, entretanto, é encaminhar o homem na senda do bem, e esclarecê-lo sobre os problemas do nosso destino, a causa dos nossos sofrimentos, não só para que tenhamos melhor concepção de Deus, como para que, pela certeza de que pagaremos todo o mal que houvermos feito, nos modifiquemos e melhoremos a nossa conduta.

Daí deixarem aos físicos os problemas de Física e nos virem ensinar o que não sabemos, nem temos quem nos ensine.

O Espiritismo não tem em vista dispensar-nos das atividades que nos competem, senão tirar-nos a venda que nos encobre a vista do Além.

MOCAMBOS E MACUMBAS

(31.jul.66)

Pergunta-me Rios, do Rio, se Mocambo, Macumba, Candomblé, Umbanda, Cardecismo, Espiritismo é tudo a mesma coisa, porque leu no Reformador (revista da FEB) que as sessões de Umbanda fazem parte do Espiritismo.

Não, Sr. Rios, não é tudo a mesma coisa.. Antes do mais, cumpre saber que não há C&rdecismo. Kardec não fez doutrina nenhuma; Espiritismo é adoutrinade que Kardec foio Codificador.

O que parece estar causando sustos ao Sr. Rios é o parecer de lima comissão para estudar os simpósios, conforme Reformador de maio (1966).

Não é bem como o Sr. Rios diz. Vi ali umas considerações muito louváveis a respeito da fraternidade que deva existir entre as diversas seitas e o acolhimento que devemos prestar aos que ainda não puderam, por uma questão evolutiva, extrair do fenômeno mediúnico os esclarecimentos e as luzes que eles nos trazem. Não é assim que lá está, mas me parece que se possa traduzir assim.

A dúvida maior está no parecer, composto de cinco itens dos quais:

1 - Fenômeno mediúnico com ou sem doutrina é Espiritismo. 3 - Toda prática mediúnica é espírita, embora nem sempre cardequiana. O quarto é repetição do primeiro.

O Espiritismo é um corpo de doutrina trazido pelos Espíritos para o encaminhamento e aperfeiçoamento da humanidade. Fora daí não há Espiritismo.

A manifestação dos Espíritos se dá, necessariamente, pelo fenômeno mediúnico. Quando o fenômeno é manifestação de Espíritos inferiores trazido a indivíduo inferior, com doutrinas inferiores, não pode haver Espiritismo. São apenas práticas mediúnicas para pessoas pouco entendidas em mediunismo. Não é Espiritismo o que está em contradição com a Codificação de Allan Kardec. Suponhamos uma sessão com elementos atrasados, quer

os do "Espaço", quer os da Terra, onde se fuma, se bebe, se dizem palavrões, se ofendem a presentes e ausentes, se fazem despachos e se pratica o mal. Há fenômenos; mas chamar isto de Espiritismo é confirmar o que dizem de nós os nossos adversários, que também chamam de Espiritismo toda abacafusada que há por aí, onde existem manifestações de Espíritos ou supostos Espíritos.

Aliás, quando qualquer doutrina toma uma feição dogmática e se encaminha para um misticismo exagerado, o comum é cair-se no fanatismo, onde logo se esquecem os princípios fundamentais.

Não é á toa que se vulgarizou chamar de Espiritismo a qualquer trabalho mediúnico, ou qualquer fenômeno que ocorra dentro do mediunismo. Parece que os próprios profitentes do Espiritismo, com desconhecimento de doutrina, é que são os grandes culpados disso.

ESPIRITISMO E MÉDICOS (31.dez.58)

Não, Sr. Garcez, quem lhe teria dito que o Espiritismo era contra a Medicina e recusava Médicos!? Se o Sr. é espirita, nunca mais afirme semelhante coisa, que nos vem incompatibilizar com os esculápios, com a Medicina, com a ciência, com o bom senso.

O fato de o Espiritismo curar não quer dizer que estejamos em luta aberta com os que curam, fora do Espiritismo. E digo-lhe mais: Por ora não é possível passar sem o auxílio da ciência médica, e, desprezá-la em certos casos, constitui um verdadeiro crime, além do capitulado no Código Penal.

Por vezes, usam-se certos epigramas, mais por pilhéria, ou porque se deseja gracejar com alguns doutores um tanto enfatuados.

Foi para estes que Léon Tolstói, em "Guerra e Paz", contou o seguinte:

"Uma vez, posto em liberdade, F. adoeceu e teve que ficar três meses acamado. Tinha uma febre biliar, como dizem os doutores. Apesar dos cuidados médicos e do grande número de drogas que lhe fizeram ingerir, curou-se."

Há uns doutores que nada sabem de Espiritismo, e então o atacam, dizendo uma série de heresias mais amargas que uma colherada de quinino.

Quando surge um destes é que vale a pena citar Tolstói.

Os outros, os verdadeiros homens de Ciência, os que se sacrificam à cabeceira do doente, os humanitários apóstolos da saúde, estes merecem consideração e respeito. Além disso, Espiritismo não é terapia para ninguém.

REPETIÇÃO MONÓTONA (31.jan.61)

Queixava-se-me há dias um amigo de que o Espiritismo não progride; é sempre a mesma repetição de frases, idéias, pensamentos, axiomas e mensagens, numa desoladora monotonia. E indagava se aquilo poderia dar algum resultado.

Caro amigo, o Espiritismo é necessário ao cético, ao que sofre, ao que erra.

Aos descrentes fala a linguagem dos fatos, aos simples a do Evangelho. E pedra apedra vai erguendo seu edifício.

Há frases que nem por muito repetidas perdem seu encanto. Vemos o Sol descer sempre no Ocidente, e, ao esconder-se, parece que irá criar novo e esplêndido vigor, pois ao dia seguinte dir-se-ia surgir com encantos e esplendores novos.

O rosicler nunca perde sua poesia. Os revérberos do Sol nascente nunca perdem sua magia. E a Natureza nos oferece de vinte e quatro em vinte e quatro horas, há milhares de anos, o mesmo espetáculo, sublime no seu aspecto, suave nas suas nuances, imponente na sua grandeza.

ESPIRITISMO E POLÍTICA - VÁ POR MIM (28.fev.65)

Isto dizia-me um amigo, no ano passado, o qual me queria inscrever no PC. Não que ele fosse comunista; ele não era coisa nenhuma. Tratava-se de um cálculo. Dizia-se ele “prático”, o que nós chamaríamos “oportunista”. O cálculo dele era o seguinte:

- *Só há lucro em ser comunista; perigo nenhum.*

E p'ra mim:

- Ninguém o incomodará por suas idéias extremistas. V. pode ter as idéias que quiser. E até - declarava-me confidencialmente - manifestar-se o indivíduo comunista é negócio, só dá arranjo. E, se amanhã vier o comunismo, quem não for filiado perde tudo e até mesmo a cabeça. Só há dano em não ser comunista. Vá por mim!...

Ponderei que a verdadeira política a seguir era a do Bem, a do bom proceder, a da tolerância, a da benignidade para com todos; que era necessário, sobretudo, estarmos de acordo com as leis divinas. Só assim iríamos no certo.

Como ele se riu!... E reforçava os seus argumentos, dizendo que o nosso caminho devia ser traçado pela argúcia; tínhamos que ir aonde nos levasse a maré. E a maré estava com a Rússia:

- *“Eles” vêm aí! É entrar logo para o partido, senão ficas rachado. Vai por mim!...*

Nisto veio a revolução². E ele perdeu todas as posições a que o tinham conduzido seu tino, seu faro político, seus cálculos.

Vejam lá se eu fosse por ele!...

²() Referência à revolução militar de 1964 que depôs Jango Goulart obs. - Na Seleta I saiu o maior trabalho, sobre o mesmo tema, escrito pelo mesmo autor, em sua coluna, esgotando o assunto. Evitamos o repeteco.*

DEFINIÇÃO POLÍTICA (31.jul.58)

Pergunta-me A. B. C. - Rio - o que é a política?

Segundo uns, é a arte de governar, segundo outros, é a arte de dar bons empregos. Pode ser ainda a ciência de fazer felizes povos. Atualmente, pode ser definida como a arte de arruinar os países ou preparar hecatombes.

KARDEC E CERIMONIAL

Isaac E. Bach - Rio -, da longa carta enviada extraio o seguinte:

Tendo sido o conhecido codificador e missionário espírita Allan Kardec indiscutivelmente um dos inúmeros homens cultos de sua época, que foi muito auxiliado pelos Espíritos de Luz e recebeu uma grande missão no planeta Terra, bem como outros ilustres vultos do Espiritismo, batizados e casados na IGREJA, havendo ainda outros que se batizaram, casaram também em outras organizações religiosas e, segundo dizem, não consta que eles tenham deixado qualquer documento provando o entristecimento ou regeneração dos fatos citados em documento público, pergunto:

a) *Por que, então, determinadas e respeitáveis organizações espíritas criticam tanto o espírita que se batize ou se case na Igreja ou em outra organização religiosa?*

b) *Como entender o porque de Allan Kardec se ter batizado e casado na Igreja, se ele veio em grande missão e era um espírito evoluído?*

c) *Porque os livros oficiais omitem esses dados históricos do codificador e missionário espírita?*

Não deixo de lamentar a preocupação do missivista - se não escreve por s'amuser com essa futilidade de batizados e casamentos, tecla que não se fatiga em bater.

1 - Kardec, quando se batizou e casou, não era espírita e estava longe de prever sua incumbência. y

2 - Sua missão de grande relevância nada tem que ver com essas pequenas cerimônias sociais, a que todos se submetem por tradição.

3 - Não se pode descobrir nessas solenidades rotineiras um crime hediondo de que a Providência ou os Guias nos devam preservar.

4 - Qualquer que seja a missão ou o missionário, não desaparece a responsabilidade pessoal que, no caso, aliás, não é nenhuma.

5 - As organizações espíritas acham inúteis batizados e casamentos; além disso, seria hipocrisia a submissão voluntária a um ato em que não se crê e cujo valor espiritual se desconhece.

6 - Daí a uma oposição pugnaz, como se tratasse de falta capaz de levar um qualquer ao orco, vai grande distância.

7 - Quanto aos "livros oficiais", o de que se ocupam é aquilo que diz respeito aos meios de conduzir-nos ou de provar a verdade das manifestações. É aos remígios condoreiros que nos levam os ensinamentos espíritas e não ao vôo rasteiro dos insetos.

Dr. Carlos Imbassahy, quando recém-nascido, foi batizado e não podia se insurgir contra isso. Todavia, não se casou nalgreja nem batizou seu filho, dando o testemunho de sua verdadeira posição doutrinária

Parte II

USOS E COSTUMES - ESTUDOS SOCIAIS

- Dor, amor e sexo
 - Vinho, uvas e embriaguez
 - A conservação da vida
 - O exercício e a moral
 - O divórcio
 - Kardec e o divórcio
 - Ainda o divórcio
 - A tolice humana
 - Complacência antiga e moderna
 - A dança
 - Dos pés ao busto
 - Anticoncepcionais
 - Matar o bicho
- Proibições: I - Questão de vestuário II - Carnaval
- Atrás do pau

DOR, AMOR E SEXO (31.ago.61)

O distinto confrade Chaves, dos limites de São Paulo, honra-me, de vez em quando, com suas cartas filosóficas, a que me sinto no dever de responder. Numa delas me diz:

Rele recentemente um livro de Rey Vaz onde fui encontrar levantadas algumas das muitas questões sociais atinentes ao sexo, quase todas, também, enquistadas em minha mente, de longa data.

O título do livro diz plenamente o seu conteúdo: "Dor, Amor e Sexo".

Relendo-o, não podia me esquecer que o Espiritismo proclama alto e em bom som, pela voz da sua autoridade máxima, que o espírito, quando retoma à erraticidade, é assexuado, daí resultando a possibilidade de uma criatura, que na última encarnação exerceu funções tipicamente masculinas, possa vir a ser, na seguinte, uma entidade feminina.

Kardec é objetivo ao dizer, em O Livro dos Espíritos Cap. IV, 200, fl. 86: "Têm sexos os espíritos? - Não, como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos".

"201 - Em nova existência, pode o Espírito, que animou o corpo de um homem, animar o de uma mulher, e vice-versa - "De certo; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres."

*Custa-me admitir que um ser humano, numa peregrinação pela Terra, que pode durar 50, 70 ou mais anos, todos vividos duma maneira integral, dentro das características próprias a seu sexo, desfrutando plenamente das alegrias inerentes àquelas condições, exercendo ainda, de maneira satisfatória, todas as funções que lhe cabem, possa na romagem subsequente, abdicar totalmente das referidas funções a ponto de invertê-las. Se ativo era, se caçador era, cabendo-lhe a iniciativa no ataque, se, enfim, era macho, passa a passivo, passa a esquivar-se, passa a ser caça, enfim, se converte em fêmea. O positivo, que foi um dos atos do drama da vida eterna, se transforma, no seguinte, em negativo. O cavalheiro que requestava, dentro do mais completo figurino masculino, vira dama delicada que sorri discreta e pudicamente. O ser impetuoso e forte, o lutador que vence torneios é, no lance seguinte, a senhorita que enrubesce a um afago mais arrojado:**

Acha ainda que, firmada a personalidade num sexo, fica ela desfigurada em outro. E lembra o seguinte:

Dois ou três coesos dos nossos dias, quando seres com duplas características sexuais, após tratamento hormonal adequado, que culminou numa intervenção cirúrgica especial, que veio definir o sexo, estão aí a atestá-lo. Um homem que, de repente, passa a usar saia e uma mulher que passa a vestir calças. Aquelas individualidades perderam, obviamente, suas personalidades primitivas e iniciaram, no dia imediato ao da cirurgia, um ciclo novo. Tudo mudou; guarda-roupas, artigos de toalete, amizades, intimidades, costumes, anseios, hábitos sociais, alimentação etc. Operou-se mudança radical.

Onde o amigo veria essa radicalidade na mudança? Em geral, a alteração é apenas no sexo carnal e na roupa; quando muito alguns caracteres físicos, que nada têm com a personalidade. E se existe aquela alteração total seria fácil compreender que isto é o que se daria quando um espírito passa, na reencarnação, de um sexo para outro. A metamorfose terrena seria como a do Espaço.

Mas o equívoco, não sei se do meu caro Chaves, ou se inspirado pelo Rey Vaz, está em supor esta transfiguração rápida, como se não fosse mais que sair um bruto asselvajado de uma pele e entrar em outra, uma delicada mulher; o cavalheiro requestante, o lutador de torneios, a virar dama pudica no transcurso de uma encarnação a outra. O grosseiro de charuto na boca alborcado numa cândida e tímida donzela...

Realmente, o pulo seria de estarrecer nessa natureza onde se diz que non facit saltus. Ora, o meu bom amigo das plagas sulinas de São Paulo passou de relâmpago pelas leis da

evolução. Parece que o estudioso confrade nunca ouviu falar nos homens efeminados e nas mulheres “paraibas”. Estas é que eram os grosseirões a mastigar o charuto na vida anterior e aqueles as mulheres tímidas.

Conta Lamartine que na Revolução Francesa as mulheres muitas vezes sobrepujavam os homens em violência e perversidade. Nas Cruzadas sofriam os mesmos tranSES, empunhavam as mesmas armas e cometiam os mesmos desatinos. E muitos homens há a quem os outros, os fortes, chamavam de “mulheres velhas” e “tímidas ovelhas”.

Aí pelo carnaval muito rapazola divertia-se com o travesti feminino; e com o disfarce fazia muito dinheiro, porque os enxovados iam no conto; houve, mesmo, revistas que encheram suas páginas com fotografias desses andróginos, e o leitor só sabia que eles eram homens porque a revista o dizia. Vi uma vez certa fotografia onde havia homens e mulheres de uma tribo, e só se lhes conhecia o sexo pelo busto.

Ora, a pudica donzela poderia ter sido homem em priscas eras, in illo tempore; seu espírito foi evoluendo, tomando-se delicado, compassivo, honesto, até que passou para o outro sexo; e ninguém sabe quantas encarnações seriam necessárias até tomar-se a pálida donzela, a mimosa pudica, fácil de contrair-se ao mais ligeiro contato.

' A mudança de sexo é uma necessidade na vida do espírito para que ele participe das condições de ambos os sexos e lhes sofra as consequências. Não seria justo que tal espírito nunca passasse pelas dores e cuidados da maternidade e tal outro nunca soubesse o que são os encargos para a manutenção da família. Dessarte, não haverá os privilégios na natureza divina como os há na sociedade humana.

Dr. bribassahy desencarnou em 1969 e este trabalho espelha, ainda, a nossa sociedade na década de cinquenta, com seus costumes e hábitos ainda agrilhoados pela moral rígida que lhe era imposta. Hoje os costumes dilaceraram essa rigidez e a permissividade passou a ser enorme, de sorte que a posição de quatro décadas atrás poderá parecer; até, para uma feminista, o poder e a opressão do homem sobre a mulher. O autor dessa página já para o seu tempo era bastante liberal e defendia uma equanimidade de direitos e respeitos mútuos, porém, posicionava a mulher como mãe e lembrava-lhe os percalços de o ser.

No que tange à parte da sexualidade, o assunto não tinha tanta abertura quanto agora e dificilmente se aceitava a homossexualidade com naturalidade, tendo-a, ainda, como resquícios de inadaptação à nova condição de vida corpóreo.

Só em oitenta é que a Ciência deu o primeiro passo para desvendar uma série de problemas ligados à alma, embora já se soubesse que, pelas experiências de Crookes, nossas Junções biológicas espelhavam outras correspondentes, do espírito, medidas nas famosas aparições estereo lógicas.

† Com ajuda informativa de André Luiz e as pesquisas dos famosos laboratórios CBRNs – Centro de Pesquisas (Recherches, em Francês) Nucleares – já se tem como certo que cada coisa terrena, desde a existência mineral às biológicas, espelha ou representa uma forma espiritual materializada. Neste aspecto, a criatura, portanto, seria um espírito encarnado,

coerente com o Espiritismo.

Surgiu, então, uma hipótese de trabalho em que o espírito teria em si tanto aparte feminina quanto a masculina para encarnar-se, colocando em jogo aquela que necessitasse para sua vinda à Terra. No caso, o espírito ainda atrasado escolheria preferencialmente aquela compatível com sua personalidade, porém, os evoluídos já estariam aptos a pôr em jogo qualquer um dos dois aspectos sem que se deixassem levar por tendências de uma ou outra natureza.

Temos, ainda, que nos lembrar de que uma coisa é o ato sexual em si, a procriação e decorrências; outra, será a condição de sexo masculino e sexo feminino, porque não tem sentido pensarmos que, na Espiritualidade, haja procriação; nenhum espírito gera espiritozinhos e se o fizesse iria contrariar a hipótese de que fomos criados por Deus, posto que de uma entidade espiritual poderia nascer outra.

O que deve ocorrer é que, por suas implicações, o sexo passou a ser a forma pela qual os seres encarnados - até vegetais - teriam encontrado para gerar semelhantes e permitir que outros espíritos se encarnem no planeta, o que é bem diferente da idéia de práticas sexuais.

VINHO, UVAS E EMBRIAGUEZ

(31.ago.61)

Pergunta-me um amigo, que gosta de seu trago, se beber transgride as leis divinas. .

Eu iria dizer que sim, se, por minha vez, não receasse transgredir os interesses da vinicultura nacional e o trecho do Evangelho onde se permite a bebida, tanto que Jesus transformou a água em vinho.

Cá para mim não houve transformação nenhuma, nem creio que Jesus tal fizesse: seria um lance mal contado. Mas o amigo compreenderá o que será para a massa dos fiéis descrever alguém de um texto e não tomá-lo ali tal qual.

Seriacurial, para pôr-nos todos de boas avenças, acreditar que um vinho fabricado por Jesus não levasse álcool, ou então usaria ele do poder de sugestão.

Já não me lembro onde havia um vinho nessas condições, não o da indução hipnótica, mas simplesmente vermelho, tal como a mulata de certa canção carnavalesca: "Tu és mulata na cor...*" O vinho era apenas vinho na cor, porém, como não embebedava, o inventor ficou desacreditado.

Se recorrermos a Salomão, aquele que tinha 300 mulheres legais e mais 700 de reserva ou complemento, ficamos em dúvida se se deve ou não beber.

Às vezes os versículos animam os abstêmios:

"O vinho é uma coisa luxuriosa" . Prov. XX, 1 "Desgraçado de ti. Para quem serão as brigas e os precipícios, as feridas, a névoa nos olhos? Para os que levam a beber vinho e despejar os copos." Prov. XXIII, 29.

Mas, já no Cântico dos Cânticos vemo-lo comparar a garganta de uma daquelas mil ao melhor vinho, e ela, em retribuição, a compará-lo a um cacho de uvas. Era vinho pralá, vinho pracá...

Também ele achava-lhes os seios mais formosos que o vinho, e elas, orgulhosas, porque ele as fazia entrar em sua bem fornecida adega.

Se o amigo, porém, prefere firmar-se num valioso quadro, vá a um hospital e veja a que ficam reduzidos os bebedores. E se quer a minha aguada opinião, sempre lhe diria: É mais fácil entrar um “camelo” pelo fundo de uma agulha que um bêbado no reino dos Céus.

O texto evangélico sobre o rico tem grande amplitude.

Quem conheceu dr. Imbassahy pessoalmente sabe que ele não apreciava bebidas etílicas, quando muito um vinho fino em restritas ocasiões. Na sua casa não se viam distribuições nem ingestões alcoólicas, embora sempre houvesse em seu armário ^mVinho do Porto* e mais nada. Não fumava nem participava de banquetes regados; quando, por acaso, comparecia a um, seu copo dificilmente se esvaziava pelo uso, por isso, suas palavras, no caso, espelhavam perfeitamente sua conduta de vida

A CONSERVAÇÃO DA VIDA

(30.set.61)

Diz-me um amigo que o Espiritismo tem regras para conservar a sanidade moral, o vigor espiritual, e pergunta se também as apresenta para a conservação da sanidade física, para a preservação do corpo e conservação da vida.

Apresenta sim. Manda que procuremos manter a saúde ou, pelo menos, não desgastar a existência, tão necessária ao nosso progresso. E preceitua a higiene, a profilaxia, a sobriedade. E, sobretudo, a ausência completa de vícios, com os quais, criminosamente, abreviamos o curso.

E, a título de ilustração extradoutrinária, dou aqui um tópico publicado por R. no “Correio da Manhã”, e de autoria de Castro Goiana:

Um destes dias mandou-me o seu decálogo do centenário, de que fez uma paráfrase em ótimas sextilhas, explicando cada enunciado daquelas regras que o homem deve observar, se não quiser morrer antes do tempo: interesse (a velhice só começa se a vida não interessa), bom humor, serenidade (nada ^f existe que atormente quem vive alegre e contente), temperança (Libus, potus et Venus ominia moderata sint-Hipócrates), peso, repouso (descanso traz juventude; bom peso, boa saúde), subsistência, atividade (o velho que se enclausura tem em vida a sepultura), higiene, e, finalmente, confiança.

Está aí o decálogo desse sábio do bem viver, que sugere a todos nós o exemplo de Tomas Jefferson: “Faze tudo com alegria, e nunca te cansarás”.

O EXERCÍCIO E A MORAL (31.jul.60)

O Sr. Júlio Melo, do Rio, insurge-se contra os exercícios que brutalizam o homem, e entre eles cita a luta de boxe, o vale-tudo e outros.

Só que a luta de boxe e o vale-tudo não são exercícios, mas tuna estupidez.

Diz-me, por fim, o Sr. Júlio:

* *Não é melhor desenvolver o moral do que o físico?*

Ê melhor, sim, e melhor ainda será se pudermos desenvolver os dois.

A propósito, vale citar um outro Júlio, xará do amigo, o escritor Júlio Diniz, que escrevia no Os Fidalgos da Casa Mourisca:

“Alma sã em corpo são – esta frase do poeta é a que melhor descreve o homem: no físico, a força e a saúde em pessoa, no moral, a honradez e a alegria.”

Eu cá penso que é muito melhor viver o indivíduo com saúde, pela robustez física, do que morrendo a prestações, como diria o finado Emílio de Menezes.

Alma sã em corpo são, amigo.

O DIVÓRCIO (14.jul.51)

Cabe aqui uma ligeira explicação: divergindo da peculiaridade da coluna, desta feita, seu autor comenta um diálogo ocorrido entre dois amigos, diálogo este que lhe foi encaminhado por um dos participantes, pedindo, porém, que omitisse o nome do outro, por motivos particulares.

Gerou assim, uma crônica, em vez de uma resposta.

Vamos a ela:

Cyro dos Anjos encontra-se com Trimalcião no “circular” da Gávea, bairro do Rio. Entram em palestra: Patati, patatá... começam a discorrer sobre o divórcio.

Cyro acha que são respeitáveis os argumentos pró e contra. A essa altura já estão fora do bonde. E diz a Trimalcião:

- A tendência dos homens, em sua maioria, é para mudarem de mulher, depois de certa idade. Quando elas perdem a graça e se carregam de filhos, muitos gostam de procurar novos estímulos. Deve a lei ajudar isto?

Responde Trimalcião:

- Mas em muitos países o divórcio existe sem abusos. Trimalcião, ao que se vê, respondeu mal e Cyro ainda pior ao declarar:

- Nada temos que ver com outros países. Os divorcistas não encaram os problemas morais; marido e mulher se devem tolerar como preconizam os doutores da Igreja, com a sua experiência das almas. Acho, porém, que o problema é insolúvel, que há situações

irremediáveis, mas que, aberta a porta... Convém é deixar o caso aos representantes do povo.

Em suma, deixa o nosso Cyro a questão teórica aos Teólogos e a prática aos parlamentares. E isto é deixar mal.

Os doutores da Igreja são, talvez, os que menos entendem da alma. Para entender de alma é preciso saber Psicologia, um tanto de Filosofia, lidar com elas, encarnadas e desencarnadas, e possuir, além de tudo, um certo sentido, o mais livre de todos, mas não o poderá possuir, nem se deixar conduzir por ciência nenhuma quem esteja preso ao dogma, aos cânones da Igreja, às prescrições dos bispos, às decisões dos Concílios e ao celibato. Quaisquer que sejam os estudos de um doutor eclesiástico, ou o conhecimento que ele tenha da alma, repetirá sempre o ensino da Igreja.

Um representante do povo, com felizes mas raras exceções, pesará em primeiro lugar os votos, antes de ter uma opinião. Haja visto o que se passava véspera dos pleitos eleitorais, em que eles vão prometendo tudo o que a Igreja exige deles, e assinando o que lhes dão a assinar.

O político que faz do divórcio sua plataforma política será o primeiro a não querer vê-lo aprovado, senão, acabará o motivo de suas campanhas eleitorais.

Se o divórcio existe com abusos, o que temos que eliminar são os abusos e não o divórcio. E é justamente pelo problema moral que o encaramos.

O que não é moral é estarem eternamente ligadas duas pessoas que se desestimam e até se odeiam. A união sem estima é imoralidade e até hipocrisia.

A natureza quando fez os sexos não previu a indissolubilidade do casamento, porque eles continuam distintos, ainda quando o marido abandone a mulher ou a mulher abandone o marido. E como a natureza, alheia aos conhecimentos da alma que possuem os doutores e aos interesses eleitorais dos deputados, mantém as suas exigências fisiológicas e sociais: o cônjuge abandonado arranja outra companhia. Essa outra companhia, clandestina, fora da lei, muitas vezes escondida, é que não é moral.

Mas, por onde deve ser encarado o divórcio é pelo problema da justiça. E a justiça está acima de todas as convenções humanas.

Suponhamos a parte mais fraca, a mulher: O marido a despreza, a injuria, a maltrata, a espanca. Como homem, usa da liberdade como lhe apraz. Tem concubina com quem reparte os bens, deixando o lar na miséria. Essa mulher seviciada, humilhada, abandonada, terá que suportar toda a sua desgraça porque o matrimônio é um sacramento, porque os doutores da Igreja conhecem a alma e os doutores do Parlamento, os inconvenientes de uma opinião contrária às prescrições eclesiásticas.

Esta crônica tem dois pontos capitais: o primeiro prova que, apesar das opiniões em contrário, ou seja, das que achavam que os divoreistas eram sempre pessoas desajustadas no casamento, pelo mesmo, a voz de um bem sucedido marido em seu casamento se levantava a favor da sua

instituição. Outro, o de que o temor pela Igreja, naquela época, impedia que os parlamentares ousassem discutir o assunto, ou então, os que aparentemente o faziam, visavam, apenas, o voto dos que precisavam desta legalização para se separarem dentro da lei e normalizarem suas vidas.

Hoje em dia, com ou sem divórcio, a mentalidade mudou: poucos são os que ainda dão crédito ao casamento e fazem desta instituição um conceito de vida, portanto, o assunto parece por demais extemporâneo, contudo, se não fosse aqui apresentado, não poderíamos mostrar mais esta faceta de um homem que sempre viveu para a família e que, com ou sem divórcio, só se separou desua esposa porque o alfanje das existências o baniu do mundo dos encarnados.

KARDEC E O DIVÓRCIO (14.jul.57)

Ainda Rui Nunes cita "O Livro dos Espíritos", 697: a indissolubilidade do casamento é uma lei humana muito contrária à da natureza, mas os homens podem modificá-la...

O autor proclama que, dessarte, a maior parte das nações civilizadas procede inaturalmente e acrescenta que Kardec cai em contradição quando diz no "L. dos E. 701: "A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social. O casamento tem que se fundar na afeição dos seres".

E o moço comentando:

" Um dilema; se aquela, o casamento é dissolúvel (poligamia); se esta indissolúvel (monogamia)".

E porque Kardec reconhece a monogamia, mais conforme a natureza, para Rui, ele, Kardec, se contradiz "pois entre a poligamia e o divórcio a questão se reduz a palavras. Poligamia muitas mulheres ao mesmo tempo, divórcio muitas mulheres sucessivamente". Quase que é difícil ver tantos erros em tão poucas frases.

Ainda que a maior parte das nações seguisse o regime da indissolubilidade dos laços matrimoniais, isto não tinha nada a ver com a naturalidade ou inaturalidade do caso. O que se poderia notar é que elas estavam apartadas da razão e do bom senso. Pelo fato de todas as nações terem exército e estarem preparadas para a guerra, ninguém, com algum descortino, dirá que a guerra é o regime natural, ou o que deva ser adotado.

Mas se o autor falhou na lógica, muito mais ainda no conhecimento que possui de legislação comparada, porque, muito ao contrário, a maioria, a grande maioria das nações adota o divórcio com a dissolução do vínculo. E, no divórcio, a mulher também se toma livre; na poligamia, sempre patriarca, só o homem desfruta do direito de ter diversos pares.

Confunde imoralidade com contradição. Falei em princípios imorais e ele apresenta uma contradição que não existe. Não se entende o dilema que apresentou. Na poligamia, o indivíduo tem muitas mulheres ao mesmo tempo, no divórcio só existe uma em conflito.

Pois, para o autor, é a mesma coisa ter uma só mulher ou ter muitas. Pelo seu parecer nós continuaríamos polígamos, e todos os povos do mundo, desde que o viúvo ou viúvase

pode casar de novo. Seriam as muitas mulheres sucessivamente, ou, o que é o pior, os muitos homens; ou o que ele chama - "a poligamia horizontal".

E até aí foi infeliz, porque, no caso, errou a direção: a horizontal deve ser a poligamia, no mesmo plano; os casamentos sucessivos sugerem mais a verticalidade: um par em cada plano.

O que não se compreende, porém, nem ele explicou, é a razão por que não será imoralidade nem contradição ter o homem muitas mulheres, quando elas vão morrendo e o será quando elas o vão abandonando.

Segredo da alta filosofia que paira nos horizontes de Sorocaba.

Com muita dignidade, aqui, o dr. Imbassahy não quis fazer referência ao ponto crucial da Igreja quanto à indissolubilidade do casamento, porque, segundo seus cânones, quem casa no Altar foi unido por Deus, por pior que lhe venha a ser a vida em comum posteriormente; e, se Deus uniu, nemo inferno poderia separar.

AINDA O DIVÓRCIO (15.dez.51)

Questão proposta por Lisboa, do Funil:

O lar é uma escola de aperfeiçoamento do espírito. Os cônjuges quase sempre são espíritos que se reúnem para que melhor aprendam a lei do amor. Ora, o divórcio facilita a fuga ao cumprimento da lei, que exige renúncia, abnegação, tolerância etc. Quem fracassa terá de voltar de novo. O vínculo indissolúvel refreia o homem ou a mulher, obriga-os até ao fim da provação.

Mas é que, amigo Lisboa, o dito lar, em vez de escola do aperfeiçoamento passa, muitas vezes, a escola de maus-tratos, desaforos, pancadaria.. E obrigar um cidadão, ou principalmente, uma cidadã, a continuar aperfeiçoando-se na pancada, seria o mesmo que aconselhar o escravo a que continuasse na chibata, a ver se lhe entrava pela pele a lei do amor.

Outro amigo envia-me umas estatísticas para demonstrar que o divórcio não melhora as condições da sociedade.

Muito há que dizer sobre estatística, com tempo. Não se trata, porém, de melhoria social, senão remediar-se uma situação que se toma infeliz para uma ou duas pessoas. Imagine-se que, ao cuidar da abolição da escravatura, alguém se lembrasse de provar com estatísticas o malefício que a medida traria para a economia particular e pública¹

Ora, acima dessa economia, diriam os abolicionistas, está a eliminação do sofrimento, está a liberdade, estão os direitos do homem.

No caso do divórcio, acima de quaisquer considerações, está a emancipação de um casal desunido, principalmente quando um dos que o compõem, e isto acontece quase sempre com a mulher, é vítima da deslealdade, da tirania e da perversidade do outro cônjuge.

É preciso restrições ao divórcio; ele, porém, é necessário em vários casos.

OBS.: Na época em que foi redigido o texto ainda não existia o divórcio no Brasil e fazia-se a campanha para sua aprovação, sofrendo uma grande pressão contrária da Igreja e de interesses eleitorais políticos já que eram vários os candidatos que faziam sua campanha em cima dela.

A TOLICE HUMANA (31.mar.60)

A um amigo. - A humana toleima parece ilimitada e confesso que, se não fossem as provas graníticas que possuo da sobrevivência, há muito seria ateu, pois que as religiões e os costumes até agora me têm pintado o Criador como o mais implacável senão o mais tolo dos tiranos.

Ora, certa vez sitiaram Cartago; como as coisas se enfarruscassem, viram naquilo a ira divina, porque até então eles só haviam oferecido aos deuses filhos de estrangeiros. Resolveram, pois, emendar a mão, oferecendo em holocausto duzentas crianças das melhores famílias e trezentos abnegados se imolaram voluntariamente. Foi a matança da fé.

Entre os cristãos não tem sido menor essa demonstração de fidelidade ao Criador. Para agradar a Deus imolaram-se milhões de criaturas durante muitos séculos de Cruzadas, queimaram-se hereges por toda a parte, destruíram-se cidades e povos inteiros, usou-se da perfídia e da traição como em a noite de S. Bartolomeu...

Para agradar a Deus encarcera-se o pensamento, proíbe-se a leitura de livros que possam espanejar as trevas do entendimento, transforma-se a vida num ergástulo. Todas as inocentes alegrias passam a ser pecado. E o pior é que as vedações religiosas já vão entrando Espiritismo a dentro para que tenhamos a convicção de que a mentalidade da criatura é sempre a mesma, qualquer que seja o credo a que se filie.

Quando as moças começaram a cortar os cabelos, houve uma grita geral dos puritanos e quase fui apedrejado por ter visto no caso simples medida de higiene e comodidade, sem nada que bulisse com a moral.

Eles queriam, porém, que a mulher continuasse, como dizia Schoppenhauer, a ser o "animal" de cabelos longos e idéias curtas.

Ora, as tolices continuam. Há dias um crente chamou-me em particular e me disse, falando baixo e olhando em tomo, afim de que o escândalo não reboasse:

- Olhe, os obsessores tomaram conta do Centro.
- Mas tomaram por quê?
- Lá dentro já estão cantando. - E saiu apavorado.

Há momentos em que o pecado nas coisas fúteis se espalha espantosamente. Vê-se em tudo uma ofensa ao Criador e este se susceptibiliza por dá cá aquela palha. Um dia, porque um sujeito espirrou numa Igreja foi levado ao Tribunal: espirrar, ali, ao pé do altar, era honível! Os efeitos estemutatórios de gripe não poderiam explodir num templo. Que fosse

espirrar no inferno!

Quando Maomé morreu, Omar saiu da tenda, de alfanje em punho, declarando que morreria quem dissesse que Maomé morrera. Maomé não podia morrer, jamais!...

De fato, nós sabemos que ninguém morre. Mas para Ornar só Maomé não podia morrer.

COMPLACÊNCIA ANTIGA E MODERNA (31.mar.60)

Ao Sr. Gervásio Neves, ao contrário do que pensa, os homens melhoram. Muito pouco em relação ao progresso, mas um tanto se considerarmos o tempo. Nota-se que a evolução do sentimento nos parece mínima, porque estamos contando de ontem, e o ontem nosso é quase nulo em relação à vida planetária.

Não há dúvida que o sentimento de piedade é muito condicionado entre os homens. Bastalembarmos uma página de Veit Valentin:

Que César na Gália massacrasse populações inteiras, inclusive mulheres e crianças, que tivesse mandado decepar as mãos a todos os defensores da fortaleza gaulesa de Uxelodunum, ordenando que se exibissem os mutilados para amedrontar, que tenha feito açoiar até matar seu adversário Vercingetórix, não horrorizou ninguém em Roma; tratando-se de bárbaros, ninguém se compadecia, e com seus adversários romanos César era benigno e indulgente. Quando, porém, os seus soldados, sem trabalho, espancaram o seu co-cônsul Bibulus, quando ele arbitrariamente aumentou o número de suas legiões, quando fez vir para Roma a egípcia Cleópatra (que aliás era uma grega puro sangue), como mãe de seu filho Cesarion, passou então a ser considerado criminoso.

É verdade que hoje é assim ou talvez pior, porque não vejo essa benignidade com os patrícios; antes pelo contrário. O progresso consiste em que há maior número de benignos, e doutrinas que pregam a benignidade enquanto antigamente havia pouquíssimas ou não havia nenhuma. E quando aparecia um Cristo ou um Sócrates mandavam matar.

A DANÇA (30.nov.56)

Pergunta-me José Morais:

O Espiritismo proíbe a dança? Acho que sim, por isso, tive grande discussão com um amigo que me censurara porque proibi minhasfilhas de irem a bailes. Em casa não há danças e nem permito às descendentes os sarambeques.

Olhe, Sr. Morais, Santo Ambrósio não tem dúvida em condenar severamente as danças. Tem expressões ultra-ásperas para os dançadores, e declara, peremptoriamente, que tal divertimento é indecente, que só serve para excitar as paixões vergonhosas e acrescenta que só as mães impudicas e adúlteras é que permitem que as filhas dancem.

Está forte, mas é o que ele disse.

Não sei quem disse que era uma escola de prostituição.

São Crisóstomo assegura, no que é acompanhado por vários outros santos, rigorosos em matéria de costumes, que o corpo fica desonrado pelos passos indecentes e vergonhosos.

Vários concílios, como o de Laodicéia e o de Toledo, proibiram, de maneira formal, tão inconveniente distração.

Muitos também acham que, além do corpo, a alma fica seriamente comprometida, embora não expliquem bem porque os passos possam prejudicar a alma e o corpo. Ora, se fossem só os passos... Mas é que, pode-se acrescentar, nesse passo vai-se descuidadosamente até algum precipício.

Mas o caso é que, em 1562, no Concílio de Trento, os honrados e austeros sacerdotes que nele tomaram parte não só permitiram a dança, como deram um exemplo estrondoso: nela tomaram parte. E assim ofereceram, solenissimamente, um baile a Felipe II, de Espanha.

Pode-se avaliar o que seria isto, quem souber o que era a Espanha católica de Felipe II.

Saiba o consulente que rompeu a dança o Cardeal, os padres, e assim essa arte coreográfica viu desaparecer o anátema que pesava sobre ela.

Não sei o que diria depois disto o Padre Antônio Vieira; eu direi, entretanto, ao Sr. Moraes que é necessário não se mostrar mais atrasado que o clero do tempo de Felipe II.

Deixe lá as meninas dançarem. Não é necessário usar o metro com que certos escrupulosos diretores de sociedades dançantes mantêm os casais em honesto afastamento.

Um pouco de vigilância por parte das progenitoras, e não é preciso mais.

Não seja o próprio causador das tristezas das pequenas; não se faz mister que elas, desde cedo, com proibições inúteis, provem o amargor da vida. Não lhes faltará oportunidade para isto.

DOS PÊS AO BUSTO (31.ago.64)

É que o meu confrade Tibúrcio se acha justamente indignado com a nova moda, em que o biquíni vai ficar mais escandaloso, visto que o pretendem usar como uma só peça, passando a ser monoquíni... E me pergunta se não vamos profligar esse descaramento.

Amigo Tibúrcio, o que mais nos interessa é o que diz respeito à alma. Esta é que é preciso vestir sempre de roupas decentes. Antigamente, o que ditava a extensão das roupas era o frio. Não havendo frio, não havia roupas. E como era uso, não haviaprofligamentos. No Paraíso, como o amigo sabe...

Depoisé que asgentesforam cobrindo o corpo e descobrindo o espirito.

Mas Tibúrcio faz-me lembrar um escritor clássico, da velha guarda, que reprovava até o não cobrimento dos pés, o Sr. Feliciano Joaquim da Silva Nunes, que dizia:

^HComo não desacreditará a honestidade tanto botar de fora os pés, os quais o natural

pudor ensina e enclina a esconder, cobrir e resguardar?" (Do Estado Conjugal).

Que diria hoje Feliciano, se até o busto se desresguarda, descobre e mostra?

Já não estamos nos bons tempos em que certo noivo desmanchava o consórcio, porque certa noiva, ao cair, mostrara a perna. E certo benemérito, ao ver certa princesa que ia casar na Espanha, arrastada por um cavalo, lembrou-se de lhe desprender o pé. Pois só não foi à força por grande generosidade do príncipe com quem ia ela consorciar-se.

Mas está tudo mudando...Por fim será uma questão de hábito. O que o amigo terá que fazer é aceitar o conselho de um Santo Padre: Não olhe.

ANTICONCEPCIONAIS (28.fev.67)

Depois de respondera algumas perguntas de Jacó Ferrari (ou Ferreira) relativas a um "grafoteste", fazendo referência a ele, o colunista comenta:

Não sei se o mesmo correspondente leu na citada revista "O Caminho", de Guaxupé, uma transcrição a respeito desse assunto - anticoncepcional - nos meios científicos. E lembra a frase de Francisco Cândido Xavier, o qual, como diz, "opinou com toda a lógica - se meu pai fosse partidário da limitação de filhos eu não estaria gozando a bênção desta existência entre vocês".

E o amigo me diz que tais frases vão de encontro ao que eu prego e propago. Mas meu caro confrade, eu não propago nada. Trato de matéria de grande relevo, como simples estudioso do caso, com o direito de ventilar os fatos e os problemas por eles criados; e desejo ainda que não nos suponham uns fanáticos, presos a preconceitos irremovíveis, quaisquer que sejam as voltas do mundo e as espirais do progresso.

O Chico nasceu numa época em que a questão não era premente e ainda estamos num período em que gozamos do direito de viver.

A questão não é do agora, é do amanhã. Daqui a poucos séculos, senão daqui a poucos decênios, se as hipóteses e prenúncios se realizarem, e o futuro progenitor não tomar as medidas convenientes, o nosso Chico, reencamado, não estará gozando o convívio amigo porque nessa altura já teria morrido de fome.

Cabe esclarecer que dr. Imbassahy era favorável a um controle sereno da natalidade - sem métodos abortivos que naquela época ainda não existiam - para que cada família programasse sua descendência dentro das suas condições de vida, a fim de que cada casal criasse sua prole sem necessidade de assistência social estranha. Achava também que era direito desse casal escolher a época certa para permitir que seus filhos programados desde a Espiritualidade viessem a se encarnar na família.

Contudo, se, contrariando todas as vontades do casal, a mulher aparecesse grávida, para ele, era sinal de que a própria natureza havia modificado aquela vontade, decorrente de desígnios superiores. Como bom espírita, era contrário a qualquer tipo de aborto, salvo o que, clinicamente,

visasse à salvação da vida da mãe, numa escolha ingrata entre uma que outro, conforme suas palavras. Nem em caso de estupro ele defendia o aborto.

MATAR O BICHO (31 .out.61)

Indaga Estêvam de Magalhães...

Aí está um nome que me fez lembrar o do grande tribuno português José Estêvam de Magalhães.

Mas pergunta o amigo Magalhães, patrício, se devemos matar o bicho; explica que os budistas poupam os animais e não comem carne; que na Índia não tocam em ofídios e tigres; que já me viu discursar a esse respeito e em favor desses que chamei de irmãos menores, e quer saber se é da Doutrina Espirita não matar animal nenhum.

Et modus in rebus, que é como quem diz que em tudo há restrições.

Já escrevi alhures um artigo a esse respeito. Inegavelmente não se deve “matar o bicho”, e a Doutrina Espirita, toda de benignidade, manda que não se faça mal aos animais. Eu mesmo tenho aconselhado que se mate o menos possível e penso que os seres espiritualizados se entregam de preferência à alimentação vegetal, para não sacrificar os seres vivos da criação.

Mas é impossível não se matar bicho nenhum, rodeados que somos e que vivemos de animais agressivos, nocivos, venenosos, mortíferos.

Por mais extensão que demos à nossa zoofilia é impossível, por exemplo, impassibilidade diante do mosquito, ainda que levemos a nossa paciência a suportar-lhe o zumbido e a picada. Porque o mosquito mata, ou pelo menos, algumas espécies. O *Stegomyia fasciata* não só faz ceata em nossa pele, senão, que nos transmite ainda a febre amarela. O anofelino, com o hematozoário de Leveran, é o causador da malária, ou seja o impaludismo. Os miseráveis matam cantando. *Va-t-en chétif insecte* - disse-lhe com desprezo o leão da fábula - e lá ficou estendido.

Como poupar o barbeiro? Não o inofensivo Fígaro, mas o *Tzypnosoma cruzi*, o parasita da moléstia de Chagas, o “chupão”, que vive nos buracos das paredes de pau-a-pique e que nos dessangram às centenas; e daí as perturbações cardíacas; e o sujeito fica aparvalhado, débil, inútil.

E há o *Necator americanus*; quem possui esse bonito nome é o ancilóstomo que vive procurando um pé para entrar no corpo humano e acaba encontrando um pé descalço por onde penetra vitoriosamente e vai alojar-se no intestino da vítima. E temo-la amarela, física e intelectualmente inutilizada.

E por aí vai... A poupar abicharia infanda nunca se poderá ter uma fazenda, umagranja, uma plantação qualquer, porque lá estará a lagarta, a formiga, o besouro, o gafanhoto, o caramujo, a broca, o serrador, o morcego, a marreca, o pardal... Lá estará a mosca, a

miserável mosca que fura a fruta e ali deixa um verme; lá estará uma série infindável de parasitas de todas as qualidades, principalmente os trazidos pelos ratos.

E temos os insetos caseiros, que acabam resistindo aos inseticidas como Mitridates aos venenos. E as cobras, os animais bravios que devoram a criação...

Parece-me natural extinguir todos esses inimigos em benefício da humanidade. Diz-se que ou o Brasil mata a saúva ou a saúva mata o Brasil. Podemos estender fartamente o slogan.

O que eu creio seja altamente reprovável é abater o animal em benefício próprio, quando haja outros benefícios que não exijam o sacrifício. E muito pior ainda é matar por prazer, como na caça. O caçador deve ser um indivíduo muito malvisto no Espaço.

E inacreditável ainda é matar em holocausto, é sacrificar aos deuses, usança que ficará na História como um atestado da estupidez humana. E é o que se dirá no futuro da época atual, quando os vindouros se lembrarem das touradas, das brigas de galo, e forem mais longe ainda, à luta das feras nos circos da Antiguidade.

Cabe aqui uma ressalva; dr. bnbassahy não era vegetariano, embora jamais abusasse de qualquer tipo de alimentação; não jantava, limitando-se a uma ceia frugal - como dizia - para manter-se abastecido.

Veja-se ainda o cuidado de lembrar que não devemos comer carne para evitar matanças, nunca porque, em seu critério, esta possa ser um alimento pernicioso, até mesmo conspurcante, como julgam certos vegetarianos.

Abominava os caçadores e, se dele dependesse, proibiria este esporte.

O resto, julgue-se pelo texto.

PROIBIÇÕES (30.abr.59)

I - QUESTÃO DE VESTUÁRIO

Está uma pessoa em seu trabalho quando um telefonema o interrompe: É um “confrade” que quer saber se o Espiritismo proíbe que uma pessoa se vista bem, que use boas gravatas; que uma dama se adorne com jóias; indaga ainda se ele, o Espiritismo, admite a sujeira. A pergunta é motivada por uma discussão que tivera com um correligionário, o qual lhe censurava as gravatas, os respectivos alfinetes e os adereços da consorte. Pede que “ventile” tudo por MUNDO ESPÍRITA.

Vejam se é possível a ventilação que deseja o “ventilador”.

O Espiritismo não proíbe nada. Parece-me a mim, entretanto, que o excesso de vestir bem, o cuidado exagerado com o indumento, é manifestação de vaidade. Veja bem: eu falo em excesso; eu me refiro aos requintes da moda; longe de mim aconselhar, como preceito doutrinário, que o cidadão perambule qual um maltrapilho.

Há damas que dispendem centenas de contos³ nas festas do Municipal, ou nas roupas com que a elas se apresentam para os concursos de fantasia. É uma veste para um dia, ou, quando muito, para três, entretanto, que tantos e tantos existem que só possuem farrapos!

Creio que um espirita verdadeiro não teria coragem daquela exibição, pensando nos que não têm o que vestir. Proibição, entretanto, nenhuma.

Aliás, cumpre distinguir o luxo de lixo, e a limpeza da sujeira.

Se um cidadão possui um guarda-roupas como o de Heliogabalo, é luxo.

Se uma dama não põe um vestido mais de uma vez, por mais rica que seja, é ostentação.

Se homem ou mulher deixam de dar comida aos filhos, para gastar todos os recursos no vestuário, são, além de frívolos, inconscientes.

Vejam agora o reverso e ouçamos Michelet:

Aguerra que a Idade Média declarou a carne e à limpeza devia produzir seus frutos. Mais de uma santa gloria-se de nunca ter, sequer, lavado as mãos. Essa sociedade, que imola o casamento, teme qualquer asseio: nenhum banho durante mil anos.

Estais certos, nenhum desses cavalheiros tão belos, tão etéreos, os Parcivais, os Tristães, os Iseuts, não se lavaram nunca. Dai um cruel acidente tão pouco poético, as furiosas coceiras do século treze.

Michelet, se quisesse estender-se, poderia citar Inês de Jesus, a qual, por humildade, não consentia destruíssem a bicharia que lhe povoava a cabeça.

Dizem que as mulheres da comitiva de D. João VI tinham, do mesmo passo, jóias e insetos pelo corpo.

Havia uns frades que nunca se banhavam, por muito respeito à Divindade, e, quando se reuniam, provocavam grande fedentina. O escritor Medeiros não podia compreender arazão por que essa gente vinha formar um bando para cheirar mal.

Isso é que é sujeira.

Deixemos, portanto, os cidadãos com suas gravatas, enquanto não provier mal daí. Sou insuspeito para falar, porque as vou abolindo, sempre que posso, e sem escândalo para a sociedade; não por humildade, mas por lhes achar um trapo inútil e dispendioso, e, por vezes, difícil de arrumar.

³ (*) - Antes do advento do cruzeiro como moeda nacional, instituída pela catadura "Getúlio Vargas", o que vigiava era o real, moeda do tempo do Império, só que a unitária era o mil-réis (1\$000); menos que isso era o dinheiro divisionário e sua menor moeda era o vintém, ou vinte réis. Ainda, para designar valores elevados, acima da casa dos novecentos mil réis, para evitar a repetição (mil mil-réis) usava-se o conceito de conto de réis, daí falar o texto em *centenas de contos

II-CARNAVAL

E por falar em proibição, há dias me perguntaram se o Espiritismo proibia o Carnaval.

O Espiritismo proíbe o mal, ou melhor, diz aos homens o que o mal acarreta. Faz ver que a desonestidade, a falsidade, a inveja, o peijúrio, a vingança, a perversidade, o crime conduzem o homem a grandes sofrimentos.

A Doutrina lhes mostra o raminho: não obriga, eles que o sigam como puderem.

Quanto às questões mundanas, e em especial a esses divertimentos que poderemos chamar pagãos, por serem resquícios do paganismo, não haverá mal neles se o indivíduo não cair nas faltas, excessos e distúrbios que os tomam detestáveis.

Eu não lhes acho graçanenhuma e fujo deles tanto quanto me seja possível. Penso, porém, que cada qual está no seu direito de apreciá-los; há cidadãos que têm a alma carnavalesca, como há a alma fútebolesca. Não percebo jeito de desenraizar-lhes o gosto. Trata-se de um divertimento, e, para aqueles que não têm outro, ou não acham prazer em outro, seria, até, desumanidade vedá-los.

Que ao menos, porém, não se maculem nas orgias que ele desencadeia, nas paixões que desperta, nos abusos que promove.

ATRÁS DO PAU (28.fev.66)

Respondi nesse jornal a um cidadão que se assinava Menino não sei de quê, o qual Menino censurava um artigo “em que debocho dos santos que antigamente não tomavam banho^o. E mais, que Arigó - diz ele - também não se banhava.

Expliquei que não tinha em mira debochar de santos, senão trazer exemplos; que Arigó talvez não tivesse tempo para banhos e que, se fosse dado à sujeira, também entraria na Hsta.

O Menino volta com uma nova carta, talvez para demonstrar que, além das sujeiras físicas há as morais, de que a dita carta é uma amostra, por que é ela um repositório de injúrias. E o que é de assombrar é o sobrenome que usou, e que felizmente não entendi - Jesus. Pasmem! - Jesus! A assinatura seria - **Menino Jesus**.

E temos Jesus subscrevendo tolices e desaforos, sem sabermos se há mais desaforos que tolices ou mais tolices que desaforos. Para evitar a profanação, só me referirei ao Menino, que seria mal-educado, se os insultos não estivessem a apresentar-nos um marmanjão, escondido atrás de um pseudônimo como um malfeitor atrás da toca. E, de tocaia, agride-me.

Manda-me ele uma folha de revista em que se diz que Arigó não toma banho desde o dia tal, e que “enquanto coça os dedos sujos do pé direito, confessa o verdadeiro motivo: Tenho mais medo de água fria que o diabo da cruz”.

Ora, eu não sei se será verdade o que diz o repórter, num artigo de ataque ao Arigó, artigo possivelmente apaixonado, parcial, sensacional, como em regra as reportagens congêneres. E perco tempo com tal detalhe por mostrar ao Menino como é fraca a sua argumentação. Mas o caso é que não tenho nada com o Arigó nem ninguém o poria num Agiológio. Ele é um simples intermediário, possuidor de um dom físico que o não extrema dos outros mortais. E por que a sujeira do Arigó destruiria a beatífica sujeira dos outros?

Declarava eu ainda que, fosse verdadeira a reportagem, iria ele também para a lista. O que tinha em vista demonstrar era o erro de certos crentes que, com o desprezo pelo corpo, supunham com mais facilidade escalar o Céu. Havia, pois, indivíduos que, por devoção, faltavam aos mais mezinhos preceitos da higiene, quando deviam conservar a integridade orgânica, pois o nosso soma é o veículo, o instrumento de nosso progresso na Terra. Ia a mira em todos que, por fanatismo religioso, sacrificavam aquele veículo.

A evocação, pois, do Arigó era inteiramente descabida; uma inópia própria daqueles cuja força intelectual está na ofensa. Quanto à verrina, não há negar que ela assenta muito bem a um cidadão que é tão forte no ataque como no esconderijo. De máscara, o fanfarrão é magnífico!

Há nos seus escritos uma característica muito comum aos despeitados; não tendo espírito, chanceiam do espírito alheio. Pretendendo tomar-se irônicos, caem na grosseria. E, não podendo subir, vingam-se puxando os outros para baixo.

Do que pude deduzir através dos garranchos da carta, onde a letra, desordenada e ilegível, está a denunciar o que vai pelo íntimo do “divino infante”, é que ali se encontra um rancoroso, e o rancor é sentimento que lhe deve estar achanando o caminho para o Éden. Cada vez que o ressentimento lhe ronca nas vísceras, ele o expelle como petardos pelo bico da pena, com uma letra de arrepiar, como se a pena participasse do furor interno.

O alvo agora fui eu. Que mal teria eu feito a esse lança-raivas camuflado com o nome daquele que pregava o Amor, não sei. O fato é que o vapor de ódio condensado fez a caldeira estourar em cima de mim. Passei a ser a vítima dos complexos do insolente, o objeto de sua gratuita iracúndia. Bem me daria por feliz se, com isso, salvasse algum outro da mesma calamidade. Enquanto a coisa fosse comigo, outros descansariam.

Em suma, no anônimo presente não se sabe o que mais espanta, se a indignidade do vilipêndio, se a arrogância do poltrão.

Aqui cabe uma ressalva importante: não sei se estou certa, porém, com a minha convivência ao lado de casos análogos, tenho notado que há alguns leitores e correspondentes que usam os mais estapafúrdios pseudônimos, como o deste Menino Jesus, e cito ainda: O Criador, A voz da Verdade e muitos outros, cuja finalidade é desconhecida, porém que sempre se comportam psicologicamente como alienados ou mentecaptos, escrevendo as coisas mais estranhas e incompreensíveis, até perturbadas, sem o mínimo propósito.

Pensei que fosse coisa moderna, marco dos tempos, porém, deparan-do-me com este caso

apresentado no início de 1966, há um quarto de século, vejo que, de fato, justifica-se quando se diz que no meio espírita há verdadeiros orates; só que não é o Espiritismo que os faz, como muitos male vo lamente insinuam: atraem-se por algo estranho que não se pode imaginar, senão um processo obsessivo típico do fascínio em que a entidade perturbadora consegue fazê-los crer como infalíveis, divinos, superiores, Meninos Jesus

*Uma outra consideração - este atrás do pau poderia chamar-se *O banho, um salutar costume de higiene⁹, por causa do tema secundário; ora, pois eu também não aprecio a água fria, tirando o verão e, no entanto, desde cedo, aprendi a tomar banho quente. Medo de banho frio não justifica a imundice de um "porco".*

Veja se isto é assunto para se perguntar a uma pessoa como o dr. Imbassahy? E mais pasma fico eu ao saber que ele respondia com o máximo bom humor, sem se afetar nem se afligir ou importunar-se.

Parte III

CULTOS RITOS E RITUAIS

- Cerimônias no Espiritismo
- O batismo
- O vale da concentração
- Posição ideal para orar
- Como oravam Jesus e os discípulos
- Imagens
- Ainda o culto das imagens
- Consulta a guias
- Velho hábito
- Um peso e duas medidas
- Prece e castigo
- Assunto Variado

CERIMÔNIAS NO ESPIRITISMO

(30.jun.56)

Escreve-nos de Juiz de Fora o Sr. Geraldo Pouvele:

- Como no Espiritismo existe o tríplice aspecto, isto é, científico, filosófico e religioso, faça-lhe por intermédio da sua educativa secção "Na Hora da Consulta" as seguintes perguntas abaixo:

- a) Existe cerimônia científica, filosófica e religiosa no Espiritismo ?
- b) Além destas, existe alguma outra cerimônia?
- c) Entre cerimônia, ritual e liturgia, existe alguma diferença ou é tudo igual?
Gostaria que desse exemplos.

Não pude perceber o que o irmão entende por cerimônia científica, filosófica ou religiosa. A cerimônia é, em geral, uma solenidade que toma diversos aspectos e tem diversas gradações; pode ser também a forma exterior de culto. Há cerimônias pomposas; há cerimônias desnecessárias e até cerimônias ridículas a nossos olhos, como as celebradas pelas tribos selvagens, as dos rituais exóticos.

Em Espiritismo só existem as cerimônias necessárias ao fim que se tenha em vista ou à boa ordem dos trabalhos.

Em matéria científica não há cerimonial, há os processos indispensáveis à pesquisa ou à observação sem os quais nada se conseguiria. Assim, manda a técnica que, nos trabalhos práticos, seja reduzido o número dos assistentes, que os haja de ambos os sexos, que não se faça tumulto, que exista respeito, que as sessões não sejam franqueadas ao público...Há, às vezes, até, prescrições quanto à alimentação. Nas experiências de efeitos físicos requer-se pouca luz ou nenhuma.

Como se vê, são providências, como todas aquelas exigidas para os trabalhos científicos.

Em matéria filosófica não há cerimônia de qualquer espécie, a menos que se tenha como cerimônia o dever de estudar, de não se fanatizar, e, sobretudo, o de não dizer tolices, o que é muito comum.

Na parte religiosa, nas sessões públicas, as cerimônias são exigidas pela ordem e pelo império das circunstâncias. Assim, o presidente deve estar defronte da assistência, numa parte elevada, acima do assoalho, de modo que veja e seja visto; o orador deve falar de pé, com o mesmo fim; a prece é de grande eficácia para a assistência espiritual. Costumam-se extrair mensagens psicográficas. São elas saltares pelos conselhos que ministram. Em tudo isso há utilidades.

O que é inútil é o hábito de pôr-se de pé a assistência quando se vai orar; aí é que existe um rito sem significação nem proveito nenhum, e por isso dispensável.

Alega-se que se trata de respeito e homenagem ao Criador. Mas o ato não passa do conservantismo de fórmulas, que muitos ainda não podem dispensar, visto como não é com as pernas que rendemos as nossas homenagens ou mostramos o nosso respeito.

Além de tudo, o constante levantar e abaixar, no ato da prece, produz ruído, incômodo e balbúrdia prejudiciais à ordem, à serenidade e à concentração. Fórmula, como se vê, além de desnecessária, nociva.

Ritual, lexicamente falando, é a série de ritos, ou o livro que os consigna e rito é o conjunto de cerimônias religiosas, é culto, é seita.

A liturgia é o ritual, o complexo das cerimônias.

Em Espiritismo não temos nada disso, ou só temos aquilo que não podemos deixar de ter. O que há muitas vezes por aí é tomado de empréstimo ao passado religioso.

Não sei se consegui elucidar ao amigo. Ou se estou certo.

O BATISMO (30.set.61)

O nosso bom amigo Melo Bastos, de Jacarezinho, deseja que eu diga algo sobre o batismo.

Penso que não temos nada com essa fórmula, e, portanto, o assunto não interessaria a esta seção. Como, porém, para muitos, o Espiritismo é Cristianismo, e o batismo é cerimônia cristã, e ainda porque não me posso furtar a uma solicitação de tão digno confrade, aqui vai um resumo da matéria, que mais não comporta esta coluna.

rA palavra batismo vem do Grego e significa imersão. O hábito é antiquíssimo. Desde muito tempo que os hindus tinham o ritual de mergulhar no Ganges: imaginavam que, lavando o corpo, também lavavam a alma.

Os sacerdotes egípcios banhavam-se em cubas, nos seus templos.

O povo hebreu assimilou o costume e batizava por essa forma os que se estabeleciam na Palestina, a quem denominavam prosélitos. As mulheres eram batizadas (imersas) despidas, na presença de três homens que se empenhavam para dar esse testemunho de fé, com sua presença.

Os judeus muito devotos ou muito importantes escolhiam para batizadores os profetas mais em evidência, um deles era João, que ficou sendo cognominado - O Batista. Ele usava as águas do Jordão.

Entre os judeus, ser batizado era renascer.

Jesus nunca batizou ninguém, mas submeteu-se ao costume e daí tomar-se este o principal rito cristão.

Alguns cristãos passavam pelo batismo do ferro em brasa, muito voluntariamente, tal era o fanatismo, em virtude do texto de Lucas: "Eu batizo pela água mas o que virá depois de mim batizará pelo fogo". Diz-se que a idéia provém de antigos costumes junto à deusa síria; os adeptos, depois de mergulharem em qualquer veio d'água, imprimiam na pele um

ferro ardente.

Nós sabemos, porém, que o batismo pelo fogo são as provas a que estamos submetidos.

Nos primeiros séculos do Cristianismo o batismo era dado na agonia, no momento da morte. Também se batizavam os mortos, com base num texto de Paulo aos Coríntios.

Os gregos batizavam por imersão, mas os latinos, vendo o perigo da água fria, começaram a aplicar a aspensão, que é hoje empregada nas Igrejas. Cipriano foi contra

Era preciso, para ser-se iniciado, que houvesse um responsável e daí surgiram os padrinhos.

A primitiva iniciação fazia-se mergulhando os batizados nus na água fria, que os livraria de todos os pecados, mas nem sempre de todos as pneumonias, principalmente nas regiões frias.

. O batismo das crianças começou no século II e sem ele estavam irremediavelmente perdidas. Felizmente, Pedro Chiysólogo, no século V, imaginou o limbo, que é uma espécie de inferno ameno, muito atenuado, um inferno passável e suportável para onde vão os pequenos que não lograram batizar-se.

Acham os anabatistas que não adianta batizar quando não se tem conhecimento, mas suas razões nunca foram admitidas pelos demais cristãos.

Constâncio assegurava, segundo Juliano e conforme nos diz o Boulanger, que os culpados de violação, assassinio, rapina, sacrilégio e dos mais abomináveis crimes tomar-se-iam puros pelo batismo. Era o segredo de viver criminosamente e morrer virtuosamente...

Conta o Padre Nicasse que havia o costume de matar as crianças logo depois de batizadas, para que não pecassem e fossem diretamente para o Céu.

Em suma, é o primeiro dos sacramentos cristãos. Em geral, as religiões empregam a água nos seus rituais, que tem um valor simbólico e uma eficácia duvidosa.

João pregava arrependimento e jogava o **arrependido** no Jordão. As narrativas se acham nos Evangelhos.

Há diferenças entre o batismo joânico e o cristão, e dessarte, o Concílio de Trento anatematizava a quem os confundisse. Segundo o Catolicismo, foi ele (ou teria sido) estabelecido por Jesus desde que se deixou batizar por João. Veja-se Mateus 16:16 e 18:19. Até ele, é hoje, segundo a Igreja, condição de salvação, remissão de pecados, processo de regeneração, e assim o homem nasce da água e do espírito. Quem negar o valor do batismo seja anátema - estabeleceu o Concílio de Trento - e por isso ninguém cuida de indagar a veracidade e autenticidade daquelas condições.

É dever do Clero exortar os pais para essa cerimônia, logo após o nascimento dos filhos (podem não querer depois de crescidos); é ela que apaga o pecado original.

Aí tem, apesar de minha pecaminosa descrença, o que posso dizer ao amigo.

Nós, aqui, vamos pagando os nossos pecados, justamente com o oposto: a completa falta d'água, a ausência dos banhos purificadores, apesar das chuvas. Trata-se de um ligeiro

acréscimo às dores morais e físicas que nos têm cabido, neste antigo vale de lágrimas, hoje das bicas secas. Enfim, como diz o outro, tudo é prova

O amigo Melo Bastos sabe isto muito bem e apenas quer minha opinião. O que há sobre o batismo, em linhas curtas, é o que deixo aí. Quanto à necessidade dessa fórmula, ainda não a descobri, e do seu valor ninguém sabe. Consta das Escrituras. E para muitos, é quanto basta. Quantum satis.

Em Espiritismo, porém, não há batismo.

Cabe, aqui, a ressalva à crítica do padecimento pela falta d'água: e n Niterói, poressa época, havia uma terrível carência na distribuição do precioso líquido, então ao encargo municipal.

O VALE DA CONCENTRAÇÃO

(31.dez.57)

Leu o Sr. Almerindo de Meneses, Rio, que o município de Aripuanã, em Mato Grosso, é uma imensa floresta tropical e que seria um ótimo ponto para uma grande concentração espírita e seus rituais.

Fale baixo, Sr. Meneses. Se descobrem que há ali uma floresta, não ficará, dentro em breve, uma só árvore para amostra. Vejam nosso Rio aque ficou reduzido! Vejam que se está passando pelo Brasil inteiro.

Mas o amigo não se limitou a apontar-me a floresta, se não, que me propõe organizar e chefiar uma expedição para esse “banquete espiritual”.

Meu bom amigo, a única via de acesso a esse maravilhoso ponto é o rio Madeira. A viagem deve durar, no mínimo, uns 90 dias, com obstáculos de toda a ordem, sem falar nos mosquitos e nos antropófagos.

E possível que, depois de tudo isso, nos transformem em bifes e passemos a figurar em outro “banquete”, com outros rituais, muito diverso daquele a que visávamos. Dessarte, tenho a honra de transferir a organização e a chefia ao preopinante, ficando eu, de cá, a orar pelo bom êxito da expedição.

Quanto ao mais, eu me vou concentrando por aqui mesmo, afinal, os rituais espíritas são simples e sem aparatos.

POSIÇÃO IDEAL PARA ORAR

(31.dez.57)

Já tenho, por diversas vezes, comentado a esse respeito; a posição ideal para se orar, em suas preces de qualquer natureza, é aquela que permita melhor comodidade e conforto, que

não perturbe o pensamento nem a disposição de quem assim age.

O Sr. O. Silva, de fato, leu em minha coluna que sou contra o ato de se levantar para fazer as preces nos centros; não estranhe. O senta-levanta só serve para perturbar o ambiente e a concentração do recinto.

COMO ORAVAM JESUS E OS DISCÍPULOS (28.fev.58)

Um consulente do Rio (assinatura ilegível) viu uma resposta minha um tanto vaga sobre se Jesus e seus discípulos ajoelhavam, e quer que eu aponte os textos em que me baseio.

Veja Lucas, XXII :41 - "E pondo-se de joelhos, orava". Ou Mateus, XXVI:39 - "Adiantando-se um pouco, prostrou-se com o rosto em terra e orou". Ou Marcos, XIV:35 - "Adiantando-se um pouco, prostrou-se em terra e começou a orar que, se fosse possível, passasse dele aquela hora".

Como vê o confrade, os textos existem, não foi invenção minha.

Não me parece, porém, que seja um ritual recomendável.

IMAGENS (28.fev.58)

Pensa o meu amigo Norberto que os espíritas não devem possuir retratos de santos nem imagens de qualquer espécie, porque já Kardec os proibia. (Referência a confrades que colocam retratos de guias e mentores em suas paredes), principalmente de Jesus e Maria.

Achará o correspondente que não devemos ter o retrato de um amigo, de um parente? Quem não possuirá o retrato de uma pessoa querida? Ora, assim como poderemos colocar em casa a fotografia do pai, da mãe, de um irmão; ou o retrato de um vulto célebre, de um artista que apreciemos; ou de um cientista, de um filósofo, de um estadista, de um filantropo, de um benemérito, por que havemos de fazer exceção para os de santos ou para o Cristo? O que não nos obriga que se os adore.

Vejamos a definição de imagem num dos maiores léxicos:

"Representation de quelque chose en peinture, en sculpture, en dessein etc.". (Representação de qualquer coisa em pintura, escultura, desenho...)

Por maneira que, segundo o amigo, essa representação será inútil se tratar da de um cidadão ou cidadã qualquer, mas se for a do Cristo ou a de Maria eis aí o pecado.

Se pusermos numa peanha o busto de Beethoven, pode ser que admirem o meu bom gosto. Se adquirir "A Gioconda", de Da Vinci, é de crer que chegue a causar inveja. Se ornamentar minha casa de estátuas, ainda que dos deuses mitológicos, é possível que venham a admirá-las os mestres da estatuária. Ai de mim, porém, se a escultura, a pintura

ou o desenho representarem uma dona qualquer a quem deram o nome de Santa, ou a Virgem, ou o Divino Mestre, ainda que sejam as respectivas representações verdadeiras obras de arte.

O busílis é a santidade do quadro, porque há um texto bíblico que o proíbe. E diante do texto...

Entre a provável adoração de um quadro e a infantilidade do texto, em que ficamos pior?

Não, meu caro amigo, é preciso não confundir a posse de um quadro com a adoração de imagens.

AINDA O CULTO DAS IMAGENS

(31.ago.58)

Volta um confrade do Rio a tratar do assunto; os meus argumentos não o convenceram, o que muito me penaliza, e me declara, em abono dos seus, que não tive o prazer de ler, ver ou ouvir, que Moisés foi contra a adoração de imagens⁴ e a Federação Espírita Brasileira também foi sempre contra as mesmas. E que, ainda agora, se manifesta no “Reformador* por esta forma:

“No Espiritismo não há imagens nem santos, nem sacerdotes...”

E mais:

“Não necessitamos de imagens para fortalecer a nossa fé”.

E ainda:

“Em vez de se preocuparem com exterioridades devem estudar as obras de Kardece Roustaing...”

Ê preciso, antes do mais, distinguir entre adoração de imagens e o direito de possuir imagens.

A adoração de imagens ou seu culto não tem significação, nem utilidade, nem importância. É um fanatismo como qualquer outro. As razões por que uma pessoa possa conservar uma imagem é o que eu expus e defendo. Entre ter qualquer coisa e adorá-la vai grande diferença.

Apesar da futilidade do assunto, abalanço-me ainda a tratar dele. O fato de Moisés ser contra as imagens em nada abalaria aquelas razões, ainda que Moisés fosse um poço de virtudes e sabedoria, o que esteve muito longe de acontecer.

Entretanto Moisés nada tem que ver com os meus argumentos, porque, segundo a própria transcrição do amigo, ele era contra a adoração, o que eu também seria, se o

⁴(1) O bezerro de ouro

assunto merecesse ser considerado.

Restam os ensinamentos da Federação que o meu correspondente colheu no "Reformador", os de que não há imagens em Espiritismo, e de que não necessitamos de imagens.

Esta opinião, sim, pode colidir com o nosso modo de ver, ao qual parece um desmentido. São, porém, simples afirmativas, maneiras de encarar a matéria, sem qualquer elemento ou argumento em que se estribem. Opinião muito respeitável, sem dúvida, mas que, dada sua forma axiomática, não poderia remover os argumentos que expendi. Menos do que imagens, o de que necessitamos são pontos de fé.

E como a imagem é a representação de um objeto pelo desenho, pela pintura, pela fotografia, a Federação, que o amigo cita e em que se escuda, deveria começar por dar o exemplo e mandar tirar do "Reformador" o retrato de Allan Kardec recolher a revista do "Centenário", onde a fotografia do Mestre ocupa uma página colorida

Seria pena, porque aquela Sociedade nos apresentou uma bela revista, mas a coerência *super omnia*⁵.

E por fora, ainda, todos os retratos que se acham em seu salão.

Também nem sempre poderemos despreocupar-nos das exterioridades. Nada há mais exterior que a vestimenta. Mas se não nos vestirmos convenientemente, se o pouco caso com as exterioridades fizer com que deixemos a roupa no cabide, iremos dar com a pele na Polícia.

As exterioridades, por vezes, são imprescindíveis. *Cun fueris Roma, Roma vivitur mora*⁶.

CONSULTAS A GUIAS (31.mar.66)

O Renato fez uma consulta aos guias e, como a resposta fosse um tanto insensata, indaga se deve ou não recusá-la.

E ainda tem dúvida sobre isto? Primo - Nunca devemos indagar de entidades espirituais aquilo que estiver em nossa alçada resolver; nem os assuntos particulares, nem os de interesse material. Segundo - Nem sempre teremos elementos para saber se a resposta foi dada por um guia ou por um truão. Tercio - Respostas absurdas devem ser imediatamente refugadas, porque, se a iniciativa é dos Espíritos, a crítica na investigação é nossa. Não poderemos, jamais, abdicar do nosso justo critério. Já passamos do terreno de fé cega.

No caso vertente, está claro que o amigo não poderá submeter-se às tolices de informante. Trate de puxar pela cabeça e agir por si próprio, que não viemos ao Mundo para viver à custa dos outros, senão para ser feitura de nós mesmos. O que pretende andar

⁵ (2) *Acima de tudo*

⁶ (3) *Quando fores a Roma, vive com os costumes de Roma.*

às costas dos Guias está em caminho da confusão.

VELHO HÁBITO (31.out.58)

Adriano Pimentel, Itararé (SP), indaga:

“É costume já arraigado entre as famílias o hábito de se pedir a bênção aos avós, pais, tios etc. - Queríamos saber do distinto confrade qual sua opinião e como deve ser encarado dentro da Doutrina esse velho hábito?”

A Doutrina não se manifesta especialmente a respeito.

Como simples forma, seria dispensável. Há que considerar que se trata de um velho hábito, como diz o confrade, e já abonado pela tradição. É possível, ainda, a existência de uma influência salutar, porque a bênção, extraído o formalismo, é uma espécie de prece, é o desejo de que o abençoado seja feliz.

Não há motivo para a proscricção.

As velhas usanças, porém, já vão desaparecendo e, por vezes, o respeito secular dos descendentes pelos ascendentes.

UM PESO E DUAS MEDIDAS

(28.fev.59)

Escreve-me um confrade de SP:

Há poucos dias, ouvi, pela Rádio Aparecida, um padre zangado contra o barulho provindo de alto-falante de um jeep em plena campanha eleitoral, “justamente na hora da consagração à Virgem”.

Convenhamos seja essa, a de perturbar o culto de qualquer crença, um praxe de muito mau gosto. Entretanto, para mim, esse foi um ato que veio confirmar ajusteza da lei de causa e efeito, porque, segundo me contou um fiel da Congregação Cristã do Brasil, quando os “glórias” estavam procedendo à cerimônia do batismo, ritual importante para a sua crença, na cidade de Santo Antônio da Platina (PR), também foram interrompidos e prejudicados.

Sabe como?

Por um jeep, munido de alto-falante, fazendo propaganda da “religião católica”.

As palavras saídas do alto-falante (não sei se pronunciadas pelo próprio frei) **condenavam** o ato que estava se realizando, tachando de “hereges” os que praticavam, de “desrespeitadores da Virgem” etc.. Como este ato se passou há dois anos, o que referi antes, o da Aparecida, deve ser uma espécie de choque de retomo, com jeep e tudo.

PRECE E CASTIGO (31.mai..66)

Que não se vá confundir o título com o livro de Dostoiewsky - *Crime e Castigo*. - Aqui se trata de umas ligeiras linhas do velho amigo Chaves, de Itararé, que me diz:

Aonde vão as preces? Se Deus, que tudo sabe, tudo vê, tudo PROVÊ, para que apreze? Se, consoante a atual corrente espirita, não há o castigo, e sim conseqüências da nossa ignorância infimta, como o Universo, veja bem, Mestre), já não é tempo de trocarmos as palavras "castigo", "punição", por outras que mais se aproximem da verdade?

De fato, teoricamente, a prece seria dispensável, desde que temos que seguir determinada rota e desta não poderemos fiigir. Já os budistas diziam que não adiantava rezar, porque o destino é inexorável. Alguns irmãos nossos eram desse parecer, e não queriam que rezassem por eles, para não perderem tempo. Mas o caso é que, comunicando-se conosco, já não tinham a mesma opinião, do Além.

O caso é, ainda, que vamos caminhando como se esse destino não estivesse marcado, sem o que cairíamos num determinismo desolador.

Nós sabemos que não fugiremos à chuva, se ela tiver que cair em nós, mas é vermos o céu toldado, logo nos vamos premunindo com o guarda-chuva. Sabemos que ninguém escapa à moléstia que o deus vitimar, mas é aparecer-nos um sintoma um tanto mórbido e logo corremos a Médico. Pois é, amigo Chaves: a prece faz o efeito do Médico e do guarda-chuva.

Nas maratonas, durante a corrida, há postos de abastecimento para os competidores onde o pessoal de apoio distribui copos d'água que os maratonistas, sem parar, vão apanhando e vão bebendo. Aquele copo dágua não diminui a trajetória da prova, mas ajuda a chegar. E como ajudai

Em outro comentário, dr. bnbassahy lembra que, de fato, não há castigo para o indivíduo em prova, apenas resgate de seu débito, talvez, por isso, não tenha se manifestado no presente caso à observação feita pelo seu amigo de Itararé (SP).

ASSUNTO VARIADO (31.mai.68)

Irineu Borsi, S. Paulo, propõe as seguintes questões:

1) Pode um espírito reencamar-se se ainda possuir parentes de primeiro grau na vida terrena?

Por que não?

4) Os espiritas devem adaptar-se às cerimônias religiosas tais como Batizado e Casamento?

Não há necessidade nenhuma.

5) Há espiritas que usam defumação para tirar as más influências. Isto vem a ser ou não crendice?

Tem influência entre os espíritos atrasados.

6) *Que vem a ser a Lei da Causa e Efeito?*

É a lei pela qual o indivíduo sofre as conseqüências de seus atos.

7) *Um trabalho espiritual em que se dá passagem para Espíritos não esclarecidos pode ser assistido por crianças? Se ha algum inconveniente, o porquê disso?*

Os trabalhos espirituais não fazem mal às crianças quando elas se acham familiarizadas com o ensino e conhecem o assunto com a mesma naturalidade e simplicidade, como quaisquer outros da vida cotidiana

8) *Conheço determinado Centro que não permite Espíritos sofredores tomar o aparelho de um médium. Alegam que os Protetores levam-no para a Escola do Espaço. Em meu ver, há necessidade de que esses Espíritos se comuniquem, porque a finalidade do médium não é só receber Espíritos evoluídos como também os que necessitam de esclarecimento. O que o irmão acha a respeito?*

Só é desaconselhável a “incorporação” de um Espírito sofredor quando o médium não estiver em condições de recebê-lo.

Parte IV

RELIGIÃO I TEOLOGIA

- O Budismo
- Santos que choram
- Como se deve orar
- Penas: Inferno - O acomodar-se às queimaduras
- O inferno
- O Deus de ontem e o Deus de hoje
- Das obras super-rogoratórias
- Sacrifício de Jesus
- Teosofia e Espiritismo
- Metempsicose ante a Teosofia

O BUDISMO (31 .jul.60)

Pede-me Sanasata, Rio, que lhe dê uma idéia do que é o Budismo e sua relação reencarnacionista com o Espiritismo. Como, porém, as minhas idéias podem não merecer fé, e a minha opinião parecer suspeita, prefiro apresentar-lhe o que diz o dr. Edward P. Wilson com “ A Complexa Mitologia Da Índia”:

O sofrimento de que o Budismo cuida não é exclusivamente a dor do mundo da filosofia alemã: é a velhice, é a doença, é a morte, é estar unido a quem não se ama, é viver separado de quem se gosta, é não realizar um desejo, enfim, é tudo a que se tem aversão.

Pôr um termo às dores, eis um grande objetivo a que se propõe, sejam as que nos afligem, sejam as que torturam os outros. A moral búdica é uma espécie de higiene mental, ensinando que todo sofrimento emana da ignorância.

Demonstrando desconhecimento, muitos autores ocidentais deram a Buda o aspecto de um sonhador negligente, de um nihilista incapaz de qualquer esforço. Mas Buda, que consagrou mais de cinquenta anos à pregação de sua doutrina e morreu em plena atividade, octagenário, à beira de uma estrada que percorria a pé, nem de longe se parece com o tipo assim tão mal pintado.

As doutrinas de Buda são uma escola de estóica energia, de perseverança inquebrantável, de singular audácia visando à conquista da Sabedoria para a destruição completa do sofrimento.

O sannyâsin do budismo não é o monge cristão que renuncia aos bens da Terra para ganhar os do céu, nem o místico que quer a todo custo unir-se a Deus. O seu abandono, sem o caráter do sacrifício, é aversão ao que os homens consideram bens e alegrias do mundo.

Como se vê, perfeito acordo com a Doutrina dos Espíritos, que busca o conhecimento como base do progresso; que não procuraador, aceita-a, resignado, se anão pode vencer, e foge dos chamados prazeres do mundo porque são efêmeros, ilusórios e prejudiciais. Nada de misticismo estéril.

A reencamação é um acontecimento natural da “roda das existências”, aque nos levaparao outro mundo e nos traz de volta, se estivermos “pesados” de faltas, para resgatá-las na Terra até que fiquemos livres desse lastro que nos obriga ao retomo.

SANTOS QUE CHORAM (31.dez.55)

Fizeram-me, já lá vão alguns meses, umas indagações a respeito do sangue de São Genaro, esse famoso milagre que os católicos oferecem aos seus fiéis. Ao tempo, perpetrei uma resposta suculenta e erudita que, não sei como, desapareceu; não sei se jaz extraviada entre os meus alfarrábios ou nos escaninhos postais.

Perguntam-me agora o que há de verdade nas imagens que revelam alegria ou pesar,

nas santas que choram.

Não é este um fenômeno contraditório nos Anais de Metapsíquica. Nunca os experimentadores tiveram a fortuna de observá-lo, embora não falem as explicações para o mesmo, nem sempre muito claras.

Vale a pena ouvirmos o seguinte, quando mais não seja, a título de curiosidade:

Conta-se que, em certa cidade, por ocasião das invasões napoleônicas, uma santa, traduzindo os sentimentos da nação invadida, pôs-se a chorar. Mas um sargento, sabendo disto, entrou pelo templo, mandou chamar o pároco e lhe disse:

- Ó meu velhinho! Se esta santa continuar chorando, vai haver o diabo aqui dentro.

A santa, vendo tratar-se de um bruto e prevendo as tristes consequências de sua choradeira, resolveu não chorar mais.

Com o sangue de San Genaro, *mutatis mutandi*, deu-se a mesma coisa e as santas continuarão chorando, vertendo lágrimas, até, de sangue.

COMO SE DEVE ORAR (31.jul.59)

Acha o Sr. Custódio de Melo (será parente do grande Almirante?) que nós devemos orar de pé, em respeito a Jesus, como fazem as grandes sociedades espíritas evangélicas, no Rio e em São Paulo, e desaconselha-me a ensinar o contrário.

Eu não ensino nada, Sr. Custódio; aponto, explico, transcrevo...

E quem lhe dirá que o nosso respeito a Jesus está nas pernas? E por que há respeito em pé e não sentado? A prece deve ser feita de maneira que haja a maior concentração possível e esta não se poderá dar na posição incômoda a que alude.

E se as grandes sociedades espíritas evangélicas no Rio e em S. Paulo oram de pé, fazem-no precisamente como Jesus censurava:

“Quando orardes não sejais como os hipócritas porque eles gostam de orar em pé, nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens.” (Mat. 6:5-6)

Portanto, segundo Jesus, orar de pé não é respeito, é hipocrisia.

PENAS: INFERNOS - O ACOMODAR-SE ÀS QUEIMADURAS(30.abr.61)

Ê ainda do irmão Chaves, admirável escritor, o seguinte período:

“Bem, vamos admitir o caso duma comutação de pena: que o tal Deus não quisesse, no caso citado, aplicar a pena de Talião. O mesmo assassino tivesse a pena capital trocada pela de cegueira total, adquirida 15 anos após o nascimento terreno, numa vida que se prolongaria por 70 anos. Porque 55 anos desse castigo horrível por um crime cuja consumação não durou mais que um minuto? E note-se que esse crime de matar o semelhante não deve ser tão grave assim... quando

nós não nos impressionamos de modo nenhum com a chacina dos inocentes irracionais a nossos repastos.

E por falar em animais, os chamados irracionais também 'pecam' para receberem (algumas espécies) essa inexorável sentença de morte? Pecam para virem alguns em forma de monstros, frangos de duas cabeças, cavalos com 5 patas (tal como a maioria dos nossos legisladores) etc. etc. ?

Não, aqui há qualquer coisa errada; há aqui uma nova tática para intimidar o homem. O inferno do Catolicismo já não atemoriza ninguém, por desmoralizado o diabo. O Espiritismo buscou numa lei de causa e efeito, estranhamente manipulada, o sucedâneo do inferno, centuplicando, porém, os efeitos da mesma causa; em contrapartida, acenando aos bonzinhos com um prêmio pouco sedutor que muita gente de bom senso rejeita, mandando esse país de delícias às urtigas.

O inferno espírita é muito pior que o dos católicos, pois neste, ao menos, nas caldeiras de Pedro Botelho, há a esperança de que acabaremos por nos acostumar com as queimaduras, ainda baseado numa das leis, feitas por esse mesmo Deus: a lei de adaptação segundo a qual a função faz o órgão. Ao cabo de alguns anos ou o corpo (ou a alma?...) se desintegraria totalmente, consumido pelas chamas ou pela água em ebulição, transformando-se em pó ou vapor, ou, então, adquirindo uma resistência, em função, também, da lei da evolução, mediante a qual o calor já não lhe fizesse moosa.ⁿ

Não há. dúvida de que existe muita coisa errada ou que parece errado no funcionamento universal e confesso que, se não fossem as provas trazidas pelo Espiritismo, seria ateu. E é quase com inveja que vejo um crente abrir a Bíblia e julgar que está tudo ali devidamente esclarecido, ou mesmo um espírita, quando põe de lado as luzes da Filosofia Espírita, julgando que lhe bastam os textos santos, cujas dificuldades cada qual resolve pela própria cabeça, embora as diversas resoluções não se acolchetem.

Deixemos por enquanto o caso dos animais que merece estudo mais prolongado e complicado, complicação de que alguns julgam safar-se, dizendo que os animais não sofrem. Ora, teríamos que falar na lei da evolução, na responsabilidade, e ver até onde ia a dos animais; na sua inteligência, nas suas aptidões, na sua velhacaria, nos seus bons e maus sentimentos, para chegarmos a uma responsabilidade pelo menos relativa, e isto toma tempo.

O fato de não nos importarmos com a chacina desses seres infelizes não significa que esteja tudo muito certo. O nosso procedimento para com os animais é consequência do nosso atraso, atraso verificado em toda gente e em toda parte. Não se esqueça, amigo Chaves, que este mundo é um dos piores que rodam pelo Espaço, com bazófia de astro, como dizia um escritor. Mundo de provas, mundo inferior, mundo muito ordinário. E, como se faz com lugares ruins, povoaram-no de cafajestes, e infelizmente cá nos meteram a mim e ao amigo, provavelmente por engano.

Os Espíritos Superiores sempre nos recomendam benignidade, benelovência, bom trato

para com esses "irmãos menores"; e muitos povos, como os orientais, não comem "cadáver". O ensino de Buda recomenda claramente, com a abstenção dos vícios, a da alimentação carnívora.

Segundo os Espíritos, a pena está na conformidade do delito. É de crer que, lá em cima, eles sabem medir isso melhor que nós, e tenham mais prática no estudo das proporções.

Parece-me certo que o tempo não tenha nada que ver com a crueldade; não é compasso para aferir-se a extensão do crime. Um indivíduo que levou anos minado pelo ódio, perpetrando uma vingança, muitas vezes injusta, e realizou-a de maneira bárbara, com todas as circunstâncias agravantes, unindo o embuste à fereza, a traição à perversidade e que, além de matar, infama, esse, aos olhos do amigo, deveria ter uma pena suave, porque consumou o assassinio em poucos minutos.

O malvado que busca supliciar a vítima deveria incidir na complacência divina porque essa vítima, não resistindo à tortura, como acontecia nos antros da Inquisição, sucumbiu em pouco tempo, muito contra o desejo do supliciante.

No Alto, ao que parece, somam-se todas as parcelas, e não só entraem linha de conta o ato malévolo, senão tudo o que rodeia, e ainda o que vai na alma do sujeito, que, muitas vezes, não foi além porque não pôde. Nem sempre a ação chega a concretizar-se, mas a atenção do indivíduo, com toda a lama existente no seu íntimo, vai para a balança: é esta que dita inflexivelmente a sorte do criminoso.

O amigo contou-nos aquele caso infame, fescenino e sujo cometido por um delegado, vingança que chega a fazer estremecer de horror. Acaso o pouco tempo da consumação ou os poucos segundos em que ele deu a ordem poderão eximi-lo da pena que merece? Aquilo tudo faz parte do esterquilínio em que lhe vive mergulhado o espírito, e o lameiro todo é que vai influir na concha apresentada ao Supremo Juiz.

Quanto às esperanças de sair um cidadão transformado em vapor das caldeiras de redro Botelho, é coisa que não tenho informação, nem ninguém jamais a teve, e acabará produzindo um terrível alvoroço nos arraiais eclesiásticos. Por que será a desmoralização do inferno. Onde viu aquilo?...

Muito longe de agradar ao Clero, o amigo lhe tira, com as penas eternas, uma instituição milenar, além de revogar, por conta própria, os catolicismos, os manuais, as bulas, os concílios... E toda a Teologia Dogmática que vem por terra!

Outra revolução tará o caro companheiro na Medicina, familiarizando o sujeito com a queimadura. Aqui, o queimado ou se cura ou morre, mas acostumar-se com a chama, com a água fervendo, criar órgãos à proporção que vai torrando, isso provocará na Academia maior escândalo que na Igreja livrar-se o réprobo da mossa que lhe faz o calor.

E se tal notícia chegasse aos postos da Inquisição, iriam os infelizes pedir que demorassem as chamas até que novos órgãos surgissem do corpo carbonizado.

Bem, amigo Chaves, é bom ver outro processo que coloque o Espiritismo em inferioridade

à Igreja. Este não serve, que vai dar barulho.

Cabe aqui esclarecer que Álvaro Chaves, na época, escrevia contestando dr. Imbassahy, com quem manteve uma pequena polêmica na qual procurava encurrular o Espiritismo com tiradas iguais à que foi transcrita na presente coluna. Seu principal objetivo era confrontar a Doutrina Kardecista com os cânones católicos e mostrar que, no que tangia ao lado cristão, o Espiritismo pecava pela base, evidentemente, considerando como básica a posição da Igreja Romana, da qual fora oriundo.

Por algum acaso, em 1960, os escritos do Chaves tiveram penetração no meio espírita e alguns correligionários do dr. Imbassahy apelaram para sua proverbial fiugma polêmica a fim de contestar as irônicas tiradas desse escritor.

Alguns outros insertos foram publicados na coluna, porém, nossa escolha recaiu pela mais objetiva, em face do tema abordado, para dar uma pequena mostra do caso. Esperamos ter acertado.

*E o curioso é que a lei de Talião referida logo no começo visava a que se evitassem injustiças: se teu inimigo te arrancara um dente, cabia-te, apenas, arrancar-lhe outro e nada mais, não lhe podendo jurar os olhos, como muitos faziam, por vingança, daí o "olho por olho, dente por dente".
Justiças do passado!*

O INFERNO (30.abr.65)

Escreve-me o professor Roberto Coimbra, de Lavras:

"Isto é do Rev. Galdino: As Escrituras afirmam peremptoriamente que há eterno castigo para réprobos e impenitentes, no porvir. Leiam-se os passos de Mat. 25:41; Mar. 9:44,45 e 3:29; II Tess. 1:9; Judas 13. Convém recordar que Deus não fez o Inferno para as criaturas (Mt. 25.41), mas estas lá irão por escolha própria (João 5:40), visto que renunciam o meio claro e único de evitar (João 5:24) - Consultório Bíblico, v. I, p. 34.»

Como o amigo sabe, não existe o Inferno no ensino dos Espíritos. Nem seria justo condenar-se a penas eternas um indivíduo que não conhece as Escrituras e que é atrasado porque nasceu assim.

Muitos de nossos atos obedecem a impulsos, a ímpetos, a paixões, a desejos, por vezes irrefreáveis, dado o temperamento do seu portador.

Jãvieram conosco desde o berço, onde o honrado pastor diz que foram formados. E o ser inferior não sabe como os dominar, nem compreende porque os deva dominar. Não foi ele que os fabricou, e muitos supõem que trazem um belo ornamento, como os heróis, os matadores, os vingadores de sua honra. O instinto é inato, e o indivíduo vai sendo dominado por ele até chegar a um período onde possa perceber que o deve dominar.

Em suma O indivíduo surge atrasado no cenário da vida; as suas ações derivam desse atraso; nessa fase são atávicas as suas reações. Há nele o predomínio da animalidade sobre a

espiritualidade. Achar que foi ele quem escolheu o Inferno, quando não foi ele que foi a sua inferioridade, é um contra-senso. O progresso espiritual é produto da evolução. É o convívio humano, nas agrestias da natureza, nas asperezas da existência, nas quedas e soerguimentos, que o homem se vai civilizando, moralizando, aprimorando. As dores serão elemento de progresso. O sofrimento eterno é que não se sabe que finalidade terá.

Quanto à exegese dos textos, deixo a outros mais competentes ou mais atilados, que eu nunca tive jeito para ela.

O DEUS DE ONTEM E O DEUS DE HOJE (30.nov.60)

Discutia-se calorosamente numa roda de amigos sobre a divindade e um deles achou que a noção de Deus não havia mudado, que todos ainda pensam da mesma maneira sobre Deus, e tirava a ilação das verdades escriturísticas, visto que tinham aprovação universal no tempo e no espaço.

Na roda houve uma aprovação tácita; viu-se mesmo certo acordo num abaixar de cabeças. Eu, como não fosse cheirado, fiquei quieto.

Mas agora direi à puridade que nunca vi fosse a aprovação universal sinal de certeza. Antes pelo contrário, as aprovações universais recaem em tolices.

Além disso, não é verdade que a noção de Deus não tenha mudado. Antes, ela se vem modificando de acordo com a elevação das mentalidades. Já não se crê no Deus antropomorfo; o Deus velho, barbado, trôpego é hoje irrisório. O Deus que os espíritos nos pintam está muito longe do tipo bíblico.

E a propósito, lembra-nos um trecho de Medeiros e Albuquerque.

Indo com um amigo ao Hospício Nacional viu lá um maluco que tinha a mania de ser Jeová. Deixara crescer a barba, fazia profecias... Mas, diz-nos o escritor em sua verve ferina, ele não tinha semelhança nenhuma com o personagem que escolheu: era bom, manso, amável, tolerante...

DAS OBRAS SUPER-ROGATÓRIAS (30.jun.55)

Continuando a responder ao Sr. Zucker, preferimos, para a resposta, valer-nos de um erudito professor, o Rev. Armando Ferreira, que nos diz:

“Trata-se de doutrina romanista sem base nas Escrituras Sagradas. É uma coisa parecida com a história das contas com saldo credor. Um indivíduo, de tanto que praticou a

caridade, fez mais do que era necessário. E esse o espírito dessa estapafúrdia doutrina. Então, para não se perder o saldo, credita-se a outrem que ele careça. E o que se passa com as missas para defunto: Se as almas objetivadas por elas não carecerem mais das mesmas, são transferidas para outras almas trancafiadas no Purgatório.”

Uma beleza, como se vê, em matéria econômica. Esta não lembrou ao Jean-Baptiste-Say.

o rev. Armando Ferreira, protestante, tomou-se amigo do dr. Jmbassahy através de umapolêmicajornalística que comele manteve, amizade esta que, com o tempo, tomou-se tão íntima a ponto de ajudar ao amigo em sua coluna, dando também esclarecimentos aos consulentes. Esta é a verdadeira confraternização: cada um continuou com seus pontos de insta.

SACRIFÍCIO DB JESUS (15.set.51)

Outra pergunta de Galdino:

Se o sacrifício de Jesus, segundo os espíritas, é absurdo, como explicam esse sacrifício, se Jesus não tinha culpa nenhuma sua a resgatar?²

O autor não devia generalizar no que toca ao sacrifício de Jesus que, “segundo os espíritas, é absurdo”.

O muito amor ao Mestre faz com que aqueles que o veneram o julguem sem nenhuma culpa a resgatar. Dai o crerem infalido, entre outros, os Espíritos que se comunicaram com a Senhora de Colignon. Desse profundo respeito para com aquele que nos trouxe uma belíssima doutrina, que procurava inocular no coração humano o sentimento de piedade, da fraternidade, da humildade e do perdão, nasceram vários dogmas religiosos, como o da eterna retidão de Cristo, da virgindade de Maria, da infalibilidade dos textos evangélicos, do corpo fluídico do Mestre, do seu nascimento excepcional...

Alveme perguntava-me, há pouco, qual a minha opinião pessoal sobre esses pontos.

Ora, meu bom amigo, há pontos que eu não tenho receio de submeter ao cadinho do raciocínio. E se os fenômenos não encontram na experiência milenar nada que os justifique, não sabemos como defendê-los, ou, pelo menos, não o sei eu.

O fato para ser aceito deve ter a comprovação do tempo, e testemunho humano, as lições dahistória. Se tudo isso nos falha, só possuímos a nosso favor a fé, e a fé não conta para os que querem demonstrar.

Entretanto, aqueles que divergem de nós, que só aceitamos “O alegado e provado”, podem estar, em esfera espiritual muito acima, porque colocaram o seu amor ao Divino Mestre em grandes alturas, deixando por esse amor, inteiramente de lado, aquilo que, com muita vaidade, nós chamamos a nossa razão.

A minha falha a todo instante, e é pois, a medo, que costumo apresentá-la; não compreendo a justiça sem que todos passemos pela mesma retorta. Além disso, vemos que

os seres agem, nos primeiros estágios da evolução, arrastados pelos instintos, por paixões que o entendimento não pode dominar, por impulsos superiores às forças individuais, por sentimentos que a incultura e a debilidade mental não podem reprimir.

Se há porém, um ser que já foi criado com o discernimento necessário para fiscalizar os seus atos, ou sem as paixões que nos conduzem às faltas, esse é um privilegiado.

Isto é o que me diz o meu falho raciocínio. Nós vemos, porém, constantemente, os fatos desmentirem os nossos castelos espirituais. É, portanto, perigoso lançar afirmações categóricas, quando começamos a dar os primeiros passos em meio ao imenso nevoeiro que nos cerca.

Ouso, apenas, algumas reflexões para o estudo do problema, que está inçado de dificuldades.

TEOSOFIA E ESPIRITISMO (28.fev.57)

J.J. quer saber, “por favor”, o que é a Teosofia e a diferença entre ela e o Espiritismo.

Se eu soubesse, tudo diria, sem favor nenhum.

Posso dizer-lhe, ligeiramente, entretanto, que a Teosofia é uma síntese da crença em Deus e da natureza, ou a doutrina religiosa que tem por objeto o conhecimento de Deus revelado pela natureza, e, ainda mais, a elevação do espírito até a união com a divindade.

Segundo Cláudio de Saint Martin, o homem é um espírito caído da ordem divina na ordem natural e que tende a voltar a seu primitivo estado. Obscurecido pela matéria, esse espírito se vai aos poucos esclarecendo; ele opera, lentamente, uma evolução ascensional para seu estado primitivo, depois de sucessivas transformações. Chega ao termo por uma espécie de iluminação; estuda a natureza, penetra-lhe os mistérios e a domina.

Começa com Paracelso no séc. XVI, é seguido por Saint Martin até o sec. XVIII; divide-se em vários ramos; há um ramo teológico e outro erudito, raciocinado, filosófico. Ao primeiro pertencem Paracelso, Boehm, St. Martin; ao outro, Comélio, Agripa, Weigel, Flud, Van Helmont, Swedenborg. Tem tomado diversas tendências, em especial as seguidas pela Sra. Blavatsky, por Cody Caithness e outros vultos importantes.

Há várias semelhanças e algumas divergências com o Espiritismo, dependendo do ramo. Crêem na reencarnação, na imortalidade, e na comunicação dos Espíritos, embora muitos teosofistas reprovem esta comunicação. Eles preferem receber, diretamente, em **corpo astral**, na crise do desprendimento, os informes do plano espiritual.

Entretanto, a comunicação do morto é autenticável e provável, enquanto a viagem do espírito encarnado ao Além ninguém pode ter a certeza de sua realização.

Aceitam a teoria dos cascos, ou casca dos espíritos, providos de consciência, vontade, memória temporária, e que se desfazem com o tempo, o que é inadmissível em Espiritismo, por nunca se haver comprovado tal fato.

Em Espiritismo não se aceita a queda do espírito.

Em suma, o Espiritismo se baseia na prova, o Teosofismo nas declarações dos Iluminados. O chefe da Escola Teosófica, entre nós, foi o dr. Raimundo Seidl, um dos homens, aliás, mais distintos e inteligentes que temos conhecido, e, infelizmente, já falecido.

Podia prolongar-me, apesar do meu desconhecimento e dos erros que poderia perpetrar e que posso estar perpetrando, pois escrevo sobre as pernas*, mas o espaço não me permite maiores delongas.

Paracelso - Philippe Bombast Von Hohenheim, dito - alquimista e médico suíço, hermético, natural de Einsiedeln (1493-1541), veio a falecer em Salzbourg, onde viveu e pregou suas teorias e doutrinas médicas que se perpetuaram pela Europa. Têm estas por fundamento uma pretendida correspondência entre o mundo exterior e as diferentes partes do organismo humano.

Seus pontos filosóficos foram destacados dos estudos médicos e aproveitados por diversos teólogos que pregaram a Doutrina da Criação Divina, negada pelos homens.

Saint Martin - Louis Claude de - chamado filósofo-desconhecido, escritor francês natural de Ambroise (1743-1803), viveu nas redondezas de Paris. Espírito nebuloso, seguidor do Huminismo de Jacob Boehme, tomou-se famoso por sua obra ***Quadro natural de relação que existe entre Deus, o homem e o Universo***, um tratado a respeito de uma doutrina espiritualista absoluta. .-j

* Escrever sobre as pernas - expressão popular, à época, cujo sentido era o de dizer que o fazia sem maiores consultas, com o próprio recurso de seus conhecimentos.

METEMPSICOSE ANTE A TEOSOFIA

(21.mar.53)

Pereira da Cunha, de Belo Horizonte, leu num livro a seguinte definição, que se diz extraída de um Dicionário de Ciências Ocultas:

“A Metempsicose significa para os estudiosos do assunto a reencamação das células materiais de um ser, as quais passam do mineral à planta, depois ao homem e voltam evoluídas ao mineral.”

Cunha indaga se isto será um disparate e estranha que eu não tivesse profligado o erro. Quem disse ao meu prezado correspondente que eu sou a palmatória do mundo?

Ainda mais: não é meu programa profligar erro; não só, para tal, me falta a devida competência, como não teria mãos a medir se fora apontar todos os erros que correm mundo como coisa de muita valia.

O que costumo fazer é ventilar pontos doutrinários, escla-recendo-os, explicando-os, difundindo-os, na pouca altura de minhas forças e de meus conhecimentos. Quando atacam o Espiritismo e sua doutrina, valho-me da tese e discorro sobre a mesma. A controvérsia é um pretexto; ataque é um assunto a tratar. Mas, limito-me ao dito assunto, sem procurar

ferir a pessoa do adversário nem diminuí-lo. O que se acha em jogo é o tema, não a pessoa. Esta entra, apenas, como a proporcionadora do tema.

Em regra, quem tem um ponto de vista não admite contestação. Percalços da nossa vaidade; raros são aqueles que dizem como Buda - eu só sei que nada sei - confissão mais tarde repetida por Sócrates, o mais sábio dos homens de seu tempo, quando declarava: **Eu sei que não sei nada.**

É preciso, porém, contemporizar com as fraquezas da espécie, mantendo-nos sempre dentro da ética, com a calma que a educação prescreve e a doutrina impõe.

Nestas condições, sendo tão difícil a simples explanação de nossos problemas espirituais, como iria eu catar os erros? Trata-se, além disso, de pontos secundários, e só me abalanzo a responder ao amigo Cunhapa para corresponder à delicadeza de sua missiva

Quanto à sua questão, dá-se o seguinte e é que, precisa-mente, os estudiosos do assunto verão, sem qualquer vacilação, que o aludido dicionário das ciências ocultas cometeu um grave equívoco ocultando a ciência

Como o próprio vocábulo indica, **metempsicose** vem do grego **meta** - além e **psykhê** - alma. Ou, segundo Eduardo de Faria - "Grego **meta**, além, e **psykoo**, animar. Transmigração das almas do corpo de defunto para corpos de animais e até de homens recém-nascidos.

O segundo elemento do vocábulo não deixa menor dúvida de que se trata de **alma** - **psykhê**. Psíquico é o que se refere à alma - Veja-se Psicologia, Psiquiatria, psicometria, psicopatologia, psicose...

Procure-se em todo o Universo, fora, já se vê, do tal dicionário ocultista, e se notará que o termo grego que entrou na composição do vocábulo em questão sempre significou **alma**, **espírito**.

Qualquer léxico nos diz o mesmo. Ouçamos um dos mais antigos entre os grandes dicionários, que é o de Moraes:

"**Metempsicose** - Transmigração das almas dos corpos que passam a animar e vivificar outros corpos, segundo os pitagóricos e outros".

E agora Figueiredo, um dos melhores entre os modernos:

"**Metempsicose**. - Teoria da Transmigração da alma de um corpo para outro."

Portanto, quer que se trate de animal ou homens, é sempre **reencarnação da alma**.

Agora, em outras línguas. Vejamos o Larousse de Claude

Augé:

Metempsychosis. - Transmigration des âmes d'un corps dans un autre. (Transmigração das almas de um corpo para outro).

Veja-se o Webster:

Metempsychosis. The passing of the soul at death into another body, whether of a brute or a person; transmigration of souls. The doctrine of metempsychosis was held by the

ancient Egyptians, and is a tenet of East Indian philosophy.

Trad. : - A passagem da alma para outro corpo, com amorte, quer a de um animal, quer a de uma pessoa; transmigração das almas. A doutrina da metempsicose foi sustentada pelos antigos egípcios e é doutrina da filosofia hindu oriental.

Como se vê, a metempsicose jamais poderia ter qualquer relação com células, que é a parte essencial da matéria, que é o elemento fundamental da matéria viva.

Parece que o amigo Cunha deixou de notar na lição do Dicionário das Ciências Ocultas coisa ainda mais interessante: a "célula do mineral", além disso, ela evolui voltando ao mineral! Lá está, conforme cita o amigo - ..."as quais passam do mineral à planta, depois ao homem e voltam evoluídas ao mineral."

Temos, pelo dicionário ocultista, que as células evoluem regredindo. E temo-las ainda saindo do mineral e voltando a ele, ou seja, a célula, este elemento das estruturas orgânicas, a derivar da matéria inorgânica e a tomar a fazer parte dela.

Parece-me que no dicionário das Ciências Ocultas o que está mais oculto são as Ciências.

O que o Espiritismo não aceita, justamente, na doutrina da metempsicose é o retorno a seres inferiores, ou seja, a reencarnação da alma indistintamente noutro ser humano ou em um animal inferior, regredindo no processo patingenético.

A Ciência Oculta é a "Teosofia Atualizada" da Senhora Héléna Blavatsky.

Parte V

O EVANGELHO E O CRISTIANISMO

- Interpolação evangélica
- Cristianismo e Espiritismo
- Questão de definição
- Espiritismo cristão
- Jesus e o receio da morte
- Divindade de Jesus
- Paulo e a reencarnação
- Exegese difícil
- Deixai os mortos...
- Só dá Evangelho

INTERPOLAÇÃO EVANGÉLICA

(30.set.61)

Conta-me distinto amigo, um tanto escandalizado, que certo pregador do Evangelho, e

que, por isso mesmo, devia tê-lo em mais consideração, assegura-lhe que o episódio narrado em João V11:53 é interpolado.

Ora, o episódio em questão é muito conhecido: trata-se da bela e edificante passagem sobre a mulher adúltera. Apanhada em flagrante, querem lapidá-la, segundo o costume; levam-na a Jesus (talvez para embarcá-lo) e ele profere a célebre frase: Aquele dentre vós que estiver sem pecado que lhe atire a primeira pedra.

E os acusadores, já agora acusados pela consciência, foram saindo um a um.

Um dos maiores, senão o maior cultor dos Evangelhos em terras de Santa Cruz, paulista, autor de O Evangelho por Fora, havia-me dito que o aludido texto não constava dos velhos manuscritos. E como eu contasse isto a evangelistas para quem é pecado não acreditar que tudo que está no Evangelho veio direto do Mestre, ou que houve intervenção estranha, disseram-me de vários pontos do país que o caso era falso. Naturalmente conheciam os mais antigos documentos. Não sei se a falsidade era minha ou do estudioso confrade que andou na velha Europa por museus e bibliotecas, verificando estas coisas, o meu sábio amigo dr. Canuto Abreu.

Pus-me, por minha vez, a estudar o caso e verifiquei que os informes eram exatos. O texto de João, apesar de sua filosofia, de sua beleza e de sua moral; apesar de um dos mais primorosos lances evangélicos, constava apenas da tradução e não sabemos como transplantaram para as páginas joaninas.

Diz-nos Grandmaison:

“Não se encontra esse episódio nos mais antigos manuscritos gregos, nas versões sílicas, coptas, na maior parte das latinas antigas, nos mais autorizados comentadores antigos, Origenes, João Crisóstomo, Teodorito”.

E finalizava o estudo da questão com estas considerações: *“Toda gente convirá que a perícope(*) do adultério deve ser contada entre as mais preciosas pérolas da tradição. Mas quanto a sua primitiva origem, e como encontrou caminho até o Evangelho de S. João, é questão inteiramente inexplicada”.* (Léonce de Grandmaison - Jesus Christ - II, 128)

Como vê o amigo, o texto é digno dos lábios de Jesus. Que ele não consta, entretanto, do texto primitivo, parece fora de dúvida. O curioso da questão é que se tinha um terrível rigor contra a mulher adúltera, aponto de apedrejá-la em praça pública, tal uma barbárie, como bem define dr. Imbassahy, das próprias leis da época; todavia, o homem jamais seria adúltero porquanto poderia casar-se com diversas esposas. Diz ele:

‘Jacó serviu a Labão durante sete anos como pastora fim de casar com sua filha mais moça Raquel, só que o velho judeu, em vez desta, deu-lhe a Lia, mais velha, em casamento, obrigando, assim, a Jacó ter que servir como pastor por mais sete anos ao manganão do sogro. Depois disso, além das duas irmãs como esposa, ainda adotou suas respectivas esposas, com quem também teve filhos. Dos quatorze varões só José e Benjamin saíram do ventre da amada Raquel. Grande

moral esta.⁷

'E a pobre mulher adúltera, apedrejada.'

Não podia deixar de transcrever este pequeno e mordaz comentário do dr. Imbassahy, embora contido em outro texto, fora da coluna, porque é um exemplo tácito e clássico da personalidade de um nobre e digno filósofo.

Ainda a respeito da interpolação do texto referente à mulher adúltera, registra um caso muito pitoresco ocorrido em Astolfo Dutra, na época, uma cidade recém-instituída, perto de Ubá, na Zona da Mata Mineira, onde morava Astolfo Olegário de Oliveira, valoroso baluarte do Espiritismo na região e muito amigo do dr. Carlos, tanto assim é que, costumeiramente, levava-o a participar da Semana Espírita daquela cidade, nem que, para isso, tivesse que virão Rio buscá-lo, em seu "fordeco" de biqode.

Pois, numa sessão pública, foi ponderada a questão de que o texto era apócrifo, ou seja, não pertencia a João; fora posteriormente interpolado no contexto evangélico.

Ser apócrifo não é ser falso. Todos são unânimes em admitir que a cena existiu e mostra o poder moral de Jesus perante as massas, só que, provavelmente escrito por outro, não era da autoria de João.

Astolfo Olegário, embaraçado com a história, tendo que dar uma satisfação aos assistentes da reunião, teve uma bela e brilhante tirada como saída para o impasse:

Contou ele que, durante a ditadura Varejas, num dos áureos períodos em Belo Horizonte, havia um sarcástico jornalista que não poupava o Poder constituído e, como tal, veementemente perseguido pela censura. Ficou proibido de escrever.

Neste meio tempo distribuem na capital mineira um panfleto muito bem redigido criticando severamente determinadas atitudes do Interventor Estadual, Benedicto Valladares.

Caça daqui, caça dacolá, os analistas concluíram que aquele escrito só poderia ter sido redigido pelo tal jornalista e, daí para prendê-lo, foi questão de momentos:

- Posso saber, agora, por que fui preso?

Mostram-lhe o panfleto e dizem:

- Por ter escrito isso aí.

O jornalista pega o papel, lê com muita atenção e, depois de relido, declara: ..

- Olha! Não fui eu que escrevi isto aí não, mas está tão bem redigido e diz tantas verdades que sou até capaz de assiná-lo.

Para o Astolfo, João poderia ter feito o mesmo.

⁷ (*) Perícopes, termo que provém do latim, e define a secção ou parágrafo relativo a Livros Sagrados

CRISTIANISMO E ESPIRITISMO

(30.abr.61)

O amigo Jorge Ferreira leu algures ou me ouviu dizer “Cristianismo não é Espiritismo”, e achei nesta afirmativa eu me afasto de todos os confrades, e passo apregar sozinho uma inverdade.

Meu caro, muito lamentaria o afastar-me de todos os confrades, mas se eu estivesse com a verdade, a escondê-la *pour rester bien avec tout le monde* seria um ato de pusilanimidade mental.

A minha frase não é bem apontada. O que não me parece aquela verdade que o amigo proclama é a definição que por ai anda: O Espiritismo é o Cristianismo (redivivo), porque daria idéia de perfeita igualdade entre o Cristianismo e Espiritismo, o que não existe.

O Cristianismo tem por base a Bíblia. Deixar a Bíblia de lado, ou, na melhor hipótese, todo o Novo Testamento, é ferir de frente a doutrina cristã, e muitos, por essa falta grave, foram torrar nas fogueiras, onde os lançou a piedade cristã da época

E não admira o fervor bíblico dos sectários cristãos, quando os nossos confrades, nimiamente evangélicos, não admitem criticas ao Livro Sagrado, em virtude dos textos:

“Errais não sabendo as escrituras.” (Mateus, 22:29)

“A Escritura não pode falhar.” (João 10:35)

Ora, ou o Cristo não disse aquilo, ou a Escritura a que se refere não é a nossa porque essa se encontra cheia das mais deploráveis falhas. Que um apaixonado feche os olhos à evidência não será motivo para que eu me tome voluntariamente cego.

Mesmo no Evangelho há textos em oposição aos princípios espiritas, os quais, provavelmente, nunca os disse o Cristo. Diante disso, não me parece curial a perfeita igualdade que proclama.

Há que considerar não podermos afastar dos nossos domínios outras religiões, como o Budismo, por exemplo, que, em sua parte moral, é igual ao Cristianismo, e, na sua parte filosófica, aproxima-se muito mais do Espiritismo.

Acresce que o âmbito do Espiritismo é universal; insulá-lo numa doutrina religiosa é distanciá-lo das outras.

Há outras faces do Espiritismo que não se encontram nas religiões, faces indispensáveis ao indivíduo, porque contribuem para seu progresso mental, arrastando-o da escravização do dogma para a liberdade do raciocínio.

Ai tem o amigo: o meu modo de ver é especado em razões; é preciso que o amigo as destrua primeiro para falar, depois, nas verdades que eu prego sozinho.

Por certo, não terá o que lhe opor. Só lhe cabe e aos nossos pios confrades a atitude de

um frade, apóstolo de Fé:

Um cidadão foi a ele e, com todo o respeito, dando inequívocas provas de que seu desejo era aprender, apresentou-lhe uma série de questões em franco antagonismo aos preceitos daquela Fé de que ele era o apóstolo.

O bom do homem pensou um pouco, se é que não estava mergulhando a consciência nos páramos celestiais, à procura de uma inspiração, e respondeu:

- Meu amigo, vá para a casa e ore, que você está sob as garras do demônio; é preciso tirá-lo do corpo!

A história não nos diz se ele, em vez da casa, foi parar na fogueira, que era ao tempo o mais eficaz específico contra tão perigosa doença.

Este mesmo Jorge Ferreira voltou a enviar consultas a respeito de vários temas, as quais serão encontradas em outros capítulos.

QUESTÃO DE DEFINIÇÃO (30.jun.61)

Pergunta-me, ainda, Jorge Ferreira, em virtude de uma resposta minha nesta coluna, se eu sou contra o Cristianismo.

Deus me livre! O que sou é contra a definição - **Espiritismo é Cristianismo** -, por uma razão muito simples, porque não representa a verdade.

O que conhecemos como Cristianismo é uma série de asserções referentes a Céu, a Inferno, a Purgatório, a lobos para um lado, a ovelhas para o outro, irremissivelmente separados; é o juízo final, a ressurreição, a cólera divina, o ócio paradisíaco; a maldição eterna, a tentação diabólica e outros princípios inteiramente ao arrepio dos nossos. Temos, pois, que andar debastando, emendando, interpretando, acrescentando, expungindo, e isto já é Espiritismo, porque toda a nossa intervenção é ditada pelos Espíritos.

Os próprios Evangelhos não ficaram preservados da intemperança humana. Ali vemos os percalços do tempo, os cochilos do homem, o dedo dos sectários. Apanha-se, pois, uma doutrina cheia de erros e declara-se: isto é Espiritismo. Tal maneira de ver é que não me parece curial.

Necessariamente há o **nolime-tangere** dos apaixonados. Mas um apaixonado nunca foi guia de ninguém; não é farol que nos oriente. E se os apoiarmos para lhes ser agradáveis, pela nossa insinceridade, estaríamos desagradando os nossos preceptores.

Nota-se aqui, mais uma vez, que o dr. Imbassahy fazia uma grande diferença entre a doutrina ditada por Jesus e o Cristianismo tal como fora pregado pelos homens, já que toda sua parte literária fora escrita por terceiros, em completo desconhecimento de Jesus.

Em assim sendo, defendia que o Espiritismo tinha que procurar a verdade pregada pelo Cristo e não as palavras inseridas nos Evangelhos para atender a interesses doutrinários das Igrejas. É neste ponto que ele divergia dos idólatras da Bíblia e no meio espírita daquela época havia uma grande

influência até de pastores evangélicos que se converteram à doutrina de Kardec porém conservavam o ranço de sua Igreja embutido em suas teorias e queriam impingir aos espíritas tais pontos de vista sob alegação de que, quem os negava, era contra o Cristo.

ESPIRITISMO CRISTÃO (30.jun.66)

Um amigo, que pede lhe não digamos o nome, indaga se é curial a expressão - **Espiritismo cristão**.

Antes do mais, não posso deixar de estranhar a timidez do caro confrade, desejando que não o denunciemos. Já a vida é prenhe de receios: o dos assaltos em plena viapública, o dos furtos de toda a espécie, o da carestia, o das moléstias infecciosas, o das faltas, desde a água até a dos mantimentos, o da guerra, o da bomba atômica... É demais, portanto, o de expender idéias, num país em que elas ainda não são proibidas, onde a consciência, apesar de toda pressão, amouca, ainda se pode manifestar livremente.

Quanto à frase - **Espiritismo cristão** (usada por J. B. Roustaing para definir os "Quatro Evangelhos" por ele compilados a partir de mensagens mediúnicas) - tem ela o inconveniente do sectarismo. Parece que poderemos falar em **espírita cristão**, porque o espírita pode ser cristão, ou budista, ou xintoísta, ou confucionista, conforme o Mestre que reverencie. Nós, aqui, poderemos dizer-nos "espíritas cristãos", visto que apelamos para o Cristo e os vultos da era messiânica. Mas o Espiritismo não se **pode** confinar numa religião, quando ele abrange a todas, quando, **pelos seus** princípios morais, comuns a todas as religiões elevadas, **delas** participa e pode estar plenamente entre elas.

Cumpre ainda acrescentar que há em Espiritismo muitas partes que não se encontram no Cristianismo e muitos preceitos do chamado Cristianismo que não se encontram no Espiritismo.

A propósito, vale lembrar o seguinte trecho que colho num admirável artigo do apreciadíssimo escritor que se assina João Marcus, publicado no "Reformador" de abril último, referindo-se ao Espiritismo:

“...Por outro lado, o movimento revestiu-se, logo de início, de um caráter universal, pregado simultaneamente em todo o mundo, por muitos Espíritos, através de inúmeros médiuns, em todo os ambientes sociais, a todos os povos, em todas as línguas, mas coerente com as idéias básicas, sempre que os pronunciamentos foram ditados por Espíritos equilibrados de elevada moral e conhecimento.”

Esse caráter universal ficaria um tanto acanhado se, para logo, entrássemos no seio dos demais povos levando a nossa religião particular, como os cristãos levavam a sua quando invadiam as terras alheias.

Um outro caso da intimidade ocorreu entre dr. *bnbassahy* e dr. Floriano Moinho Peres, um dos organizadores da "Fundação Cristá-Espírita Paulo de Tarso", junto com Geraldo de Aquino. O

nome escolhido tinha sido Espírita-Cristã posto que seus diretores queriam dar o testemunho da veneração pelo nosso mestre Jesus. Com a conversa, dr. bnbassahy fez ver ao amigo a improcedência do conceito, salvo se se tratasse de uma sociedade rousteúngista; como não queriam abrir mão da idéia de 'cristão', o jeito foi inverterem a ordem dos termos.

JESUS E O RECEIO DA MORTE

(31.out.61)

Pergunta-me um amigo se Jesus teve medo da morte e se não é justo que nós também o tenhamos.

Sim, é justo para aqueles a quem a morte é "o porto escuro, nebuloso e sempre noite" de que nos falava o poeta. Para os que sabem que a morte é a liberdade, não deve ela causar temor nenhum.

Quanto ao Cristo, diz-nos Paulo em carta aos hebreus, 5:7 que:

"Jesus nos dias de sua carne, tendo oferecido com forte clamor e lágrimas orações e súplicas a quem o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido pela sua piedade..."

Em Marcos, 14; 33:

"Então foram a um lugar chamado Getsêmani; ali chegados disse Jesus a seus discípulos: Assentai-vos aqui... E levando consigo a Pedro, Tiago e João começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia."

Muitos tiram daí a conclusão que o amigo apresenta. Eu, porém, não posso acreditar que um vulto, como eu suponho que era Jesus, tivesse algum receio. Mas vá dizer a um apaixonado que a Bíblia pode não estar certa...!

DIVINDADE DE JESUS (26.ago.52)

O M. Garcia, de Madureira, indaga qual "a interpretação que se pode dar às palavras de Jesus - Eu e Meu Pai somos um - porque aí se apegam os nossos irmãos católicos para afirmarem que Jesus também era Deus".

Eu não sou exegeta, mas, segundo me parece, se foi dito.

o Cristo queria dizer que Ele e o Pai tinham a mesma identidade ideológica.

Ele representava o Pai na sua missão divina. Ele não era Deus - nem podia ser, porque, senão, quem governaria o Universo enquanto aqui encarnado? - Dizia-o constantemente nas inúmeras frases em que fala de um Deus maior, mais sábio, melhor que ele; quando se refere a Deus como pessoa distinta, de distinção inconfundível:

"Senhor, por que me abandonaste?" "Afasta de mim esse cálice". Em João se lê: - "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa nenhuma." (5:30)

Por maneira que uma frase duvidosa tem servido para acreditar-se que Cristo era Deus,

contrariando a lógica, quando há, nos próprios Evangelhos, uma infinidade de lances que desmentem aquela divindade?

Obs.: É o caso de se indagar: não teria sido, posterior e propositalmente, inchada no texto bíblico esta frase com o fito precípua de dar uma justificativa à idéia?

PAULO E A REENCARNAÇÃO

(30.set.58)

Perguntam-me se Paulo é pela reencarnação e se há algum texto que o demonstre. (O indagador também era Paulo)

Que eu saiba, não.

Paulo foi um grande vulto do Cristianismo, um lutador impávido, um pensador, por vezes, admirável. Não se lhe pode negar inspiração, mas muitas das idéias que emitia eram suas ou refletiam o julgamento da época. Nem era possível esperar que o truculento e fanático romano passasse repentinamente a santo e infalível, embora mudasse muito.

Foi ele quem estabeleceu ou robusteceu a doutrina da salvação pelo sangue ou pela morte de Cristo e a condenação avita: (*)

“Assim, pois, como por uma só ofensa veio o julgamento sobre todos os homens para a condenação...”(Rom. 5:18)

“Quando éramos fracos, Cristo morreu a seu tempo pelos ímpios...”

“Mas Deus prova o seu amor para conosco, pois, quando ainda éramos pecadores, morreu Cristo por nós.”

“Ora, sendo agora justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.”

“Se, quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte do seu filho...”
(Rom. 5:6-10)

Bastam estes para mostrar que, para Paulo, a salvação consistia na reconciliação com Cristo, em virtude de seu sacrifício.

Do texto em que ele proclama “que só se morre uma vez”, têm católicos e protestantes arranjando forte argumento para provar a inexistência da reencarnação. %

Bem sei que é possível, com habilidade, arranjar diversa interpretação para os textos. E com um jogo, pelo menos divertido, atrapalhar os nossos adversários.

Mas eu não gosto das coisas ajeitadas, nem estou em Espiritismo senão em busca da verdade. O que não me parece claro e indubitável ponho de lado.

O lema principal de nossos estudos é a lealdade, a sinceridade e a honestidade.

A firmeza do Espiritismo não está em textos vacilantes (os indevidamente interpretados), na aceitação de princípios duvidosos, nos livros sagrados onde não houve quem não metesse a sua colher.

Está na prova. Está em sua filosofia. É na Filosofia e na documentação que demonstramos a doutrinas vidas sucessivas.

Os parênteses são meus, como já foram outros.

Pelo texto compreende-se porque dr. Imbassahy se opunha tão tenazmente aos pauttnos, militantes no meio espírita. Sua opinião é incisa e segura a respeito da posição de Paulo, contrária à Doutrina dos Espíritos. () Avito, avita, que advém dos avós ou progenitores.*

EXEGESE DIFÍCIL (31.mai.59)

Um confrade, dedicado a estudos evangélicos, apresenta-me arespostade Jesus, nas bodas de Caná, conforme João 11,3-4: **“Como viesse a faltar vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Eles não têm mais vinho. - Respondeu-lhe Jesus: Que há de comum entre mim e ti, mulher?”**

Diz o amigo que não pode aceitar pudesse Jesus falar desta forma a sua mãe. Não entende as interpretações expostas por aí, e apela para mim.

Não apela bem porque eu também não entendo. Parece-me ajuizado em não aceitar nas interpretações que há por aí; no que fez mal foi em acreditar no meu descortino, tanto mais que só gosto de falar daquilo de que estou seguro e que possa assentar numa prova qualquer. Ora, não há nada mais movediço e mais frágil que uma interpretação, variável segundo o sabor, as tendências e o credo do interpretador.

Roustaing diz o seguinte:

Consideremos as palavras que ele dirigiu a Maria: **Que há de comum entre mim e ti, mulher? Ainda não é chegada a minha hora. - Não tendo até então operado nenhum milagre, Jesus lembrava a Maria que lhe não deveria ter pedido fizesse um, naquela circunstância, visto que ainda não chegara para ele o momento de começar publicamente sua missão.**

Como se vê, não havendo chegado a hora de fazer milagres, Jesus não sabia o que havia de comum entre ele e a **mulher que era a mãe dele.**

Não tendo eu as vistas voltadas constantemente para os Céus, como os místicos, não pude compreender esta explicação.

Podia mostrar outras, mais ou menos de mesmo jaez e igualmente incompreensíveis aos espíritos pouco afeitos às coisas divinas. Limite-me, pois, a apresentar o texto que encontro no Padre Matos Soares, traduzido segundo a Vulgata: **Mulher, que nos importa a mim e ti isso?**

Além de ser mais lógico, ameniza a intranquilidade do amigo e força-me ao trabalho de puxar pela cabeça.

A biblioteca do dr. Imbassahy possuía as mais variadas Bíblias, em diversos idiomas, inclusive a latina, o Velho Testamento do Torá, enfim, dava-lhe condições de pesquisas as mais diversas; o que admira, porém, é que ele sabia onde buscar cada coisa, mostrando sua erudição, organização e

método de trabalho.

Neste exemplo acima, de permeio, sobra uma crítica aberta a Roustaing, o que, na certa, irá desagradar àqueles que garantem que meu sogro fora adepto e seguidor de Os Quatro Evangelhos: além de dizer categoricamente que não pôde compreender sua explicação - a roustainguísta - ainda apresenta uma outra versão do texto, extraída da Vulgata e que, como tal, condena a que foi interpretada pelo representante do Docetismo no meio espírita. Julguem os leitores.

DEIXAI OS MORTOS... (31.jul.56)

Pergunta-me o Sr. Figueiredo qual o verdadeiro sentido do texto de Lucas 9:59 onde se diz: **Deixai os mortos enterrar os seus mortos**; quer saber a que mortos se referem os textos!

A má porta bateu o Sr. Figueiredo. Sendo de fraca imaginação e poucos conhecimentos no assunto, nunca dei para exegeta. Vejamos, entretanto, o que dizem os entendidos e leiamos um erudito Pastor:

"Trata-se no texto, provavelmente, de um ditado popular, que Jesus usou no momento, com muita propriedade. Os hebreus empregavam a palavra morrer, morto, mortes, em dois sentidos, o moral e o literal. O moral indicava uma pessoa indiferente a uma coisa qualquer, ou àquilo que não exercia influência sobre ela. É constante, na Bíblia, esse uso. Por ex.:

"morto para o mundo", "morto para a lei" (Rom. 7:4), "morto para o pecado" (Rom. 6:11); ou uma pessoa morta espiritualmente e viva fisicamente (1 Tim. 5:6). O sentido literal é o da morte do corpo. No texto, a palavra mortos é usada no sentido moral, isto é, o de mortos espirituais, pessoas indiferentes à religião, que não se influenciavam por ela. "Deixai que os mortos espirituais, os incrédulos, os indiferentes à religião, enterrem e cuidem de seus mortos ou incrédulos como eles são", tal é, parece-nos, o sentido do texto referido.

Não se nos afigura razoável pensar que o indivíduo que queria seguir a Cristo e lhe pedia, antes de o acompanhar, o deixasse ir sepultar o pai morto, pois, se o pai desse discípulo tivesse falecido, ele não estaria ali na multidão, sossegadamente, a assistir à prédica do Senhor, mas em casa, velando o corpo, cuidando de enterrar o morto. B se ele estivesse ali interessado com o Salvador, não teria pedido licença para ir fazer o enterro do seu progenitor. O discípulo queria dizer que estava pronto a ser crente e a seguir Cristo depois que seu pai, velho e sob sua guarda e proteção, morresse. Os filhos entre os israelitas eram obrigados a cuidar dos pais na velhice; era este o motivo que prendia aquele homem, afastando-o de Jesus. Então, Este, usando o ditado, liquidou o assunto dizendo-lhe:

- "Não; tu estás interessado em minha religião. Segue-me agora. Deixai os teus, inclusive os teus velhos pais, que não estão interessados na Religião, que são indiferentes a Mim e incrédulos, deixa que eles se enterrem uns aos outros, que cuidem de si mesmos. Tu não, tu estais convertido e vivo. Segue-me." Parece-nos que esta é a explicação razoável ao texto.

Segundo a informação do digno Pastor, aliás, muito conceituado, Cristo teria dado

uma resposta capciosa, ou ilusória, porque se tratava de um enterro de verdade:

“E disse a outro: Segue-me. Porém ele disse: Senhor, deixa que primeiro eu vá e enterre a meu pai.”

Como se vê, não se tratava de um morto espiritual, de pessoas indiferentes à religião, de incrédulos, mas de pessoa a quem o filho levava à sepultura.

Se, portanto, o homem falava uma coisa e o Cristo respondia outra, necessariamente o enganava, e deixou à posteridade um quebra-cabeças. E se o indivíduo não estava enterrando ninguém, o texto mentiu quando apresenta as palavras do outro:

- deixa que enterres a meu pai.

O mesmo se poderia dizer quanto à explicação em Roustaing:

“Os mortos de que Jesus falava são os que vivem exclusivamente para o corpo e não pelo espírito e para o espírito; são aqueles para quem o corpo é tudo e o espírito nada, aqueles que, tendo ouvidos para ouvir e compreender, não ouvem nem compreendem...

Abandonai, pois, os mortos...”

E o pobre do filho, que não sabia de que espécie de morto se tratava, pouco afeito à linguagem sibilina, provavelmente, deixou o pai insepulto; e nós ficamos, durante dois mil anos, à espera do Pastor e do Roustaing para saber o que queria dizer o Cristo.

Como o amigo vê, para entender essas coisas divinas é preciso ter cabeça e inspiração, e eu não tenho nada disso, porque continuo a ver ali apenas um trocadilho, posto no ensino para experimentar a argúcia do pesquisador.

Porque, ainda mesmo que se trate de mortos do espírito, o ideal não seria que um enterrasse o outro, mas que ambos vivessem até compreenderem as palavras e os ensinamentos do Mestre, quando não são deturpadas ou mal copiadas.

Não havia motivo ali para a letra que mata, sem a influência de um matador escrevente e humano.

Vale aqui seguir o ensino de Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* no capítulo – Quem é minha mãe, quem são meus irmãos:

“Se certas proposições de Cristo se acham em desacordo com seus princípios básicos, é que as palavras que se lhe atribuem foram mal reproduzidas, mal compreendidas, ou não são suas”.

Estarão nas mesmas condições os textos incompreensíveis.

SÓ DÁ EVANGELHO (31.jan.66)

Um amigo pede-nos chamar a atenção dos correligionários para o abuso do Evangelismo. É Evangelho pra cá, Evangelho pra lá... Só dá Evangelho. Acrescenta que tudo em Espiritismo se está resumindo em Cristianismo e Evangelho, em vez de tratar-se de Espiritismo, no qual, muitas vezes, nem se toca. E que isso deprecia a uns pelo exagero e ao

outro pela omissão. É Evangelho aqui e ali, aulas de moral cristã, aulas de evangelização, e Cristo a toda hora, numa monotonia de arrasar. Espiritismo, nadai E pede, sabendo de minhas idéias, que eu reforce sua advertência, visto que estamos caminhando para o dogmatismo cristão; brevemente o Espiritismo é (ou será) uma seita como outra qualquer, presa fácil dos Quevedos e outros.

É provável que o amigo tenha razão até certo ponto. Lembraria, entretanto, o que se passou aqui quando da instalação da imagem do Cristo no Corcovado. Muitos espiritas, a igual dos protestantes, entraram a protestar, por tratar-se de uma imagem. E então começaram a surgir as comunicações do Alto. Diziam:

- Trata-se de uma homenagem ao Cristo, e tudo que tem relação com Cristo deve merecer o nosso maior respeito. Nunca nos oponhamos às reverências ao Amado Mestre.

Os espiritas silenciaram.

O mesmo se dá agora. Também acho que a substituição das palavras Espiritismo e espirita por vocábulos outros como o de moral cristã, aulas cristãs, aulas de moral cristã, aulas de Evangelho, aulas de evangelização, sem que se toque nos ensinados a Allan Kardec, dá idéia de que entramos por um ramo do Protestantismo. Em muitos letrados, dísticos, títulos e denominações, como não se fala em Espiritismo, fica-se a pensar que se trata da Igreja Evangélica, de coisas da Reforma, de edificações bíblicas.

Mas, como protestar?

O Evangelho e o Cristo estão em nossos corações. Conservemo-los ali, nós, que não desejamos as confusões e somos contrários aos fanatismos de tão desastrosos efeitos, mas deixemos que os demais procedam como melhor acharem. Obstar parecerá heresia. Tudo vem a seu tempo.

Sobre este tema, há uma tirada muito curiosa do dr. Imbassahy:

Vieram a ele reclamar sobre determinado Evangelizador que empurra a cartilha cristã para os seus discípulos jovens, no entanto, apesar dessa insistente doutrinação, em casa, com os filhos e a mulher era um verdadeiro algoz. Respondeu, então, dr. Imbassahy:

osmose.

Deixe-o continuar evangelizando: pode ser que se contagie por

Parte VI

PARAPSIKOLOGIA - METAPSIKICA - PSICANÁLISE B FENÔMENOS ESPIRITAS

- A parada da Metapsíquica
- Uma cadeira de Parapsicologia
- Hipnotismo e Espiritismo
- Um caso célebre de infestação
- Vidência

- Exteriorização de vivos
- Psicanálise - Psicologia profunda
- A neurose da angústia
- Subconsciente e Psicanálise

A PARADA DA METAPSÍQUICA

(31.dez. 55)

Escreve-nos um amigo perguntando por que a Metapsíquica parou com Crookes, Richet, Lombroso, e poucos outros? E se não é melhor continuar com os estudos bíblicos onde há sempre o que descobrir?

O amigo deve dizer que, nos estudos bíblicos há sempre o que adivinhar, porque nem mesmo as retumbantes descobertas arqueológicas nos têm feito dar grandes passadas além do que já sabemos.

E os tais estudos têm ainda o grande inconveniente de fechar os olhos do amigo, como têm fechado os de muitos outros, por maneira que eles não viram mais nada além do Lombroso, Richet, Crookes e poucos outros.

Robert Amadou, numa recente obra escrita o ano passado (1954), *La Parapsychologie*, diz-nos:

“Há meio século tomei-me psiquista, como então se dizia, porque a Metapsíquica não existia ainda, e as atenções se adiavam dirigidas para as experiências com Eusápia Paladino, no Instituto Geral Psicológico, como o são hoje para a Duke University”.

Como vê o amigo, pela pena de um psiquiatra insuspeito, as experiências da Universidade americana de hoje estão a par das que se faziam no Instituto Geral.

E eu direi que aquelas sobrepõem a estas, já pelo número das experiências, já pela força convincente dos testes, já pelos meios empregados.

O amigo desconhece por completo os trabalhos do J. B. Rhine, o que seria desculpável num íncio⁸, ou num fanático, nunca porém num estudioso de tais questões.

Ora, os métodos estatísticos americanos pode-se dizer que inauguram uma nova época. E eu me refiro à plêiade de cientistas que acompanham Rhine nos seus processos.

Além dessas notabilíssimas experiências, há muitas outras, desenvolvidas, por enquanto, no silêncio dos gabinetes, e que virão a lume.

Há que notar, ainda, o seguinte, que é que, enquanto no passado os antagonistas sempre achavam jeito de acusar de fraude os mais afamados médiuns, nos testes de Rhine ainda não viram onde meter o garfo.

⁸(*jéisdo é antônimo de cōscio e sinônimo de insciente.

E é pena porque o bocado é apetitoso.

UMA CADEIRA DE PARAPSIKOLOGIA

(31.jul.59)

Antônio Ferreira da Silva Quintela é inteiramente contrário à criação dessa cadeira, porque, diz ele, iria desviar-nos do Evangelho, e implantar o Materialismo no Espiritismo. Apresenta-me, para reforçar sua opinião, o seguinte trecho recortado de uma revista:

O Espiritismo é uma doutrina perfeitamente estruturada, sendo ao mesmo tempo ciência, filosofia e religião, destinada à restauração do Cristianismo do Cristo, que visa à completa espiritualização da espécie humana para que possa viver na Terra, feliz, graças a supressão do separatismo engendrado pelas igrejas e pelo materialismo dos que se recusam a reconhecer a existência de Deus e de uma ordem divina, justa e providencial no Universo.

Querer acomodá-lo às mesmas diretrizes da Parapsicologia, com que se pretende levar ao mundo científico a ilusão de que, no experimentalismo puramente materialista em que a pseudo nova ciência se baseia, está a essência dos fenômenos espíritas, é fazer o jogo dos adversários do Espiritismo, que, exatamente o que desejam é que este seja tomado ilegal em sua expressão religiosa, que é, aliás, a única que nos eleva para o conhecimento de Deus, eternamente inacessível, em sua essência ao "experimentalismo" dos homens.

Ora, seu Ferreira, por quem é!...

Que tem a Parapsicologia com o Evangelho, de um lado, ou com o Materialismo de outro? A que embrulhadas conduz o facciosismo religioso!

Seu Ferreira, a Parapsicologia ou a Metapsíquica, como lhe chamava Richet, é tão-somente o estudo dos fenômenos psíquicos desabituais, que também se chama de psiquismo par anormal, e que nós denominamos Animismo ou Espiritismo.⁹

É, portanto, uma Ciência; como ciência estuda fatos da natureza. O seu papel é o de todas as demais ciências; o que elas buscam é o conhecimento, é o saber. O seu campo é a Natureza. Se isto é materialismo, o maior materialista seria Deus que criou a Natureza com seus fenômenos, para que os estudássemos, os compreendêssemos e deles tirássemos os proveitos necessários.

Não há estudo que seja materialista, desde que contribua para a nossa evolução.

O Materialismo é apenas uma doutrina. Se os fatos conduzissem ou conduzirem a ela, pior para nós, espiritualistas, porque a verdade está com os fatos.

Mas parece que não haverá esse perigo. A Metapsíquica, crismada com o nome de Parapsicologia, é essencialmente neutra. Seu caráter essencial, como firmaram seus

⁹(*) Conceito de Alexander Akzacof, para definir os fenômenos paranormais.

pioneiros, é a demonstração do fenômeno. Sobre esse fenômeno é lícito a cada um tirar as consequências que quiser. Como, porém, o que ele revela é a imortalidade e a comunicação dos mortos, esta doutrina é que será, indubitavelmente, a vitoriosa, apesar de existirem os que deturpem seus conceitos.

Sem a Parapsicologia, ou sem o fenômeno, é que não podemos passar. O seu estudo só pode reforçar o Evangelho, de que tanto medo tem o seu Ferreira de que ela nos desvie, porque sua autenticidade só pode ser trazida pelos Espíritos, não tendo nós, fora do Espiritismo, qualquer prova segura de sua realidade.

Só há um inconvenientezinho na Cadeira; mas isto já são outros quinhentos cruzeiros.

Neste final, embora não tenha dito, dr. Jmbassahy referia-se aos Quevedos da vida que usam de Parapsicologia para deturpar o Espiritismo; entretanto, cabe aos espíritas usarem o antídoto para evitar tal veneno e, se não estudarem esta ciência, com que armas irão lutar? A Bíblia, com todo seu Evangelho, é mais perniciosa a nós, espíritas, que a favor da Doutrina..

HIPNOTISMO E ESPIRITISMO

(30.nov.61)

O Marcos, um confrade e amigo, foi assistir à conferência de um ilustre hipnólogo. E esse ilustre hipnólogo declarou que o Espiritismo não passava de ação hipnótica e exemplificou: a um certo cidadão mandou que ele incorporasse a alma de um morto e o cidadão procedeu como esse morto.

Não se soube como foi o procedimento do defunto ou o que teria mandado o hipnotizador que o defunto fizesse. Não houve maiores explicações. E Marcos pergunta o que eu digo a isso.

Chi! Mas há um infinito de coisas a dizer! Imagine se faço aqui desfilar a série dos fenômenos espíritas a ver como o orador desvendaria; onde, quando e como iria acabar?...

Basta que lembre um caso que, por acaso, tenho diante da vista, numa revista que também, por acaso, folheio. É a *International Psychic Gazette*, Nova York, Junho de 1932:

Num grupo havia um velho, e um sensitivo lhe disse repentina e inesperadamente:

- Vejo-lhe ao lado o Espírito de um homem alto, com feições de índio e que parece zangado.

- Que querele e por que está zangado? - pergunta o velho.

E o sensitivo ou médium:

- Diz que o senhor lhe roubou um dente.

- Um dente?!... - £ o velho levanta-se e exclama indignado: - Senhoras e senhores, declaro que durante a minha longa existência nunca roubei nada, absolutamente nada!

Mas, passado algum tempo, bate ele na testa e se lembra do furto. Volta, então, ao

Centro e conta o seguinte:

Quando rapaz, partira para a Califórnia a tentar fortuna nas minas de ouro. Passara por um cemitério abandonado onde havia um túmulo aberto com esqueletos. Num dos crânios notou admirável dentadura e, por uma estroinice de rapaz, lembrou-se de extrair dali um dente e levá-lo como recordação. Perdeu-o, depois, num incêndio. Não tivera intenção malévola e esquecerera o fato completamente, só agora despertado pela revelação, depois de muito puxar pela memória.

O índio tinha razão.

Cabia, agora, perguntar: quem seria, neste caso, o hipnotizador, a quem caberia a lembrança, quem levara a história do dente à imaginação do médium, qual a sinalização e como se operou, por que haveria aquela memorização, transe ou sono hipnótico de tpmar o aspecto de índio alto e zangado?!

No caso contado pelo orador, de que fala o amigo Marcos, fora ele, orador, quem mandara o paciente bancar o morto, e o paciente só repetiu o que sabia ou lhe mandaram dizer. E no episódio do velho?!...

Por que não volta o amigo Marcos a pedir esclarecimentos ao conferencista quanto a esta história do ladrão do dente?

Ora, o hipnotismo é apenas um nome, ou era, que costumava dar-se a mis tantos fenômenos onde o agente transmite ordens e idéias a um paciente, que age de acordo com a sugestão que lhe for dada. Fora dai já não é mais o que se chamava hipnotismo, amenos que o termo assuma propriedades de borracha ou de tripa de mico.

UM CASO CÉLEBRE DE INFESTAÇÃO

(30.jun.66)

Indaga José Ferreira, Guanabara, se lhe posso informar a cerca de uma casa mal-assombrada, ou seja, a assombração do Presbitério de Borley, na Escandinávia, segundo pensa.

O caso do Presbitério de Borley passou-se na Inglaterra, sendo a Sra. Paul Vasse uma das suas mais importantes descritoras.

Essa história foi examinada por Harry Price durante 30 anos. Price, jornalista, tomou-se metapsiquista depois de suas experiências com Stella C.. Prestidigitador, ultrapassava os melhores profissionais. Criou o Laboratório Nacional de Pesquisas Psíquicas de Londres.

A narrativa é a seguinte:

Num dia de outono de 1927, um carpinteiro, fazendo reparos no Presbitério, viu ai uma irmã de caridade vestida de azul e com atoucade religiosa. Essa presença tão cedo

espantou-

o. Tomou a vê-la no dia seguinte. Parecia fatigada e longe estava ele de supor que fosse pessoa morta Procurou falar-lhe, porém ela desapareceu. Soube mais tarde tratar-se de uma irmã de caridade, Marie Lairre, falecida. Aí foi o carpinteiro que quase morreu de susto.

Depois de longo histórico sobre as assombrações de Borley, a autora chega a 1929, quando o Pastor Smith convida Harry Price a desmascarar a lenda. Nessa ocasião muitas pessoas se achavam alarmadas com os fenômenos de infestação verificados e era preciso acalmá-las, mostrando o nenhum fundamento de seus espantos.

Price, contra as previsões do Pastor, testemunhou os fenômenos e tomou várias medidas por evitar a burla. Mas os casos se repetiam de maneira espantosa.

Conseguiu ele a colaboração de quarenta personagens de valor cultural, e estes viram o que muitas famílias tinham visto, desde quando Harry Buli, com a invejável calma britânica, construía um pavilhão para apreciar os passeios da freira morta. Um belo divertimento, não há dúvida.

O castelo de Borley foi destruído por um incêndio misterioso em 1945.

Voltando ao caso da freira, diz a Sra. Vasse que resolveram interrogar os Espíritos a respeito. As manifestações, ao que parece, não eram devidas unicamente à freira, porque quatro espíritos diziam-se também autores das assombrações de Borley.

Um pouco de História:

Os Waldegrave, senhores de Borley, católicos, haviam seguido o Rei Jacques II no seu desterro em França. Marie Lairre, ligada a essa família, teria sido assassinada por Henri Waldegrave. Consta, entretanto, que Henri, nessa época, ainda era muito moço.

Outra suposta autora dos fenômenos era Arabella Waldegrave, casada com um Churchill, antepassado de Winston. Obtiveram-se, afinal, por pessoas que se desconheciam, espalhadas por toda a Inglaterra, indicações mediúnicas exatas sobre localizações de objetos e muitos outros fatos ignorados.

Deram os Espíritos informes idênticos, interessantes por sua concordância. Marie Lairre fora estrangulada em 1667 por Henri Waldegrave. Depois, a “mesinha” precisou que os restos da religiosa estavam enterrados numa adega ou num poço de um jardim. Após algum tempo, várias buscas e as formalidades necessárias, encontrou-se num dos poços ossos humanos. Examinados em Londres, verificaram os estomatologistas que se tratavam da arcada de uma jovem. O estado dos dentes confirmava a época do homicídio de Marie, em 1667.

As comunicações das “mesas”, das “pranchetas”, da escrita direta, da escrita automática, da incorporação, conduziram todas a um farto material: a descoberta dos ossos - que podem ser os da freira -, conclui a autora.

Harry Price procurou pormenores, mas sua morte interrompeu as pesquisas.

Numa igreja próxima de Borley ainda se produziram interessantes fenômenos certificados pelo Pastor, que não queria ser considerado metapsiquista e muito menos espírita.

Enfim, é um longo relato. Todo ele vem amplamente descrito em *Two Worlds*, de janeiro de 1951, e mais tarde, em resumo, na *Revue Métapsychique* do primeiro trimestre deste mesmo ano, de que dou, agora, uma narrativa ainda mais sintética, em vista dos apertos da coluna, e só por esclarecer o Sr. Ferreira.

VIDÊNCIA (31.jan.59)

Perguntaram:

Para uma pessoa ver um espírito, ou o espírito aparecer a ela, basta ter vida santificada ou é necessário algum outro requisito? Tratando-se da segunda hipótese, o requisito é uma qualidade ou defeito? Qual a qualidade ou defeito que tinha Eugène Pacelli para ver um espírito ou este espírito apresentar-se a ele?

Antigamente quem via espíritos ou ouvia vozes (Joana D'Arc) era tido como feiticeiro. Hoje é tido como caso clínico. O Papa Pio XII viu Jesus. É caso clínico ou não? Se não é caso clínico qual é a classificação?

A palavra santo parece que não esclarece o assunto. Outros também foram santos, ou mais, e nada viram.

Cabe-nos dizer:

Primeiro - para uma pessoa ver um espírito basta um requisito: ser médium.

A vida santificada, ou uma vida elevada, só contribui para que se vejam espíritos da mesma natureza, ou seja, espíritos superiores.

A vidência (e qualquer outra mediunidade) independe de requisitos, a não ser os do mediunismo.

O mesmo acontece com as aparições.

Os indivíduos de baixo caráter, salvo casos excepcionais, comunicam-se com os seres espirituais do mesmo naipe.

Em suma, os médiuns videntes podem ver, sem necessidade de vida santificada. Esta apenas influi na vidência de seres espirituais de grande elevação.

Destarte, para ver Espíritos, Eugène Pacelli só necessitava o requisito da mediunidade.

Inquinar de feiticeiro o médium, como acontecia na Antigüidade, ou chamar o caso de clínico, como atualmente, é desconhecer inteiramente a matéria. Donde se vê que os tempos mudam, mas a ignorância é a mesma, com rótulos diferentes.

Se o Papa Pio XII viu Jesus é apenas um caso medianímico.

Não acredito, entretanto, que ele tivesse visto o Divino Mestre; não porque descreia das suas altas virtudes, nem o julgue um mistificador. É possível que lhe aparecesse um elevado

Guia, e ele o tomasse pelo Cristo.

O que me parece difícil é que o Cristo ande a perambular pelos andurriais do planeta.

Veja a delicadeza de esclarecimento: sabemos que é muito comum a espíritos galhofeiros aparecerem para médiuns videntes passando-se por divindades. É o caso que Kardec chamou de obsessão fascinativa. Por que não poderia ter ocorrido com o Papa? Pois, com sutileza, o autor da coluna preferiu optar por uma forma mais delicada: seria outra entidade de evolução espiritual que passou por confusão do "vidente".

EXTERIORIZAÇÃO DE VIVOS

(31.out.66)

Pois é, cara e boa amiga: Os vivos também deixam o corpo e falam conosco, como as almas do outro mundo. O Espírito é independente do soma, e assim, como na morte, também em vida tem a propriedade de desligar-se dos laços físicos. Apenas, na morte, esse desligamento é perene.

O fato de ter visto o fantasma da sua prima que ainda estava viva, não desmente o que nos diz o Espiritismo. Vou dar-lhe um exemplo:

A Sra. Beaurepaire tinha uma irmã que estava com seu marido, um oficial, na Costa do Ouro. Não tinham notícias de ambos há algum tempo, o que fazia a Sra. Beaurepaire ansiosa. Ia mesmo escrever perguntando se tudo estava bem com eles na África. Na sessão, a comunicante dizia, através da corne-ta: (*)

- Alice (este é o nome de batismo da Sra. Beaurepaire), Alice! E sua irmã Marie falando. - Em seguida, dirigiu-se ao sobrinho: Alô, Gerald!

A reação da Sra. Beaurepaire foi instantânea e dramática.

- Bom Deus, você está morta? - Perguntou.
- Não, querida - foi a resposta - estou viva e bem. Também Reg (seu marido), porém meu corpo está adormecido na África. Vim dizer-lhe que sei o quanto você anda preocupada conosco, porque não escrevemos há bastante tempo. Mas uma carta está a caminho (ela chegou alguns dias depois). Como Reg teve um dos seus ataques de malária, fiquei a cuidar dele e não tive tempo para escrever. Ele está bem agora. Seu corpo também dorme na África.

Todos ficaram surpresos com essa notícia. Depois de uma pequena palestra sobre questões familiares, Marie, repentinamente, disse:

- Oh! Que pena, eu tenho de voltar ao meu corpo outra vez! Dizem-me que, se não o fizer, a corda prateada que faz a conexão entre meu corpo e meu espírito, que está muito distensa, pode partir-se. Se isso acontecer, serei encontrada morta em minha cama e o pobre do Reg despertará viúvo. Deus abençoe você. A você também, Gerald. Adeus.

Obs.: Consta, ao fim do recorte: (Continua na página 4). em negrito, só que não encontramos a dita-cuja continuação; provavelmente nela constasse a quem fora dirigida a resposta e o local de onde se transcreve o texto em epígrafe. Vede, porém, pelo conteúdo ilustrativo.

()Cometa, aqui, refere-se aos megafones, geralmente de papelão, usados em sessões mediúnicas de efeitos físicos, por onde falam as entidades desencarnadas.*

PSICANÁLISE PSICOLOGIA

PROFUNDA (31.mar.65)

O amigo Roberto, que estuda profusa e profundamente a Psicanálise, conta-me as grandes verdades que descobriu nessa ciência. Entre elas está o reavivamento das lembranças infantis como um meio terapêutico. Sacando-se essas lembranças, curam-se as neuroses. E - diz-me exultante, o amigo - é como se tirassem um navio do fundo do mar. E isso é descobrimento psicanalítico.

Mas, caro amigo, essa emersão já vem de longe. Alguns psicólogos já a utilizavam e os Espíritos nos vinham dizer que todos os fatos, todas as emoções, todas as imagens nos ficam indelevelmente gravados. Esquecidos pelo tempo, lançados nos esconderijos do ser, podem ser evocados em determinadas circunstâncias - por crises emocionais, por crises mórbidas, por hipnose. As evocações na Psicanálise dão-se por sugestão, assim como as curas... quando elas existem. O neurótico cármico, entretanto, continua com sua enfermidade até o termo assinado pela morte.

Nessa ilusão de que o terapeuta é que desencava a lembrança recalçada e cura o doente, davam-se as práticas mais ridículas. E dão-se ainda, penso eu.

Ferenczi achava que os neuróticos eram pessoas que não tinham sido amadas nem aceitas por seus pais como filhos. Os psicanalistas nunca percebem aquilo que lhes contraria os preceitos. Para esta Escola não havia neurótico que fosse algum dia mimado pelos pais; e, então, resolveram preencher a falha, para reavivar as experiências infantis do paciente, numa atmosfera amorosa. Ferenczi substituía-se, então, ao pai, ou à genitora, punha ao colo uns marmanjos, uns homenzarrões, e entrava a acariciá-los, a acalentá-los, a cantarolar, e não sei se lhe chegava com a mamadeira ou com o peito...

Ê possível que não ficassem os maridos muito contentes vendo as esposas no regaço dos terapeutas, quando o processo recaísse no outro sexo. Mas havia que conformar-se: aquilo era pura ciência!

Ciência ou não, eu, também, como mulher, não iria achar nada terapêutico ver o meu marido no colo do psicanalista, dando uma de bebê chorão.

Sandor Ferenczi, referido, foi um psicanalista judeu húngaro, nascido em Miskolc (1873-1933) que se destacou por ser um dos amigos mais íntimos de Freud, com quem trabalhou, criando o

aludido método terapêutico ao qual denominou de bioanálise. Veio a desencarnar em Budapeste onde implantou seu sistema, mais tarde arrasado pela U Guerra

A NEUROSE DA ANGÚSTIA

(31.mar.65)

René Silvestre, Guanabara, indaga se, na “angústia”, ou neurose de angústia, como dizem, o indivíduo pode estar sob a ação de um obsessor, ou se razão assiste aos psicanalistas quando **afirmam** tratar-se de um recalque e que, desrecalcado o indivíduo, ele ficará bom.

i> A angústia pode, sem dúvida, ser o resultado de uma perseguição espiritual.

Para Freud, há três tipos de angústia: a objetiva, a **neurótica** e a **moral**. Na primeira, o perigo vem do exterior, como, por exemplo, o medo de perder pessoa cara; na segunda – a neurótica – a angústia reside no id, provém de um impulso, de um temor de abrigar maus pensamentos ou coisa parecida; na terceira, há o receio da prática de algum ato contrário à consciência.

No dito primeiro caso, não compreendo como o medo venha do exterior: o que vem do exterior é o objeto do medo. Os outros dois casos se confundem.

Mas todas essas angústias são resolúveis por processos naturais, normais, que saltam à cara, sem a necessidade dos métodos psicanalíticos.

No primeiro, desde que o perigo exterior desapareça ou seja conjurado por atos comuns e rotineiros, a angústia desaparecerá. Quanto ao seguinte, que o paciente procure afastar as más idéias. No último, consiste a terapêutica em não praticar os atos amorais (que firam a autoconsciência); é seguir o bom caminho. Depende tudo da vontade do indivíduo, sem nenhuma necessidade da exumação do inconsciente. Isto para não sair do Freud.

Há um caso não mencionado, e este é tipicamente espírita: trata-se da angústia cuja origem ninguém conhece, cuja causanunca se percebeu nem o doente sabe explicá-la. É possível que o psicanalista “descubra” ou invente um móvel oculto nas profundezas do id; pode ser, mesmo, o que é mais raro e talvez raríssimo, que o doente se cure à custa da sugestão ou do tempo. Mas a angústia em que o enfermo apresenta uma aflição indescritível, um sofrimento lancinante, e onde já se esgotaram todos os recursos conhecidos da terapêutica, tem essa a Tonte na intervenção do obsessor.

Temos visto os infelizes percorrerem inutilmente a via sacra de diversas medicinas e guarirem com os passes mediúnicos, a doutrinação, a prece.

Bem entendido, não sou eu que vou aconselhar isto a ninguém. Ai está o Arigó para mostrar o fim reservado aos que se propõem curar, sem interesse, os males do próximo. Que fique o “próximo” com sua angústia para o devido respeito ao código.

Aqui, o dr. Imbassahy dá uma perfeita demonstração do seu enorme conhecimento sobre Psicanálise, sua prudência e sua imparcialidade, além de configurar seu equilíbrio a respeito dos fatos: não é o fanático que atribui tudo a obsessores. Ele reserva um dos casos sem repudiar os estudos freudianos a respeito do assunto, embora discorde dos processos terapêuticos empregados pelos seguidores da Psicanálise.

Cabe ainda lembrar que este comentário foi feito no auge do processo em que Arigó acabara de ser preso - posteriormente indultado por Juscelino - por praticar sua caridade, intitulada transgressão pelo Código Penal, prática ilegal de medicina -, sujeita à reclusão.

SUBCONSCIENTE E PSICANÁLISE

(30.abr.65)

Caro psicanalista, provavelmente um dos raros que me dão a honra de ler, perguntava-me se eu negava o subconsciente. O momento era impróprio para uma divagação psicanalítica. Aproximava-se o tróleibuc (nessa época existente em Niterói), a mais baratada das conduções, por enquanto na base de 40 cruzeiros; perdê-lo seria arruinar-me no tempo e no bolso. Assim, deixei o amigo, meti-me na fila e fiquei em pé na condução, pagando meus pecados.

Continuemos, pois, o cavaco. Nunca poderia eu negar o subconsciente, nem os espíritas o negam; base doutrinária, esteio fundamental das vidas sucessivas, o que se nega é que os psicanalistas retirem de lá, explicando mal, ou explicando de maneira incompreensível, ou não explicando, o que lá nunca entrou na vida presente, nem nunca poderia ter entrado. E então, para arquitetarem as suas teorias, vão extraindo o que querem e como queiram.

Jung viu nos perturbados algo das produções dos primitivos e arranjou um inconsciente coletivo, como poderia ter descoberto jazidas de cobalto em Aldebarã.

Só se podem tirar leis de causas e efeitos, quando os mesmos efeitos são produzidos pelas mesmas causas. E isso, prolongadamente; e isso depois de uma série de observações comprobatórias. Não é o que se dá em Psicanálise, onde tudo perambula no terreno do palpito.

Se uma criança tem medo de banho Mo, vai achar-se que, certa vez viu um animal afogando-se; uma outra tem medo porque escorregou e caiu perto de uma bacia d'água; uma terceira porque se assustou ao atravessar a Baía de Guanabara... Se, porém, se lhes apresenta uma causa única e lógica para o medo, como a desagradável sensação da água fria - e tanto que as crianças não se importam quando a água é tépida - ei-los, os doutos, a rirem da ignorância.

O subconsciente desses registros não é mais do que o vasto reservatório de sentimentos, volições, emoções, abalos, atividades, atos e fatos arquivados (adquidos) através dos tem-

pos, nas vidas perlustradas pelo indivíduo. Trata-se de um repositório de lembranças milenárias de conhecimentos que influem, por certo, no consciente, que interferem nas idéias, que se explicam nas doenças, que se manifestam na conduta. As origens remotas é que os sábios contemporâneos não percebem.

Um exemplo: Toda a gente gosta de chocolate. Toda a gente menos eu.

Se um psicanalista souber do meu caso, teremos enriquecida a sua teoria: É uma neurose; é o reflexo de uma surra que apanhei quando sáboveavaumaxícarado odorante produto do cacau. Não me importa que eu não lembre dessa surra, nem ninguém. A surra fica sendo um fato estabelecido.

Mas sucede que, certa vez, em sonho, mergulhei num córrego escuro... Aqui temos outra fonte. Não importa a diversidade: uma há-de pegar.

O que é de crer, ou, pelo menos, será mais curial, é que tempos idos, anteriores à encarnação, pois que a ojeriza vem desde o berço, tivesse eu tomado formidável indigestão de chocolate. A impressão teria sido tão forte que nunca mais abandonou o espírito.

O que não é lógico é dar-se como indubitável, e apresen-tar-se como científica, uma causa que não passa de uma conjectura, muitas vezes improvável e quase sempre inadmissível.

Parte VII

ROUSTAING, UBALDI E RAMATIS

- *O Docetismo na Codificação*
- *O corpo fluídico do Cristo*
- *Corpo Fluídico e Katie King*
- *Nem toda a carne é a mesma*
- *Roustaing e a opinião universal*
- *Pietro Ubaldi*
- *Avulsas - Histórias de Marte-*

O DOCETISMO NA CODIFICAÇÃO

(9.jul.49)

Como disse no número anterior, Akbar enviara-me longa carta com uma série de perguntas; emprestei-a a um amigo e só agora ele me devolve com o seguinte comentário.

^MA primeira coisa que costumo procurar numa carta é o nome do signatário. Verifico que o papel em estudo é quase anônimo, pois traz um pseudônimo. Se fosse dirigida a mim estaria de há muito numa fábrica de papelão, entre os papéis velhos colhidos de porta em

porta pelos pobres fornecedores de matéria-prima. O anônimo pede nada mais de 30 respostas. E como sabe que ninguém se dá à maçada por uma carta anônima, colocou à testa do papel um “pensamento” atribuído a um tal “Ismael”... Sem comentários.

O pensamento atribuído ao tal Ismael é o seguinte: “Quando os espiritas não sabem costumam fugir à discussão, mas nunca estudam para saber onde anda a verdade. São eles, os espiritas, os piores inimigos do Espiritismo.”

Convém esclarecer que Akbar, postando a carta na Praça Mauá (Rio), dá, no envelope, um nome e o endereço em Belém do Pará. Uma tal distância deixa entrever que o nome seja um segundo pseudônimo.

Vamos ao segundo quesito:

- O Espiritismo é docetista ou antidocetista?

Explicamos o que é isto, porque muita gente pode não conhecer o termo. O Docetismo era uma heresia dos primeiros séculos da Igreja, que ensinava ter tido Jesus uma carne aparente: que sofrera e morrera aparentemente. O Docetismo ressurgiu entre nós na obra “mediúnica” compilada por Batista Roustaing, segundo a qual Jesus tivera um coipo fluídico, deixando-o, tomando-o, segundo lhe aprazia.

Entre os fenômenos espiritas existe um que Kardec designou, em 1858, com o nome de agenerismo. Consiste na materialização de um Espírito de tal modo perfeita, que dá a impressão de uma pessoa comum. Há exemplos até na Bíblia.¹⁰

¹⁰ (*) William Crookes analisou um tipo de “materialização” de Espíritos ao qual denominou de aparição estereológica e que corresponde ao agenerismo de que fala Kardec, aos que apenas, no caso da aparição, ela só é possível com a presença de um médium de efeitos físicos capaz de manipular a energia ectoplásmica para que o fenômeno ocorra. De onde teria um Jesus agènere tirado tanta energia para viver uma existência? As aparições mediúnicas duram minutos.

Há um outro aspecto importante que vale a pena ressaltar na presente resposta: a neutralidade com que foi apresentada. Em momento nenhum seu autor defende qualquer posição; teria sido ótima oportunidade para ele emitir sua própria opinião, porém, deixou bem claro que, como doutrina, qualquer um dos aspectos só se instituirá quando a universalidade de opiniões não apresentar qualquer divergência e o Docetismo só é defendido por Roustaing e seus adeptos.

Em sua coluna de 30.07.49, dr. bnbassahy complementa:

Dei aqui, em número anterior, a definição corrente sobre Docetismo, para que se tivesse, apenas, idéia do termo. Uma definição de dicionário. O grande repositório de linguagem, que é o Webster, aiz, por exemplo, o seguinte: “Docetae: An early heretical sect which held that Christ's body was merely a phantom or appearance, or that if real its substance was celestial.” (Antiga doutrina herética que sustentava ser o corpo de Cristo mero fantasma ou aparência, ou de celestial substância, caso fosse real.) Foi mais ou menos o que eu disse.

Muitos acreditam, pois, que Jesus tenha sido um *agênere*, que o fenômeno tenha algo das materializações espíritas. Pensa desta forma o nosso erudito confrade Ismael Gomes Braga, que, em defesa de sua tese, apresenta três mensagens mediúnicas. De maneira inteiramente oposta é a opinião do velho escritor Mariano Rango d'Aragona que, também, em prol de suas idéias, refere-se a centenas de manifestações contrárias.

Mas, nem a quantidade das mensagens negativas de Rango d'Aragona, nem a qualidade das positivas de Gomes Braga têm ainda força de doutrina. Esta só se poderá impor pela sua universalidade. É necessário que o ensino dos Espíritos venha uniforme e conteste de toda a parte, que suija em atmosfera neutra, que apareça indene de paixão partidária, que não reflita a opinião do ambiente; em suma, que as nossas idéias não influam na dos Espíritos. É da universalidade e imparcialidade das comunicações que se poderá formar o conceito doutrinário. Por enquanto, pois, pura questão opinativa.

O CORPO FLUÍDICO DO CRISTO

(28.out.50)

Tenho recebido várias cartas sobre este assunto que, não sei bem por que motivo, apaixonou muitos de nossos confrades. Mas o corpo fluídico é, com o devido respeito, como o nariz do Cirano de Bergerac, palavra que se não pode pronunciar, matéria capaz de produzir deploráveis conseqüências. E por isso vou eu, prudentemente, passando de largo.

Mas a insistência tem sido grande. Um dos meus correspondentes chegou a perguntar-me se eu estava com medo dos cascudos de outro, “diante de minhas vacilações”, assegurou que eu, “apesar de velho”, ainda quero ser “bom moço”. Et coetera,

Entretanto, como o meu intuito[^] é esclarecer o caso, transcrevo, com todo o prazer, o reparo que me envia o dr. Canuto Abreu, profundo conhecedor do assunto:

Costuma-se dizer, há muito tempo, que o “Docetismo era uma heresia dos primeiros séculos da Igreja*. Esse ponto de vista não é meu. Considero errado. Procuo sustentar que é “anterior” ao advento de Jesus. Já existia quando foi dado como doutrina de alguns cristãos “gnósticos”. Isto, é claro, não tem importância num jornal que se lê* no bonde, pensando em vários problemas da vida cotidiana. Seria, entretanto, inconveniente manter em livro esse ponto de vista. Chamo sua atenção para o caso. Talvez eu esteja errado e em tempo de emendar-me. Estou de acordo com o resto de seu trabalho.

Há a respeito do “corpo** de Jesus mais de duas doutrinas. O que parece é que o grupo de “Espíritos” que pregavam a Kardec tinha uma doutrina diferente do grupo de “Espíritos” que ensinava ao Roustaing. O Espiritismo não tem nada a ver com a opinião de uns e outros Espíritos. Ele tem princípios fundamentais a respeito dos quais “todos” estão de acordo. E é quanto nos basta

et coetera, que nem vale a pena repetir aqui.

Ora, uma das razões de peso de meu silêncio é que o meu prezado amigo, diretor desta folha, não por intolerância, mas por evitar contendas, e sobretudo desunião que provocará a fraqueza de nossa causa, tem fechado estas colunas à discussão do caso.

Vamos ver, portanto, agora, se passo escondido, se contrabandeio este em meio ao papelório e à azáfama dos dias de impressão.

Principio pela pergunta ou pela questão que me oferece A. de Castro. Diz ele:

...Trata-se da natureza do corpo de Cristo. No livro *A Gênese* de Kardec, cap. XV, alínea 64, sob o título "Desaparecimento do Corpo de Cristo" parece tratar-se deste assunto.

Dizem os entendidos do meu Centro que Kardec não cuidou desta questão, e que eu interpreto mal os textos. Quer vir em meu socorro, dando-me a sua palavra...?

Pois não, se os fatos permitirem.

É pena que os entendidos do Centro provoquem desentendimentos em casos de segunda ordem. Mas, ao que parece, quem está entendendo melhor é o meu caro amigo. Basta ler-se o texto do Kardec para que desapareçam as dúvidas. Nem sei como puderam existir, dada a clareza da exposição.

Tratando da vida e morte aparentes de Jesus, e aparentes pelo fato de haver revestido ele um corpo fluídico, acha Allan Kardec que semelhante fato não é radicalmente impossível; o mesmo, porém, lhe parece inteiramente excepcional e em formal oposição com o caráter dos agêneres.

Estudando a vida do Divino Mestre, diz que ela apresenta dois períodos: o que precedeu e o que seguiu a sua morte. No primeiro, tudo se passa como nas condições comuns da vida, em que apresenta os caracteres inequívocos da corporeidade. Depois da morte, ao contrário, tudo nele revela um ser fluídico. Depois do suplicio, seu corpo ficou ali inerte; pôde ser amortalhado e puderam vê-lo e tocá-lo. Na ressurreição não morre; e o corpo se eleva, apaga-se, desaparece, sem deixar qualquer traço, prova evidente de que era de outra natureza daquela em que pereceu na cruz. Donde - conclui Kardec - se Jesus pôde morrer, é que tinha um corpo carnal.

O Codificador mostra, pois, a diferença que existia entre a natureza do corpo de Cristo antes e depois do sepulcro.

Apresenta mais, diversas considerações morais que não se compreenderiam num corpo fluídico, como as necessidades coxopóreas, os sofrimentos, sua agonia, tudo, enfim, até o seu último suspiro. E diz-nos mais que, se toda aquela cena fosse vã e illusória, se não passasse de um vão simulacro, seria aquilo "uma comédia indigna de um simples homem honesto, e com muito mais forte razão o seria em um ser superior".

E, por fim declara, como se não tivesse dúvida: "Jesus teve, pois, como todos o têm, um corpo carnal e um corpo fluídico." O corpo carnal seria aquele com que peregrinou 33 anos pelo planeta, e o fluídico o que manifesta após a ressurreição.

Como se vê, os entendidos do Centro não parecem estar certos neste caso. Não só Kardec trata do assunto, como, baseado em lógica muito difícil de remover, acha que o corpo que revestia Jesus, até ao Calvário, tinha a natureza de todos os outros seres humanos que passaram por este vale de lágrimas.

Respondo, apenas, ao que me propõe, isto é, sobre se Kardec teria tratado do corpo fluídico e o que pensava a respeito. Voilà tout.

Mas sucede que Alveme, outro correspondente, quer a minha opinião pessoal no caso. Assim me escreve com três perguntas:

1) Qual o seu pensamento a respeito do corpo de Jesus Cristo?

Que valor terá o meu pensamento?

Aliás, só o costume apresentar quando tenho elementos sólidos em que estribá-lo. No caso do corpo de Cristo, o único elemento em que nos poderemos basear são os Evangelhos. Ora, nos Evangelhos há textos pró e contra. Tudo se reduz a escolhê-los de acordo com os nossos pendores. Na melhor hipótese, a doutrina se firma em exegeses particulares.

2) Com exceção da questão do corpo do Cristo, que pensa da parte restante da obra de Roustaing?

A obra de Roustaing tem trechos apreciáveis e me parece admirável na parte moral. Se peca, é por excesso de zelo. Querendo os Espíritos que a ditaram afeiçãoar todo o Evangelho à Nova Revelação, entraram a elucidar texto por texto. Quando o texto era inexplicável forçavam a interpretação. Caíam muitas vezes no ilógico, e no absurdo.

É preciso, entretanto, ler a obra sem revolta e ver, naqueles que a apresentaram, não uns mistificadores, mas seres bem-intencionados. Não coube nunca tão bem o aforismo - *In medius consistit virtus*. - Quer dizer que é necessário perlustrar as mensagens com espírito crítico, mas desapaixonado. O que acontece é que uns a têm como proveniente de burladores, que desejam comprometer o Espiritismo, e outros como na Bíblia da doutrina acima de qualquer exame, e de cuja infalibilidade não é dado duvidar.

Há erros nos intransigentes.

Bem sei que esta opinião não vai agradar a ninguém. É muito difícil tomar pé em terreno onde as idéias se extremam.

Mas, como já estou velho para ser "bom moço" como dizia o "amável" correspondente, não me cabe outro jeito senão declarar o que penso e o que me parece.

E, ao terminar, vou repetindo Montaigne: Falo a verdade: não tanto quanto deveria, mas tanto quanto ousar. E ousar mais e mais à medida que envelheço.

Tenho a certeza de que, apenas com o presente texto, muitos que querem atribuir posições radicais em dr. Imbassahy vão ter que mudar de idéia. A coluna, em si, é um contexto único do qual não se pode separar partes avulsas sem cometer equívocos ou deturpar o pensamento puro do escritor.

Transcrever textos separados é, maliciosamente, escolher o conteúdo que convenha ao

selecionador e comprometer a verdadeira posição do articulista.

Podemos ver, perfeitamente, que seu grande desejo era o de harmonizar todos, independente de pensamentos, sem ataques pessoais e a idéias, pregando a fraternidade em toda sua extensão.

Sua prudência fê-lo garantir que não existe nenhuma prova a favor nem contra arúpótese do corpo fluidico de Jesus porque a única fonte que poderia esclarecer os fatos seria a dos Evangelhos e nela pode-se tirar qualquer posição. Bom entendedor concluiu perfeitamente o que ele quis dizer.

Se fosse fluidicista, na certa, iria apresentar, no mínimo, esta tendência com argumentos que pudessem levar o leitor a se configurar no grupo dos simpatizantes. Não o fez.

É como se diz atualmente: a única prova a respeito da constituição do corpo de Jesus é o próprio corpo e este não existe mais, nem reminiscências de qualquer exame específico que se tenha feito nele.

Gostaria, ainda, de chamara atenção para um ponto que atualmente, no domínio linguístico, vem causando divergências:

Segundo os físicos, fluido é o corpo material que não se apresenta na fase sólida; no caso, os líquidos e os gases. Na época de Kardec desconhecia-se tudo além da molécula, no domínio da micromaléria, de sorte que, o que de mais etéreo pudesse existir era o fluido. Como tal, tudo o que transcendesse aos gases seria, também, por extensão, fluidico.

Kardec, provavelmente, presumindo as descobertas futuras, não gostava desse termo e sempre afirmava que só o usava por falta de outro melhor.

Atualmente, falar-se em corpo fluidico é referir-se a gases ou substâncias etéreas tão materiais quanto as sólidas, portanto, no nosso caso, o nosso corpo fluidico é a parte aquosa, como o sangue e outros líquidos e a parte gasosa contida em nós.

Porém, mesmo dentro da atualidade, não temos condições de modificar a redação de ninguém. Basta que entendamos que, no caso, em verdade, o que se quer dizer é que o corpo dito fluidico refere-se a um somático imaterial. Entendido isto, acho que não existe razão nenhuma causa para pruridos de escrúpulos.

Do mesmo modo, no caso da fluidificação da água, sabemos que, assim se referindo, trata-se de energizá-la com radiações biomagnéticas.

Uma outra questão: o diretor do Mundo Espirita era o dr. Henrique Andrade que, por diversas vezes, se negara a publicar artigos favoráveis ao Roustainguismo e, para evitar reclamações, também procurava fazer com que os antagônicos não emitissem suas opiniões pelas colunas do seu jornal; com isso, a referência ao fato, lembrando que, não por intolerância, o diretor do jornal evitava publicações a respeito do tema.

CORPO FLUÍDICO E KATIE KING

(29.fev.64)

Hércules Magaldi, de Bagé (RS), escreve-me estimável ca ta.e pede a interpretação de textos evangélicos, como - “o verbo se fez carne” e - “dos nascidos de mulher nenhum maior que João Batista”.

Confesso minha fraca inclinação para a exegese. Sobre estes versículos - e esse assunto - tem-se escrito muito, pena é que o caro amigo não tivesse acompanhado a discussão, pois que poderia com ela esclarecer-se e adotar a interpretação que lhe parecesse mais aceitável.

Eu é que não me sinto de ânimo para dar-lhe a última palavra, não tendo outro elemento a não ser o próprio texto evangélico. Iria perder-me em divagações sem base nenhuma.

Declara-me ainda ter lido um artigo de Benedito Urbano dos Santos, onde diz: “Se o Cristo foi concebido pelo espírito santo, então ele é filho do adultério”, com o que não concorda o amigo, e pergunta:

“Mas com a ajuda do espírito santo o Cristo não poderia (formar um corpo para si como o formou Katie King?”

Aqui, como se trata de um caso de raciocínio, dir-lhe-ei que nem a teoria do corpo fluidico nem o episódio de Katie King têm que ver com o Espírito Santo;

A teoria do E. S. é doutrina da Igreja para justificar a virgindade de Mariae a divindade do Cristo; nafluidez o Cristo não tem um corpo igual ao nosso, senão um de aspecto fluidico; com

a Katie King trata-se de um fenômeno efêmero de materialização, que se mantém por alguns instantes.

Como, porém, o Cristo viveu por espaço de 33 anos com os homens, com os hábitos dos homens e suas vicissitudes, e na forma de homem; e ainda, como expirou tal como os homens, em vez de dissolver-se conforme os seres ectoplasmáticos, nem a sua matéria foi reabsorvida como na desmaterialização; como ainda se viu abandonado e pediu ao Senhor lhe retirasse o cálice, tudo conforme aversão evangélica, deduz-se que não seria a sua vida um caso fantasmático, ou supranormal, ou parapsicológico. Veja bem: eu digo - deduz-se. Eu, propriamente, não deduzo nada. Não estava lá na ocasião e não sei como foi.

Perdoe-me, caro leitor, o abuso de minhas intromissões, mas, no caso, não podia me Jiirtar ao comentário ante tanta sutileza do dr. Carlos: já vi muitos dizerem, contra as palavras de Jesus, de que o maior dentre os nascidos de mulher teria sido João Batista, que o mestre jamais cometeria o vitupério de se dizer o “maioral”. Dr. bnbassahy, apenas, diz que, se fosse se servir das palavras evangélicas, únicas provas ou declarações relativas ao caso, iria perder-se em divagações sem base

nenhuma

Cada qual tire sua própria conclusão.

NEM TODA A CARNE É A MESMA

(31.ago.58)

João Crisóstomo, Rio, apresenta-me a perigosa questão do corpo fluidico do Cristo. Depois de defender sua tese favorável ao mesmo, com textos evangélicos, diz-me que os "não fluidicistas" baseiam-se no texto evangélico - "anátema a quem disser que o Cristo não veio em carne", mas que ele (Crisóstomo) pensa que o mesmo Evangelho explica que "nem toda a carne é a mesma". Acha que fica, assim, destruído o único ponto opositor.

Antes do mais, a "explicação" não é do Evangelho. O texto se encontra na Epístola de Paulo aos Coríntios:

"Nem toda a carne é a mesma carne, mas uma é a dos homens, outra a dos animais, outra a das aves, e outra a dos peixes".

Como se vê, seria Paulo explicando ou revogando o Evangelho.

Como se lê, a carne que não é a mesma, não é a carne da espécie humana; é a do homem em relação à do animal, é a do animal (mamífero) em relação à das aves, é a das aves em relação à dos peixes.

A diferença está, pois, na dos peixes com as aves, com os animais, com os homens. E não de homem para homem. É a diferença nas espécies.

É o que eu infiro. Não me estou manifestando sobre a tese do amigo, que, para mim, é de pouco valor, e não merece grandes discussões, mas pondo apenas o dedo ou a unha no ponto que o amigo me oferece.

Este é outro texto que dificilmente um Roustainguista poderá se servir para acusar dr. Imbassahy de adepto do Corpo Fluídico de Jesus, pois se o próprio declara que a tese do amigo, favorável ao corpo fluídico, para ele é de pouco valor e não merece grandes discussões.

Sei, ainda, que, segundo dr. Imbassahy, um dos textos mais contrários ao docetismo, extraído do Evangelho, é a passagem em que o próprio Jesus disse que não viera derogar a lei. Ora, em assim dizendo, se nascesse sem ser na carne, de forma diferente, estaria desrespeitando as leis biológicas que, afinal, estariam sendo contrariadas por ele. E, sem dúvida, as leis da Natureza ainda são as mais sábias e irrevogáveis.

O que ele sempre fez questão de patentear é que cada um poderia ter sua opinião, defendê-la sem agressões e todos continuarem unidos pela fraternidade, sem incompreensões. É sempre bom repelir isto.

ROUSTAING E A OPINIÃO UNIVERSAL

(26.jul.54)

O Sr. José Mendes, domiciliado também em Mendes (RJ), quer saber duas coisas:

1 - Qual a opinião geral sobre a obra de Roustaing?

2-O que eu acho ou o que eu sei sobre o corpo de Cristo.

Por menos que eu entenda um assunto, seria desairoso deixar sem resposta uma pergunta, mormente quando o desaire pc deria estender-se a esta coluna e a esta "hora* da qual me tomei responsável. Aqui vai, pois, a resposta:

1 - Ao que me parece, a obra de Roustaing só tem sido aceita entre nós e por homens de fé. Ao que me parece, veja bem.

2 - Entre os países onde o Espiritismo tomou, em geral, feição científica, como na Inglaterra, EUA, se pouco se conhece de Kardec, muito menos se conhecerá de Roustaing.

No que toca à França, vale a pena ouvir a opinião de Gabriel Delanne, segundo Canuto Abreu, o maior cientista do Espiritismo.

Ê ainda do mesmo dr. Canuto, que transcreve um trecho da entrevista que teve com aquele notável pesquisador:

- A propósito - Indaga o dr. Canuto - sua opinião sobre Roustaing?

- Você fala de Roustaing, de Bordéus?

- Sim, do autor de Os Quatro Evangelhos.

- Um grande e sincero adepto do Espiritismo. Discordo inteiramente do ponto de vista que adotou nessa obra. Acho pouco prováveis os seus fundamentos e completamente desnecessários.

- No Brasil é obra das mais estimadas.

- Questão de afinidade de sentimentos. Os países de antiga colonização espanhola possuem alma religiosa e mística. Todas as doutrinas de fe, aí, podem ter notável crescimento. Na França, onde o povo é mais cético, Roustaing não teve muitos adeptos e penso que está esquecido. Já o leu V.?

- Sim. Como aplicação do Espiritismo, acho-o digno de meditação. Quero, entretanto, registrar sua opinião valiosa.

. Dou-a com sinceridade. Não tenho, porém, competência para opinar. Ê um trabalho de fé. É uma obra de Espíritos. Não discuto se é verdade o que se revela sobre Jesus. A mim se me afigura irreal o Cristo que Roustaing descreve. O assunto, aliás, não me interessa. Penso que não temos base de certeza para optar entre o Cristo dos Evangelhos, o da tradição e o Jesus de Roustaing.

- Mas sua opinião sobre Jesus?

- Um chefe espiritual.

PIETRO UBALDI (28.out.50)

Esta foi uma das raras vezes que deparamos com algo escrito relativamente à obra de Pietro Ubaldi e pode-se notar que, pela resposta fulminante, não era de agrado escrever sobre ele.

A pergunta está contida no meio de várias outras; separamo-la para efeito de destaque:

P - Conhece a Grande Síntese de Pietro Ubaldi? (Trad. de G. Ribeiro - ed. FEB)

R - Comecei a duvidar do Pietro Ubaldi com a leitura das Três Mensagens, porque não me agradaram. Por isso, nunca li A Grande Síntese. Mas cumpre declarar que é unanimemente favorável a opinião dos que a leram e me referiram.

AVULSAS (31.jul.65)

Velhas Questões - de Isac E. Zach:

4) *Um espírita que leia e apoie as comunicações de Ramatis pode ser considerado atrasado, inculto ou traidor da Doutrina Espírita?*

Cada um está no seu direito de ler e apoiar as comunicações que quiser.

7) *As obras mundialmente conhecidas de Pietro Ubaldi foram recebidas por mediunidade ou pela intuição?*

Não sei dizer. Não conheço.

8) *Aprova o Sr. o que diz Ramatis na pág. 88 do livro*

“Elucidações do Além”?

Não sei de que se trata. E, além disso, que valor teria a minha aprovação?

HISTÓRIAS DE MARTE (31.ago.64)

Remete-me o confrade P. - que não deseja ver publicado seu nome - uma longa mensagem onde se descreve a vida em Marte, e me pergunta o que acho.

Mas que posso eu achar num planeta a tal distância? Ainda se fosse ali em Cascadura...A coisa única que me ocorre dizer-lhe é que estas histórias de Marte são de morte)

Implicitamente, a vida em Marte sugere a obra de Ramatis; sem querer citá-la, dr. bnbassahy limita-se a passar por alto pelo assunto, sem se comprometer por ele. Também não encontramos nenhuma outra referência sobre o tema.

Parte VIII

A BÍBLIA, VELHO E NOVO TESTAMENTOS

- Da justificação do homem
- Paulo e o corpo fluídico

- *Moisés e a Revelação*
- *Explicações e consertos na Bíblia*
- *Não julgueis*
- *Cristo, o único mediador*
- *A Bíblia e o Espiritismo*
- *Os Evangelhos: de onde, quando, como e por quê*
- *As idéias na Bíblia*
- *Fenômenos bíblicos e espirituais*
- *Interpolações bíblicas*
- *Novamente a Bíblia e o Espiritismo*

DA JUSTIFICAÇÃO DO HOMEM

(30.mai.55)

A. Jucker, Rio, envia-nos longa e delicada carta que procurarei sintetizar. Apresenta-me 25 cânones de sua antiga Igreja (Metodista) e quer saber se a Doutrina Espirita os aceita ou sanciona.

Ao caso específico deste item:

Pela doutrina que o bom amigo devia ter aprendido na sua Igreja, justificação é um ato da livre graça de Deus. Por essa graça, Ele perdoa, aceita e considera justos os pecadores diante dTSlé, em virtude de haver o Cristo cumprido por eles a sentença que lhes estava reservada. Essa justificação, aliás, é concedida aos pecadores que creram em Cristo e o aceitaram como o seu único e suficiente fiador, pagador e remidor.

A fé, segundo alguns, não é apenas acreditar, mas ainda **confiar**, obedecer e aceitar o Cristo como seu salvador pessoal. Em abono da tese, invoca-se São Paulo, que diz: "Nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rom. 8.1). E mais: "Justificado pela fé temos paz com Deus por meio de N. S. Jesus Cristo" (Rom. 5.1).

A doutrina estriba-se ainda em Rom. 4:5-8, II; Cor. 5:19-21; atos 10:43.

O Divino Mestre teria ensinado a mesma coisa quando disse: "Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho, não verá a vida, mas a ira sobre ele permanece" (João 3-36).

Há também afãbulado Filho Pródigo - Lucas 15:11-24.

Pela fé, portanto, o pecador recebe o perdão dos pecados e aconseqüente justificação. ou seja, aabsolvição plena de todas as suas faltas.

Melhor do que eu poder-lhe-ia explicar isso o seu Pastor, ou ex-Pastor.

Na cartilha Protestante, a fé é que salva, as obras são conseqüência da fé.

Entre os nossos confrades, procuram muitos ajeitar os textos de Paulo por maneira que não haja discordância entre eles e o ensino espírita e dão àfé uma acepção desmedida, isto é, não só a de crença, mas a de amor, altruísmo, honestidade, caridade, perfeição...

Força-se o léxico, mas salva-se a doutrina.

Em Espiritismo não há **justificação**; não há salvamento porque ninguém está em risco de perder-se: há evolução.

A evolução é a melhoria progressiva. Qualquer que seja a crença do indivíduo, em Cristo, Buda, Maomé, ele só estaráliberto das dores, quando purificado; quando ficarem extintas as impurezas da alma. Essa extinção não se dá repentinamente, porque é efeito de longo e penoso trabalho; não vem de chofre; é o resultado da estafante peregrinação, de vidas sucessivas, em que o ser aprende à custa de si próprio, das suas quedas e soerguimentos; das

lições das vidas planetárias; do sofrimento, e, sobretudo, do esforço próprio, no sentido de tomar-se digno.

Ele virá de selvagem a bárbaro; de bárbaro a medieval, de medieval a civilizado, cometendo iniquidades e torpezas até alcançar a luz.

O faltoso, qualquer que seja a sua fé, tem que responder por suas faltas. Ninguém o redime; ele se redime a si mesmo pelo pagamento da dívida.

Como incutir no bruto esta fé que salva, quer seja ela a crença em Cristo como nosso salvador, quer ela implique esta série de predicados que lhe emprestam para fins teóricos?

A Doutrina Espirita é a da evolução. O homem se purifica depois do ensino milénar da Vida.

Em suma, não há justificação. Nem no sentido teológico, que é o ato pelo qual o homem passado pecado ao estado de graça, nem no sentido comum, que é o ato de desculpar, ou mesmo o de mostrar a sua inocência. O homem não precisa mostrar nada. A sua inocência aparecerá, depois de extenso aprendizado, nas folhas do Livro do Destino.

Grandes esperanças envolvem os que estão prestes a deixar em outras mãos a enxada que lhes confiaram, e estas esperanças se encontram nos moços que se dedicam à Doutrina Espirita.

PAULO E O CORPO FLUÍDICO

(30.set.60)

Pergunta-me o confrade Antônio de Faria se Paulo era pró ou contra o corpo fluidico de Jesus.

Não sou muito entendido em textos, entretanto apresen- to-lhe o seguinte, das Epistolas:

Em Gálata 4:4-7:

“Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos...”

Tire daí o amigo as conclusões que julgar conveniente.

MOISÉS E A REVELAÇÃO (30.jun.59)

Se o senhor Cristóvan, que escreve do bairro do mesmo nome, conhecesse as Escrituras, veria que não sou eu quem fala mal de Moisés, é a Bíblia.

Eu não tive o prazer de conhecer esta figura histórica ou lendária; nunca ele me fez nenhum mal, se fizesse eu o esqueceria ou procuraria esquecer. O que sei dele é pelo único livro que dele fala, sua *Bíblia Sagrada*. E ela quem diz que ele mandou roubar, saquear,

pilhar, matar, arrebanhar donzelas e chegou pessoalmente a cometer homicídios.

Ora, um cidadão dessa ordem não é muito para reverenciarmos...

É verdade que isto se diz que foi naquele tempo.. .Naquele tempo ou hoje, ou em que tempo for, o que furta, viola e mata é ladrão, violador e assassino. Não há santos conforme o tempo. Não se compreende um Vicente de Paula cometendo pecados mortais, entretanto, que viveu numa época terrível.

Os cristãos verdadeiros passaram espiritualmente incólumes no atraso judio e na ferocidade romana.

Por maneira que o Patriarca traz o Decálogo e é ele o primeiro a infringi-lo.

Quanto aos seus processos, di-lo bem Jacolliot:

“Copiando Moisés as tradições antigas, e para conduzir um povo embrutecido por longa servidão, teve que recorrer a todos os sortilégios, a todas as mentiras pelas quais reinavam os sacerdotes de sua época, que faziam de Deus um grosseiro espantelho”.

Hoje, que temos de Deus uma idéia totalmente diversa, não podemos apresentar Moisés como sublime modelo.

Ainda no que toca à revelação, é o mesmo Jacolliot que nos diz, em Le Fils de Dieu:

“Não sabemos como ousam ainda falar da magnífica revelação mosaica.

“Que pregou Moisés? O medo e não o amor a Deus, a pena de Talião; o roubo, o saque, o massacre de todas as nações que não consentiram em deixar-se dominar.”

Verdade é que a nossa Doutrina restringe de muito essa revelação, desde que fala consistir apenas nas tábuas da lei.

Mas já existem ali mandamentos que não constituem prescrições de muito valor; os outros já haviam sido estabelecidos alguns anos ou alguns séculos antes, o que esmaece a revelação. E finalmente ele, Moisés, a destruiu por completo com seus atos e seus exemplos.

o texto de Números - 40, onde descreve toda a iniquidade de Moisés, atualmente está sendo supresso das Bíblias Católicas modernas.

EXPLICAÇÕES E CONSERTOS NA BÍBLIA(30.jun.59)

Há tempos recebi uma longa carta em que um confrade me apresentava vários textos bíblicos, e, entre eles, o que se refere ao apedrejamento e morte de médiuns; e outros textos, mais adiante, inteiramente ao arrepio dos primeiros, e, então, ele me dizia que estes explicavam ou emendavam aqueles; portanto, não havia razão para incriminarmos o patriarca.

A carta não tinha aspecto de consulta, nem sei se o amigo desejaria trazer o debate a público.

Mas, como ele vem a talho de foice, e eu não tenho o endereço do caro missivista, dir-lhe-ei que não há, no caso, explicação, mas contradição.

Como sempre acontece na Bíblia, os textos se anulam, e não pode haver emenda ou conserto em pontos diametralmente opostos.

Portanto, os textos daqui destroem os textos dacolá. Apenas.

Explicação nenhuma.

NÃO JULGUEIS (31.mai.59)

É interessante o que me diz o “caro amigo (Manoel Gross) para justificar o seu modo de ver e o de outros – o de não fazer julgamentos – por obedecer ao preceito evangélico – não julgueis para não serdes julgados”.

Já tratei do assunto nesta coluna e vou ater-me agora unicamente ao argumento apresentado, o de que há falhas nos julgamentos e existem os chamados erros judiciais.

De sorte que, por existirem, às vezes, juizes falhos, incompetentes, facciosos, venais, deveríamos prescrever a justiça. Nem mais causas, nem mais juizes, nem mais tribunais; a inexistência do direito, a impunidade na lesão, a falta absoluta da garantia pessoal.

Mas sempre houve falhas em todos os ramos de nossa vida; o que não consta é que elas fossem motivo a que desaparecesse toda a atividade humana.

Pelo argumento do “Caro Amigo”, não poderíamos jamais reparar um prejuízo, obstar à violação de um direito, restituir a coisa roubada, verificar a razão entre dois pleiteantes, ressarcir o dano, integrar o indivíduo naquilo que outro usurpou, absolver da injúria ou da calúnia assacada, dar a cada um o que lhe pertence, afastar da sociedade um malfeitor, impedir a infelicidade que esse malfeitor possa promover. Para tudo isso é preciso um processo, uma verificação, uma decisão, um julgamento. E seria incompreensível deixássemos abandonados pela justiça milhões de criaturas, porque há **alguns casos** em que essa justiça periclita.

O de que não poderemos fugir é de que só o julgamento pode estabelecer a razão entre duas partes em litígio. Só pelo julgamento poderemos estabelecer a responsabilidade do cidadão e impedir os danos que ele venha ocasionar.

A própria vida espiritual é um eterno julgamento, sendo aos bons outorgada a paz e aos maus comunada e pena proporcional a suas faltas.

Deixar tudo de lado porque nos Evangelhos há esta expressão “**não julgueis**”, seria o mesmo que conferir ao Cristo o labéu de inepto e tê-lo como o maior divulgador e propugnador da Injustiça na face da Terra.

Ora aí tem a hermenêutica do “Caro Amigo” e mesmo de outros amigos que rezam pela mesma cartilha, descuidosos de que uma das alavancas da inteligência é o raciocínio, e este lhes está falhando no presente caso.

CRÍSTO, O ÚNICO MEDIADOR

(30.dez.56)

Alguém disse ao Sr. Franco Lobo, Rio, que ninguém vai a Deus senão por intermédio do Cristo. E o amigo Franco pergunta se há, de fato, um texto evangélico com a referida proibição e, se, nesse caso, lhe seria inútil fazer pedidos aos santos de sua devoção ou a seus guias espirituais.

O texto invocado para o caso é este:

Ninguém vai ao Pai senão por mim.

Não tenho queda para exegeta, nem sei como é possível, em muitos casos, saber o que o Cristo teria dito ou o que ele queria dizer. Há uns tantos privilegiados que sabem, mas eu não tenho a pretensão de me incluir na lista.

Entretanto, usando de um arcaísmo revivido pelo Leopoldo Machado, poderemos “logicar” com referência ao texto:

Assim não se trataria da mediação nem seria o Cristo o único medianeiro, senão que só por seguir os seus ensinamentos é que chegaríamos ao Pai.

Aí é que entra a lógica, seu Lobo. Seria uma injustiça que Deus só ouvisse os nossos pedidos por intermédio do Cristo.

Um tal, como seu Lobo, numa hora de angústia, apela para seu patrono, santo ou guia. Cristo não se move, desde que o pedido não foi por Ele, tal como um importante qualquer, de uma qualquer repartição, que deixa o papel mofar na gaveta, porque lhe desconhecera a autoridade.

Deus, por mais fervorosa que fosse a súplica, também ficaria impassível, desde que não veio pelos canais competentes. Não seria um absurdo?

Fora do Cristianismo, então, é inteiramente inútil a oração. Ou Cristo, ou nada.

O informante do nosso amigo deve estar muito preso à Bíblia. E neste caso não sei para que serviriam as súplicas e o Mediador, quando se tratasse, pelo menos, de salvação e purificação, pois lá está na Bíblia do informante - que até muitos dos nossos têm grandemente a peito, mormente tratando-se do Novo Testamento.

“O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.” I João, 1:7.

E em Paulo:

“Pela graça é que sois salvo, mediante a fé, e isto não vem de vós, porque é um dom de Deus. Não vem de nossas obras para que ninguém se glorie.” Ef. 2:8-10.

Muito outro, porém, é o ensino espírita; muito diferente da letra transcrita.

Vai-se ao Pai quando se cumpre os ensinamentos do Cristo, quando se segue a Lei por Ele estabelecida, quando nos achamos dentro dos princípios de moral que Ele trouxe à Terra.

E como os princípios básicos que Ele apresenta se encontram em todas as Religiões, o processo de salvamento é universal.

Fora daí, deve ser fanatismo escriturístico.

A BÍBLIA E O ESPIRITISMO

(30.abr.59)

Nem diga mais isto, Sr. Antônio Melo, que o Espiritismo devia ser baseado na Bíblia. Seria trocar o sucedâneo da prova pelo do mito, o da história pela lenda, o fato pela fantasia.

Nem existia mais Espiritismo, porque os médiuns teriam sido todos liquidados apedra, segundo a recomendação do Levítico. E entraríamos no período penumbroso, de que se lamenta um grande filósofo quando dizia:

“What suffering and misery would have been saved to humanity if this text about killing witches has never been written and never been believed.” (Quantos sofrimentos e misérias teriam sido poupados à humanidade se esse texto sobre a matança de feiticeiros nunca tivesse sido escrito e nunca fosse acreditado!)

Referia-se ele ao texto de Moisés.

antes.

Pois, seu Melo, tire aquela idéia da cabeça. E o quando

OS EVANGELHOS:

de onde, quando, como e porquê (30.abr.59)

Indaga um confrade por que há só quatro Evangelhos; se foi São Jerônimo quem os escolheu; onde, quando, como e por que foram aqueles os escolhidos; e finalmente por que foram os Espíritos na mesma onda e seguiram as preferências da Igreja?

Vamos ver se destrincho isto:

Quanto aos **quatro**, Ireneu explicava: O Evangelho é a coluna da Igreja e esta se acha espalhada pelo Mundo; o Mundo tem quatro regiões daí os quatro Evangelhos.

Também se dizia que ele é o sopro divino da vida: há os quatro ventos cardeais...

Não param as explicações engenhosas: o verbo que criou o Mundo tem seu trono erguido sobre quatro querubins. Daí os quatro Evangelhos.

Se o confrade não se contenta com isto, vejamos coisas mais sólidas.

Não foi São Jerônimo quem escolheu os Evangelhos; ele selecionou entre diversas cópias dos evangelhos já escolhidos.

Como muito bem diz o amigo, havia diversos Evangelhos ou Evangelhos de diversos autores(*). A Igreja preferiu os mais conhecidos, ou os mais espalhados ou os mais influentes

(quicá convenientes). Em Jerusalém houve a influência do de Mateus, em Roma e Alexandria, ou numa das duas, a do de Marcos; em Antióquia a do de Lucas, em Êfeso a do de João.

O cânon já existia há muito tempo. Fala-se no ano 150.

Quanto aos espíritos, aproveitaram o que acharam. A moral que eles traziam era a mesma, com ligeiros retoques e acréscimos; a filosofia facilmente emendável. Eles já traziam uma idéia revolucionária; não havia necessidade de alterar, ainda, ou mudar os Evangelhos, já enraizados na alma ocidental e que refletiam os ensinamentos de Cristo.

Serviram-se da obra feita, assim mesmo, com ressalvas.

Creio que está justificado Q Evangelho Segundo o Espiritismo.

(*)Atualmente estima-se em noventa e sete evangelhos, dos quais, noventa e três são considerados apócrifos.

AS IDÉIAS NA BÍBLIA (31.jul.59)

Pergunta-me J. Estefânio por que eu sou contrário à Bíblia e me declara que muito do que está lá escrito não representa o que se passou, visto que a linguagem varia com o tempo. Eu não sou contra a Bíblia, sou contra o fanatismo, meu caro Estefânio. É fanatismo procurar ajeitar os textos a martelo.

O que disse Homero é de uma claridade de lua cheia, apesar do tempo que já lá vai. São da maior limpidez os princípios de Sócrates. Nos Vedas há magníficas máximas, que nem o tempo nem os homens conseguiram corromper. Por que só com a Bíblia é que se dará o inaudito? Há lá muita idéia soberba, mas, quando chega a nós, transforma-se num disparate.

FENÔMENOS BÍBLICOS E ESPIRÍTICOS (31.jul.61)

Mostrou-me um amigo um artigo assinado por Lincoria Auracano, sob o título Idéias Novas, onde estranhou que se dissesse que eram absolutamente iguais aos da Bíblia os fenômenos espirítas.

Antes do mais, vejamos o trecho em questão:

Os fenômenos registrados na Bíblia, que serviam de base às grandes religiões do Ocidente, são absolutamente os mesmos do Espiritismo e não foram rigorosamente verificados nem testemunhados como o são no Espiritismo. No entanto, incalculáveis gerações de judeus, católicos, ortodoxos, protestantes, aceitam sem nenhuma discussão o que foi escrito pelos profetas, pelos antigos escribas, pelos evangelistas.

As observações são justas. Os sectários da Bíblia, ou sejam, aqueles que têm a Bíblia como

um livro sagrado, aceitam, sem a menor discrepância, os fenômenos ali relatados, no mesmo passo que negam, por vezes, obstinadamente, os fenômenos do Psiquismo.

O que merece reparo é a afirmativa de que os fenômenos são absolutamente os mesmos. Dir-se-ia que tudo é rigorosamente, rigidamente igual.

Mas, felizmente, não. Porque não se vêem na fenomenologia psíquica paranormal, ou seja, no fenômeno espírita, os fatos absurdos, ilógicos, desarrazoados, inverificáveis que a Bíblia relata.

Muito do que ela nos conta não só jamais se verificou, como é fácil de concluir que jamais se verificará pela sã impossibilidade de realização.

Temos uma burra falando, como falava a serpente que seduziu Eva, sem possuir o aparelho fônico e outros necessários para a elaboração e comunicação de idéias; há um cidadão que permanece três dias no ventre de um cetáceo, sem que apanhe a máquina digestiva, e sai dali eufórico, lépido e hígido como de uma estação balneária, sem falar no tamanho da goela do animal devorador que só engole sardinhas. Temos as águas do Mar Vermelho abrindo alas à passagem de Moisés e sua gente, como o povo da Avenida Rio Branco à passagem de um préstito, enquanto as ondas formavam paredes laterais, espécie de muro de arrimo; temos os sortilégios de Moisés e, mais tarde, os de Elias, que deixam a perder de vista os dos mais famosos feiticeiros africanos e faquires asiáticos, tirante a matança dos profetas de Baal, no córrego de Quison, matança que se verifica todos os dias, como acidente ramerraneiro; e não esqueçamos a parada do Sol e da Lua, sem o menor desequilíbrio planetário, quando, aparceirados, Josué e o Criador, para a vingança do povo. E não sabemos se devemos ter como fenômeno bíblico as formidáveis pedradas que o Senhor lançou sobre os amorreus, de Beterom a Azeca e Maquedá.

Isto nunca houve em Espiritismo. Entretanto, por isso mesmo, são absolutamente justificáveis as conclusões do articulista.

Judeus, católicos, protestantes, ortodoxos, que aceitam de olhos fechados toda essa fábula e juram por sua autenticidade, formam um antemural contra os fenômenos espíritas e os negam contra toda evidência, apesar da soação da História, da balizagem do tempo, do testemunho universal, da confirmação dos sábios.

O caso é mesmo para admirar.

Vale lembrar o que dizia Rui Barbosa (Réplica 308):

- Entre um frasear sujeito a hermenêutica e outro de sentido materialmente visível, não há vacilar.

É o que repetimos em relação aos fenômenos: entre um fato sujeito a dúvidas e outro iniludivelmente provado não pode haver vacilação.

INTERPOLAÇÕES BÍBLICAS

(31.mai.60)

A um amigo (referência a carta particular).

Se me refiro, caro e distinto irmão, a interpolações e contradições bíblicas, é por esclarecer a questão, com o direito ou o dever que temos de estudar os assuntos e apresentá-los em sua face verdadeira. Das interpolações só me interessam as evangélicas, por fazerem parte dos ensinamentos espíritas e, portanto, mais de perto nos tocarem.

Não costumo apresentar idéias minhas; não se trata de pendores especiais; reporto-me à crítica histórica, geralmente desconhecida, aos mananciais de que poucos se aproximam, às prolongadas pesquisas dos peritos na matéria, às investigações dos abalizados. Se isto perturba a tranqüilidade dogmática, se aborrece o carolismo indígena, se irrita à inciência alap? da; se isto tem o efeito da onda na ostra, não há culpa nem propósito meu.

Parar em determinadas questões porque outros se petrificam no erro é que não é possível. As idéias foram feitas para serem ventiladas: tudo é motivo de estudo. O interesse da verdade, porém, não pode ficar subordinado às opiniões apaixonadas ou a essa impassibilidade mental a que se entregam os opiados pela traição, pela intangibilidade escriturística; os que se opõem a qualquer crítica, a qualquer inspeção, e nos obrigam a ficar de braços cruzados diante das tolices que se atribuem a Cristo e que foram colocadas em seu Evangelho por ignorância ou sectarismo.

Ora, amigo, quando ventilo um assunto não me valho do que penso, não me prendo ao que sinto, como os palinuros dos textos, mas apresento as provas da convicção em que me acho e das razões em que me estribo. E estas é que parecem mais sagradas que o catecismo dos opugnadores, porque ninguém lhes toca. Elas, porém, é que é preciso sejam discutidas ou destruídas, e nunca a minha opinião, que, despida dos argumentos que a sustentam, não terá valor nenhum.

Não se incomodem comigo, que não é a pessoa que interessa, mas as bases em que se firma. E se não podem destruir as bases, não fiquem a perder tempo com objurgatórias, indiretas e mascaradas, em frases anódinas, que isso é próprio dos fracos e dos pusilânimes e só impressionam os simplórios.

Àqueles que supõem um desagrado por alguns reparos à Escritura, ou não viverem ajoelhados diante dela como um crente fervoroso diante do altar; aos que supõem devamos encarar a Bíblia como os primitivos encaram um tabu, lembramos o seguinte trecho de Allan Kardec, publicado em O Evangelho Segundo o Espiritismo:

“A tradição constituía parte importante da teologia dos judeus. Consistia numa compilação das interpretações dadas ao sentido das Escrituras e tornadas artigos de

dogmas..

“Entre as seitas, a mais influente era a dos fariseus, que teve por chefe Hillel, fundador de uma escola onde se ensinava que só se devia depositar fe nas Escrituras.

“Servis cumpridores das práticas do culto, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios, mas sob a aparência de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e excessiva ânsia de dominação.”

Como vemos, o amor das Escrituras não será um sinal dos salvos, e os que não admitem se fale em interpolações e contradições bíblicas, mostrando aquele ardente zelo dos fariseus, não creio também tenham por sua intolerância e pelo seu extremado zelo feito jus às moradas divinas.

NOVAMENTE A BÍBLIA E O ESPIRITISMO (30.set.57)

Por essa época, o escritor Mário Cavalcânti de Mello, amigo íntimo do dr. bnbassahy, publicara um livro intitulado Da Bíblia aos Nossos Dias - seus erros, lendas e contradições. Este livro tomou-se polêmico porque uma grande parte dos espiritas que queriam que o Espiritismo se tomasse em nova seita bíblica classificaram a obra como heresia. Em defesa do livro surgiu a pena do dr. bnbassahy, o que gerou uma série de insatisfações contra ele por parte desses adeptos da Santa Escritura. Eis um caso:

Envia-me o Sr. Silva, de Morro Agudo - Monte Agudo ou Mato Agudo - ou não sei o que Agudo, um recorte de O Caminho, e, de caminho, me pergunta se o vi e o que lhe respondo.

Vi mas não respondi. O caso foi o seguinte:

Estimável e distinto Professor publicou em uma folha paulista, de que é colaborador, um artigo que “O Caminho” transcreveu, e que, agora, o ilustre confrade e correspondente aprova, perfilha e endossa.

No artigo se estranham as referências que eu e Mário Cavalcânti de Mello fizemos à Bíblia; acusam-nos de pressa e nosso estudo de desconhecimento das interpretações.

Desconhecimento é possível; pressa não houve nenhuma.

Cumpre-me justificar os tópicos do meu livro. E só isso.

Nossos antagonistas, quando nos querem atacar, procuram os nossos próprios redutos, desde que nos metemos na Bíblia, e, quando falo de Bíblia, refiro-me particular e especialmente ao Velho Testamento. É com os próprios textos bíblicos que nos rebatem, provando com eles os nossos erros, dislates, contradições e divergências em relação à palavra sagrada.

Os textos são muito claros e não comportam interpretação nenhuma. Interpretar, ali, é

tapear. E já dizia o velho Direito Romano - *In daris cessat interpretado*. Não se interpreta o que está claro.

Procuro eu, então, mostrar que os ditos textos não têm valor, já por falta de autenticidade, já por se lhes ignorar a autoridade, já por fugirem à lógica, à razão, à verdade e infringirem sérios postulados científicos e comezinhos preceitos de moral. Descobrir por ali outro sentido é processo de adivinhação a que não sei nem desejo entregar-me, conservando-me sempre um desajeitado em matéria de charadas, logogrifos, quebra-cabeças, enigmas, ou fantasias de qualquer espécie.

Os nossos doutos amigos, em vez de esclarecer-nos quanto às interpretações, limitam-se a lembrá-las ou a declarar que elas existem, processo cômodo, mas que, por demais sintético, não chega a instruir e elucidar os iletrados, apressados e apoucados de entendimento, onde deve muito justamente estar incluído.

Fala-se que existe tal interpretação, só que ela não nos é trazida.

Assim, por exemplo, qual seria a interpretação a dar ao versículo onde se diz que Deus se arrependeu? E aquele em que foi necessária a intervenção de Moisés para aplacar a ira de Deus, intervenção sem a qual nosso Criador entraria a fazer desatinos? Qual a folha de parra capaz de encobrir as imoralidades que enxameiam naquelas páginas? Como transformar em atos de generosidade, bondade e benemerência as matanças, os incêndios, os saques, os martírios, a violência e os estupros ordenados por Moisés, com o beneplácito de Jeová?...O olho por olho e o dente por dente como ficariam bem ao lado de nossos ensinamentos?...

Nuncapoderia eu apresentar como parte da moral espírita essas páginas onde fluem a torpeza, os assassínios, a indecência, o sangue...

De fato, descobrir uma interpretação para toda essa história, eu cá não sei, e se a arranjassem e a lançassem sobre meus adversários de doutrina eles estariam no direito de replicarem, dando-me os epítetos de falsário, farsante e falsificador, porque as inovações seriam minhas e não da Bíblia. A Bíblia é o que está lá escrito; o que fosse meu, o que saísse da minha cabeça não valeria nada.

O ilustradíssimo Zapata apresentou várias perguntas a uma assembléia de doutos; eram interrogações sérias a respeito dos erros e inverdades bíblicas. Responderam-lhe com a fogueira, que era um argumento de muito calor. Parece-me que as "interpretações" levam a mesmo caminho.

O nosso querido e respeitável amigo, em vez das interpretações que serviriam para que eu e o Már.o nos corrigíssemos, e que talvez espertassem do seu sono os manes do Zapata, conser-vou-se no mesmo e interessante mutismo do Livro Sagrado. As tais interpretações passam a ser divinas e misteriosas como o dogma da Santíssima Trindade e outros não menos santíssimos.

Em suma, ao Zapata a fogueira, a nós a ameaça das interpretações. Quais elas sejam, só Deus sabe!

Parte IX

A FILOSOFIA, A VIDA E O MUNDO

- *Filosofia e dificuldades*
- *Dúvidas sobre o instinto*
- *A escrita cunéiforme*
- *O excesso de vivos sobre os que morrem e a reencarnação.*
- *O remorso - O suicídio*

FILOSOFIA E DIFICULDADES

(31.jul.61)

N. Chaves é um elegante escritor que gosta, de vez em quando, de atrapalhar os amigos.

Já há muito tempo escreveu-me longa carta, de que não posso precisar a data porque não a datou, apresentando-me alguns problemas filosóficos e religiosos. E como a resposta esteja tardando, deve estar dizendo consigo: O homem ficou atrapalhado!...

E fiquei mesmo! O assunto não é de hoje que vem me bailando na cabeça; eu o vou afastando, como se faz a um vizinho importuno:

- Chega pra lá!

Mas agora o Chaves me apanha de frente, sem que eu possa voltar à esquina fingindo que não o vi.

Principia dizendo-me que religião é pra ele espécie de ducha fria, onde, em nome de Deus, se fazem tratantadas. E ainda se fosse só! - Digo eu. - Muito pior se tem feito, que foram as "mortandadas".

Mas continuando:

Refere-se ao relógio de Bemard Shaw, onde se procura provar a existência de Deus, e diz-me que no Brasil tiraram-lhe várias engrenagens e molas, na Rússia o fazem trabalhar com energia atômica, e que a única hora certa é a da Consulta.

Boa pilhéria para desenfarruscar o cérebro e prepará-lo para o que aí vem:

Explica o Espiritismo que o homem que vem à Terra marcado, com um defeito físico qualquer, é porque delinqüiu no passado e está, com os inconvenientes provocados pelo aleijão, resgatando suas falhas. Há entre esse castigo e o que a I. Católica apregoa, por velhacaria, pequena diferença, tão pequena que, para ambos, cabe a mesma indagação. Que Deus "desumano" é esse que, por uma simples falha de um dos seus filhos (tomemos, p.e., o caso dum assassínio), dá-lhe na erraticidade, enquanto espera nova encarnação, a cruel expectativa de viver dezenas, quiçá centenas de anos, pensando no dia do retomo, quando, então, defrontará seu inimigo do antanho, para dele receber o mesmo golpe mortal de que era devedor? Ora, isso nos parece sem propósito, quando atentamos que seres humanos, sem a perfeição, a onipotência, a onisciência (que são atributos estritamente divinos), perdoam ao cabo de algum tempo - que varia de pessoa para pessoa; por que esse Deus, que em muito se assemelha ao de Moisés, é assim tão sádico?

Bem, por enquanto ainda me vou aprumando, e as nuvens ficariam mais pejudas se o amigo quisesse saber por que Deus não jogou logo no Mundo tudo direitinho, perfeitinho, bonzinho...

Entre o castigo que a Igreja apregoa e o do ensino espirita não há pequena diferença: ela

é imensa. Na Igreja há o inferno, com um suplicio que não acaba mais; há as dores materiais do fogo e as espirituais do desespero. E não se sabe qual é a finalidade daquilo. A quoi bon?...

Em espiritismo a pena é proporcional à culpa e termina um dia, desaparecendo no sol radiante da eterna felicidade a escuridão do passado. E há um fim: o progresso. O “camarada” está dentro da lei da evolução.

As simples falhas têm penas simples. O assassinio não é uma simples falha. O tempo que o indivíduo demora no Espaço é, muitas vezes, culpa sua; ele foge à prova e dilata a aflição, se é que atem, como o indivíduo que recebe a intervenção cirúrgica e, por isso, prolonga as suas dores físicas.

E não sabemos se ele fica nessa expectativa dolorosa. Quanto mais atrasado, e, portanto, quanto mais faltoso, mais ignorante é o sujeito. A grande, a imensa maioria não sabe que há reencarnação, e tanto que anegam, dando a crer aos inscientes que não há coerência nem harmonia em nossos princípios doutrinários.

Ora, os mais endurecidos são arrastados à vida corpórea e não conhecem o que lhes vai suceder. Outros há que só o percebem prestes a reencarnar.

A compreensão do destino é mais reservada aos adiantados e estes, ou poucas contas têm a prestar, ou possuem o ânimo preparado para as justas do futuro. Ê o que vemos na Terra, em que o indivíduo se lança a um sacrifício, sabendo que é ele aporta da redenção.

Não podemos afirmar que, mesmo avisado do que o espera, sofra o espírito aquela expectativa cruel, pensando no dia do retomo, porque nós aqui compreendemos todos que iremos morrer, e nem por isso vivemos a pensar no dia fatal, com suas moléstias antecedentes, dores e agonias concomitantes; antes, cada qual se diverte como entende e maltrata os outros como pode.

Nós costumamos perdoar – diz o amigo. Aliás, muito pouco – digo-lhe eu. Mas o fato é que, na Providência, há uma lei que se cumpre.

E é o que acontece, mesmo na justiça humana. Um jurado pode ter um coração boníssimo; mas, se o réu matou, na sua resposta ao quesito, ele terá que dizer sim. Fora daí estará mentindo, estará fugindo ao compromisso, faltando ao juramento perante a sociedade. E o homem irá para a cadeia ou para a cadeira elétrica, que o amigo defende. É a inexorabilidade da lei.

O resto irá depois. Vamos por partes.

Dr. bnbassahy dava suas respostas dentro de uma coluna apertada e procurava atender ao maior número possível de leitores, de sorte que, por vezes, adiava ou transferia para outra oportunidade o complemento de seus comentários.

Vamos ver, por exemplo, que, neste caso, ele ainda o aborda lembrando que o tempo na Espiritualidade não é contado como na Terra, em anos ou séculos e que a nossa noção de duração não se liga à do Além.

Para nós, um século é mais do que a média de vida do cidadão, enquanto, na Eternidade, não

passa de um efêmero espaço de tempo.

Lembra ainda que a impunidade levaria os demais a não crer em "justiça" de espécie nenhuma, porquanto, tanto os bons quanto os maus estariam sujeitos ao "perdão divino", sem méritos para o que agiu corretamente.

Lembro eu, que, se o Sr. Nilton Chaves vivesse agora, que idéia faria da impunidade ingente!? Corrupção desenfreada e ninguém respondendo por ela, enquanto o povo clama por justiça..

DÚVIDAS SOBRE O INSTINTO

(31.mar.66)

Um distinto amigo, ora em Santa Rita de Caldas, escreve-me uma carta com a seguinte observação:

Respondendo a Déborah Lauscker sobre se "o Espiritismo aceita a hereditariedade dos instintos?", o senhor respondeu: "Por força".

Ou eu não entendi ou eu estou errado. Achei a pergunta vaga e a resposta duvidosa. A que hereditariedade se refere? Dos cães que obviamente se transferem aos filhos-cães; dos macacos que se passam para os filhos macacos. ..ou a dos pais ruins que se transmitem aos filhos e, no caso, eles, filhos, também ficariam ruins?

Entendo que a maldade dos pais, por derivar-se do espírito e não do corpo, não é transmissível aos filhos, por hereditariedade. Que os caracteres fisionômicos se transmitam hereditariamente não é o caso de crer, mas de ver; mas que os instintos se herdem, não creio. Ou são os instintos frutos da carne?

Não seriam propriamente frutos da carne, mas frutos da espécie.

É preciso não confundir instinto com sentimento. O sentimento é que se aprimora. O instinto conserva-se mais ou menos inalterável de pais a filhos. É o predicado fornecido à espécie enquanto ela não está apta a dirigir-se inteligentemente. E claro - ou me parece - que ele se transmite por força hereditária. Se formos ao significado do vocábulo, saberemos que o instinto é o conjunto de atos no homem e nos animais, visando a determinado fim, sem o acompanhamento de reflexão e inteligência; tendência ingênita; impulso irrefletido.

Essa tendência ingênita é a que me refiro. Ela não sofre o impulso evolutivo a não ser o da espécie. Repete-se; é portanto característica hereditária.

Há aquela história da galinha que chocou os patinhos; quando saiu com a ninhada a ciscar, como fazia com os pintinhos, tomou um grande susto: estava perto de um lago e viu os filhos caírem todos na água, inesperadamente. Os patinhos filhos herdaram dos patos, pais, o amor pela água e a arte de nadar. A galinha devia ter ficado muito chocada, mormente não tendo a menor noção do que fosse a transmissão pelo ovo.

De onde os passarinhos extraíram a sabedoria com que fazem os ninhos? E a engenhosa

sabedoria do castor? Eles, porém, não melhoram; não progridem na arte da construção, nem os patos batem recordes de natação. O instinto é justamente isso. O que denota a hereditariedade do instinto é que os atos são os mesmos de geração em geração. É uma função mecânica como a secreção da bile, ou das contrações peristálticas, sempre as mesmas, do tataravô ao tataraneto, salvo as condições mórbidas.

É de crer que, nos seres adiantados, o instinto se alie em parte à inteligência. Comumente é uma inteligência rudimentar, uma ação sempre idêntica através das idades. Foi nessa perpetuidade de impulsos que me baseei para achar que ela provinha de uma herança física e não participava da espontaneidade e da responsabilidade de atos e fatos que constituem o nosso livre-arbítrio.

Isto posto, ou seja, explicado com os meus poucos recursos mentais e poucas reservas no assunto, cabe-me agradecer-lhe a observação, o que mostra que está alerta e sempre pronto a socorrer os amigos quando os vê num passo em falso.

Há uma tendência tácita, reencarnacionista, de admitir, sob forma intolerante, que todo o comportamento da criatura humana deriva do espírito, ou seja, qualquer reação, por mais simples e de forma orgânica, é induzida na pessoa pelo processo encamatório do espírito. Como tal, cada um teria suas características próprias, só que, se assim o fosse, seria uma incoerência as raças humanas, principalmente, tendo em vista que cada um encarna, de acordo com sua necessidade, numa espécie correspondente á vida queváter. E muitos que hoje são negros, já foram louros, de olhos azuis, em vidas passadas, e vice-versa, portanto, a hereditariedade, no caso, é genética e não espiritual. O espírito, apenas, escolhe a família para herdar tais genes de acordo com suas necessidades de vida

A ESCRITA CUNEIFORME (31.ago.58)

Um “Curioso em História”, Bangu (RJ), pergunta-me o que é a escrita cuneiforme, qual a sua significação para o Espiritismo e se pode interessar seu estudo. Essa indagação tem por fim resolver uma contenda literária, declara.

Não sei se o “Curioso” quer divertir-se ou se deseja, mesmo, algum esclarecimento. In dubio pro reo.

Folheando um dicionário lê-se: “Cuneiforme, em forma de cunha; caracteres, designação de três ossos do tarso.”

Como se vê, o léxico nada adianta quanto à curiosidade do consulente. Vamos, pois, a um estudo mais dilatado.

A região entre o Tigre e o Eufrates chama-se Mesopotâmia (entre rios); na Bíblia denominava-se Aram-Nacharam, Síria entre os rios. Hoje é o Iraque (ou parte dele) mas aí floresceram a Assíria, ao norte, e a Caldéia ao sul, com suas capitais, célebres na História, respectivamente Nínive e Babilônia.

Um notável investigador, Paulo Emílio Botta, botou suas vistas arqueológicas para essa região.

Prncipiou por Mossul onde havia muitas coisas antigas, e começou, depois, a cavar. A escavação ai era muito diferente da que conhecemos por aqui, porque muito áspera.

Levou um ano à procura de tijolos. Mas certo dia seus homens descobriram uns muros, e depois inscrições, esculturas, relevos, estátuas. E mais paredes, e casas ou vestígios delas... Era Nínive que estava sendo exumada.

Foram três anos longos de trabalhos e lutas contrao clima, os naturais, os guardas, o Paxá, o rio, toda a Turquia...

Descobriu-se o gigantesco palácio do Rei Sargão, de que falava Isaías. Os Assírios surgiam do crepúsculo da História para a luz do tempo.

Apareceu Layard. E Botta escreve seu livro Monuments de Ninlve. E as preciosidades descobertas começaram a embarcar para o Ocidente. Entre elas figuravam uns tijolos com os tais sinais cuneiformes. Eles já eram mais ou menos conhecidos, mas não lhes deram importância nem sabiam o que aquilo era. Botta é que chamou a atenção do mundo para eles.

Entretanto, sua decifração só se deu mais tarde, graças a uma aposta. O decifrador foi um jovem alemão, professor em Gottingen.

Até então, julgava-se que os risquinhos não passavam de ornamento, embora um tanto sem graça. Foi o célebre alemão da aposta, George Friednch Grotefend quem traduziu aquela escrita, que floresceu há cinco mü anos. Ela representava o pensamento humano, durante séculos soterrado.

Grotefend, nascido em 1775, vinha, em 1802, trazer ao mundo científico uma descoberta superior à de Champollion. Ele tinha diante de si as inscrições da antiga Persépolis, destruída por um louco furioso que se chamou Alexandre Magno. Ele a trouxe à vida dois ir ü e quinhentos anos passados.

Rawlinson computou os descobrimentos.

Os sinais eram escritos, ou melhor, gravados em tabuinhas de barro mole, cozidas, no forno, e assim puderam sobreviver. Ali estava a escrita cuneiforme gravada em tijolos de barro cozido que o amigo pergunta o que é. É a linguagem do passado.

Quanto ao seu valor, penso que é muito grande, mesmo no que toca ao Espiritismo» o qual braceja suas raízes ou seus galhos na direção de todas as atividades humanas.

Ela nos faz revelações históricas, algumas ligadas à Bíblia, livro outrora sagrado dos judeus e hoje de alguns espíritas.

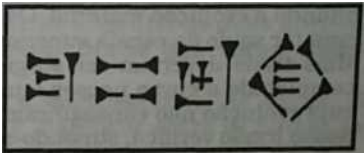
A escrita cuneiforme, como os hieróglifos, como o sânscrito, veio dizer-nos que alei moral é eterna, que foi de todos os tempos e de todas as religiões, não sendo privilégio de nenhuma.

O conhecimento desse imenso pretérito poderá fazer-nos compreender que a Religião é

uma só e surgiu para ligar os homens e não desligá-los, e que seus fins são a fraternidade e a paz, e não a desarmonia e a guerra. Destarte, em vez de insular-se o Espiritismo numa das muitas seitas que têm dividido a humanidade, arrastando-o para a sua, cada sectário, ele será, como já dizia inolvidável Bozzano, uma síntese de todas, traduzindo-as, esclarecendo-as, reformando-as, no sentido da justiça divina

Como tais comentários podem instruir, aqui me tem "um curioso da História".

Esta resposta mostra a faceta do historiador, revelada no livro *Grandes Criminosos da História*, seu cuidado com o conhecimento dos fatos e a preocupação de mostrar que o grande papel do Espiritismo no contexto social é o de corrigir as grandes faixas religiosas que, até hoje, ainda não permitiram que o homem compreenda que seu grande papel, como diz o nome, é religar (religião - do Latim), ou seja, como diz dr. Imbassahy, unir, harmonizar as criaturas.



A escrita cuneiforme apresenta-se em letras tal como nós as temos comuns não só ao nosso idioma latino, como ainda a outras línguas, principalmente o Inglês, apenas, com um tipo desenhado.

Nas letras cuneiformes escreviam os persas (iranianos), os medas, os assírios, os caldeus, como ainda os susianos e os armênios, chamados dialetos semíticos.

Talvez, porém, a semelhança entre esses idiomas seja maior que a existente entre Português e Espanhol. Consta, que eram mais de quinze línguas que usavam os caracteres (ou letras) cuneiformes.

O EXCESSO DE VIVOS SOBRE OS QUE MORREM E A REENCARNAÇÃO

(31.dez.61)

Um irmão que se declara católico envia-me o seguinte recorte que colheu no jornal nosso colega A Nova Era:

"Sua pergunta é exatamente a que nos fez também certo consulente, residente em Serra Negra. De maneira que responderemos aos dois por esta oportunidade. Perguntam-nos esses amigos qual a causa de haver atualmente muito mais espíritos encarnados do que na antigüidade e por que motivo esses não esgotam a reserva espiritual? Como se vê, há ironia na pergunta. Vamos responder como nos ensinam os princípios. Logo para compreender a questão ou avaliá-la, nossos amigos devem, pelo menos, acreditar na reencarnação. Assim, sabemos que a humanidade encarnada presentemente é apenas um terço dos espíritos

desencarnados.

Infer-se daí que do lado de lá existe 3/4 partes de Espíritos que aguardam, numa fila enorme, sua oportunidade de ingressar no plano terráqueo. Quem lê Kardec e, agora, André Luiz, sabe compreender a situação.”

E aqui me diz o missivista:

- “Vê-se bem que os espíritos e os espíritas não sabem explicar porque é que nasce mais gente do que morre, quando uns são reencarnações dos outros. Donde vêm os excedentes? E, se no princípio do mundo os habitantes eram muito poucos, como chegaram a três bilhões com o tal processo de reencarnação? Responda se for capaz!...”

E o amigo foi ver o que dizia Kardec e André Luiz, como aconselhava o local que transcreveu?

*A capacidade de responder-lhe não me envaidece, visto que a resposta está ao alcance de um qualquer. No princípio do mundo não havia poucos, visto que não havia nenhum. A Terra se foi povoando pelo processo evolutivo de que nos fala Darwin e os transformistas como Lamarck, e os espíritos foram acompanhando a evolução material. Os primitivos seres humanos deveriam ter saído da escala superior zoológica Estes são os nativos. Mais tarde deveriam ter surgido os de mundos inferiores, já completado o curso nesses mundos, e os mundos superiores a cuja evolução não conseguiram adaptar-se. Daí o excesso que o **nosso** irmão verifica, supondo-se com uma visão muito superior à dos espíritas, que até agora não haviam observado isso.*

E, como se vê, não é preciso capacidade, nem há dificuldades no responder. E até breve, se quiser voltar.

O REMORSO (31.mai.59)

Pergunta-me o Sr. Milano o que é o remorso.

Pois não sabe o que é o remorso, o Sr. Milano?...

Vejamos um exemplo: Certo cidadão ou certos cidadãos enviam a outro umas perguntas inúteis, fúteis ou idiotas, com o intuito de lhe tomar tempo, ou desmoralizá-lo, ou chufá-lo, ou tomar insípida e estúpida a sua seção. Podem ser movidos por falta do que fazer, por inveja, por maldade, pela vontade de aparecer, por se mostrarem atilados, humoristas, ou por qualquer outro intuito subalterno. Mais tarde caem em si, vêem que usaram de má-fé, que mentiram, que fraudaram; aí vem o pesar do embuste que cometeram e temos o remorso.

Como eu não devo julgar sem ciência própria, admito a sinceridade do missivista e aqui lhe trago outro exemplo, ilustrativo, este de valor histórico:

Conta Lamartine que, ao tempo da Revolução Francesa, havia em Bicêtre 1.500 presos, entre os quais pessoas inteiramente alheias à política ou aos inimigos da Revolução. Mas, os

matadores - les égorgeurs - forcavam as portas a canhão e mataram todos os que lá estavam - mulheres, criados, porteiros» administradores, ecónomos, escriturários, esmoleres^ loucos, indigentes, enfermos... Era o gosto de matar. Durou o morticínio cinco dias consecutivos e cinco noites.

Os infelizes cuja culpa era, aoenas, estarem ah, internados, como empregados ou como doentes, foram exterminados pòif todos os processos, até à metralha. Os que se refugiaram riòs subterrâneos pereceram afogados.

O mesmo bando foi a Salpetrière, que era asilo, hospício e prisão e imolou as mulheres, praticando os atos mais abietos. Algumas havia de 10 a 12 anos.

Vereis, agora, a lição da História e do destino: a maioria deles ensandeceu de remorso. Atiraram-se uns contra os outros: sofreram o desprezo público e morreram de miséria.

Um negro feroz que participava do bando, só esse, matou mais de duzentos. Acabou os seus dias na mais horrível miséria, até que o assassinaram. Diz-se que tinha visões terríveis!

A Providência começa a manifestar-se, às vezes, já neste mundo. Não espera que o malfeitor entre às portas da Eternidade.

Isto eu extraí de Os Girondinos, obra imortal do grande poeta francês, e já havia publicado em tempos idos, nas colunas ¹ do Reformador.

Nunca é demais lembrá-lo, na oportunidade.

O SUICÍDIO (31.mai.68)

Elmésio Guarany, Salvador (BA), envia-me uma carta de que extraio o seguinte trecho:

"Interrompi a leitura do Hipóteses para fazer-lhe uma consulta: V. diz na pág. 259 que: Os mais infortunados do Espaço depois dos suicidas, são os perversos.

"Imaginemos um homem bom, caridoso, cumpridor de seus deveres, das leis humanas e divinas, e que, no fim da vida, aos 83 anos, assediado por dores ternveis, morais e físicas, não aguente mais e tenha a fraqueza de acabar com isto. Por que ha de ser mais infortunado no Além de que o assassino, o estuprador, o perverso, o ladrão?... Explique-me isso, que não pude entender e tenho sofrido o diabo!..."

Sempre pensei nisso. Um pobre infeliz, transido de dores, levado ao desespero, suicida-se. Pois, não só não terminam as dores como ele as vê acrescidas; são decuplicadas, com as sensações ainda do último momento, com a dor física proporcionada pelo instrumento e meio de que se serviu para terminar os dias e o remorso dos males que acarretou com seu gesto infeliz.

Felizmente, caro amigo, não fomos nós que estabelecemos tais penalidades. E tristíssimo mas é o fato. Há atenuantes, mas dirimente¹¹ só a alienação mental.

¹¹ *Dirimente. Que isenta de pena, exclui a culpabilidade.

O indivíduo tem que prestar contas dos seus maus atos passados. E o suicídio é uma deserção. E um reincidente e ainda terá que voltar para reiniciar a prova que interrompeu.

Todavia, não se registrou, ainda, casos, de espíritos que, ao fim do resgate, tenham fugido a ele; geralmente, devidamente preparados para a dor, sustentam-na com galhardia e livram-se de suas faltas sem frigirem de suas provas derradeiras.

Ninguém é investido de uma prova maior que sua capacidade de suportá-la.

O caso é que expus o que há. A realidade é essa. Todo suicida que se nos apresenta relata o seu desespero, fala-nos do terrível estado em que se encontra. Não fiz mais do que registrar o fenômeno. Expus a doutrina de acordo com o fato consueto.

Portanto, caro Elmésio, não fosse estar a fazer piadas, mormente tratando-se da situação dolorosa do amigo, eu lhe diria que fosse agüentando a mão. Rompido voluntariamente o curso da vida, surge uma desgraça irremediável, para a qual não há o recurso nem da “queixa ao bispo”.

Mas Deus e grande, Elmésio. Tudo passa.

Parte X

DIVERSOS E AVULSOS

- Várias e avulsas
- Botas, bolas e borlas
- Perguntas a granel -Música
- O beijo do pecado -Avulsos
- O Homem
- Diversos a diversos
- Fabricação artificial de seres humanos
- Faltou na lei
- Livros atacantes e espiritas atacados
- Intolerância e contradição
- Como os animais humildes
- A discussão
- Miscelânea
- Nacionalidade de Deus
- Carta de Richet a Bozzano
- O adultério

VÁRIAS E AVULSAS (1955)

Durante o ano de 1955 dr. Imbassahy manteve sua coluna congestionada pelo debate que

sustentou com Frei Boaventura que reeditam seu opúsculo intitulado "Respostas aos Espíritos*" e que, mais diretamente, se referia àquele que acabou sendo seu amigo.

Pam não deixar, porém, seus leitores sem resposta, juntava uma série de perguntas às quais intitulava de Miscelânea, numerava-as e, a seguir, respondia-as. Destas foram selecionadas algumas para mostrar seu estilo próprio e conciso, quando soia importante fazê-lo.

A única diferença é que, a partir de cada pergunta, seguirá a resposta. Vamos a elas.

- *É verdade que existe Espírito que não pode ser doutrinado em Centro Espirita e somente em Tenda de Umbanda, e vice-versa?*

Os Espíritos podem ser doutrinados em qualquer centro. Os bons resultados, porém, dependem da moralidade e sinceridade do médium, da boa assistência e da autoridade do doutrinador.

Está claro que, onde faltem estes requisitos, só pode haver mistificação.

- *Para se doutrinar um espírito ou fazer uma sessão espírita é necessário utilizar: vela, charuto, roupa branca, bebida alcoólica, risco, pontos etc., porquê?*

Em Espiritismo não há fórmulas inúteis. A vela, portanto, quando não se está no escuro, é uma desnecessidade.

Proscurem-se os vícios, e tudo o que serve para degradar a alma e prejudicar o corpo. Necessariamente é inadmissível toda e qualquer prática em que entrem o fumo e as bebidas alcoólicas.

Os espíritos que se entregam a tais usanças são seres atrasados, e os vivos que pactuam com eles contribuem, não só para o atraso deles, como para o próprio.

- *Aceita o Espiritismo o "Pai Nosso" da pág. 155 do Cânticos da LM, B, ? Porquê?*

O "Pai Nosso" é uma prece e as preces sinceras são sempre bem acolhidas pelos espíritos.

• *O Espiritismo aceita o batismo?*

O batismo é uma formalidade inútil. Os Crentes estão no seu direito de usá-lo: não tem ele, porém, valor nenhum para o progresso do espírito.

- *Que devo fazer com um colega que mandou fazer "trabalhos" contra mim na macumba?*

É bom não acreditar nisso. Em todo o caso, com a prece e uma vida honesta, fácil é livrar-se a criatura das investidas dos mal intencionados.

• *É antidoutrinário utilizar as últimas conquistas da Ciência, Arquitetura, artes etc. ?*

Só um néscio ou um fanático poderá achar antidoutrinário as conquistas do conhecimento.

- *Deve o "Orientador" do Centro Espirita ter conhecimento geral da Doutrina Espirita em relação às demais religiões conhecidas? Qual a utilidade desse conhecimento?*

Como poderia orientar sem ter conhecimentos?

* *Porque não deve uma criança assistir uma sessão de doutrinação? Será por falta de maturidade ou existe perigo de sofrer alguma influência, já que seu organismo ainda não*

está preparado?

As sessões doutrinárias não fazem mal nenhum aos menores; nem mesmo as práticas, desde que os menores estejam familiarizados e compreendam o fenômeno. O mistério é que prejudica.

Como estas perguntas foram tiradas de diversos correspondentes, esparsamente, a fim de evitar repetições e outras coisas mais, aqui não foi dada importância ao nome dos respectivos consulentes, mesmo porque algumas dessas indagações acabaram se repetindo, com outra redação, e tiveram como resposta algo do mesmo teor.

BOTAS, BOLAS E BORLAS

(30.mar.67)

F.M. leu num dos meus tópicos com o título **Moisés e o Monoteísmo** (jan.67), o seguinte: O meu velho avô, com a caixa do simonte nas mãos e o alcobaça à cintura como as botas de um antigo oficial...

Isto o fez rir desabaladamente e me declara que tem visto muitas coisas na cintura, como rebenques, facas, revólveres, mas botas só soube disso pela minha narrativa. E toca a rir. E termina dizendo que isto de botas à cinta só merece um **ora bolas!**

De fato, esse negócio de botas à cinta dá um par de botas.

Mas o amigo não bolou a coisa. O que eu escrevi foi **borlas** e não botas. O alcobaça estava à cintura como as **borlas** da espada de um antigo oficial. Borlas é uma obra de passamanaria e os antigos oficiais usavam na copa da espada (não sei se ainda usam). Essas borlas pareciam bolas, porém, nunca se assemelhariam a botas.

Necessariamente, o linotipista, ou o revisor, achou que botas numa **espada** era demais. Suprimiu a espada e deixou as botas, sem se importar como o autor iria descalçá-las.

O lapso se explica pelo meu lápis. Minha máquina encrenca com uma assiduidade maior que a de certos funcionários. Mando ao conserto e ela volta pior que foi. Recorro ao lápis, mal visto na tipografia. O resultado são aquelas botas que o amigo viu.

Mas o erro teve uma vantagem e só isso me faz feliz: é ter provocado as boas risadas do amigo F. M.

PERGUNTAS A GRANEL (set. a

dez.67)

Alberico Pimentel, Rio, faz-me 21 perguntas, juntando com as de um Secretário-Geral, somam-se 52. Vamos às do Secretário:

1. Distribuição de flores no dia das mães - nada tem que possa contrariar a doutrina.
3. Como agir quando alguém faz uma longa prece de abertura?

O principal não é orar muito, é orar bem. A esses oradores que fazem intermináveis discursos a Deus, o melhor é aconselhá-los a que deixem a tarefa a outros.

4. Prece e oração é a mesma coisa.

7. Velório - são uvas incomíveis ou missangas. O amigo, necessariamente, refere-se ao brasileiro ou ao neologismo que significa o ato de velar o defunto.

Este consiste em reunir várias pessoas, junto ao morto, à noite.

Diz-se, então, que ficam velando o cadáver.

É uma cerimônia das que se costumam prestar ao falecido, mas sem efeitos práticos, porque ninguém furta defuntos, salvo casos excepcionais.

8. Quanto à cor, peso, altura do Espírito, quando não se apresentam como eram em vida, ainda não foram tomados.

15. Como responder a um irmão que diz que não existe o bem e o mal?

Depende da maneira por que ele entenda o bem e o mal. Um indígena a quem perguntaram o que era o bom e o mau, respondeu: o bom é comer o inimigo, o mau é ser comido por ele.

Continuando com as perguntas:

1. Jesus e seus discípulos ajoelhavam-se quando oravam? É antidoutrinário entre espíritas?

Consta dos Evangelhos terem usado essa prática; não é nem antidoutrinária nem hábito.

3. Predestinação - Não há em Espiritismo; há a evolução.

4. A utilidade da prece nupcial: Todas as preces são úteis.

7. Existe posição moderada em Espiritismo?

Se fala em tolerância, não há dúvida que existe. Quanto ao conhecimento, há uns certos provados; não pode haver meio termo: há outros que necessitam demonstração; ficar o indivíduo irreduzível no que é incerto, não se compreende. Como vê: depende...

9. Que é quirologia e qual a relação com o Espiritismo?

É o processo de conversar por meio de sinais com os dedos, de que se servem os mudos. Nada tem com o Espiritismo. Não confundir com Quiromancia, adivinhação por meio de leitura da mão, que é uma percepção extra-sensorial.

11. Como evitar que sócios espíritas consultem quiromantes?

Haverá essa vital necessidade? O melhor é aconselhá-los a não interrogarem o futuro: estão arriscando a ouvir coisas desagradáveis, se as quiromantes forem verdadeiras, e a serem enganados, se forem falsas.

14. Qual a posição do Espiritismo quanto à Páscoa? Pode-se comemorá-la no Centro Espírita com um programa lítero-doutrinário?

Não há, propriamente, posição do Espiritismo, há posição de alguns espíritas que

festejam a data conforme a fé. Comemorá- la pelo Centro, por que não?

17. Para ser Presidente de Centro há necessidade de preparo?

Convém, indubitavelmente, ter conhecimento da Doutrina e certo discernimento e critério. Não sendo possível o primeiro, o que já seria lamentável, que haja, pelo menos, o último.

20. De acordo com o Espiritismo, quais os fins do casamento?

Os mesmos de acordo com a lei e mais o de tomar unidas duas almas por verdadeiros laços afetivos.

Vamos, agora, às indagações de Benedito Silva:

1.0 Espiritismo é contra ou a favor da limitação dos filhos?

Conforme. É contra quando não há necessidade da limitação.

3. Como o Espiritismo considera Lutero, Calvino, Wesley?

Como vultos históricos. Há quem tenha Lutero em grande conta, eu, porém, encaro-o como um indivíduo um tanto rústico e fanatizado; Calvino, fanático, mau, matador; Wesley, o fundador do Metodismo, um pouco melhor que os dois.

5. É prejudicial à Mocidade cultivar o desporto, a recreação?

Não só não são prejudiciais como se tomam necessários. O desporto prepara o corpo e o torna resistente aos embates físicos e morais.

A recreação é necessária ao espírito. São contraproducentes, porém, os exercícios violentos e prejudiciais, os em que há brutalidade, abuso, contundência. Alguns animalizam o homem, outros são absolutamente reprováveis, como o boxe, a luta livre, tanto apreciados ainda pelo nosso atavismo, pela lembrança dos jogos estúpidos do passado.

6. Há vantagens em o espírita usar jóias de valor?

É bonito, mas, fora disso só há desvantagens, mormente quando há o perigo de incentivar a vaidade e favorecer os ladrões.

7. O Espiritismo faz alguma restrição ao baile moderno?

Não adiantaria fazer restrição ao antigo. Quanto ao moderno só adafalta de compostura e de moral. No mais, cum fueris Roma, Roma vivitur mora, que é como quem diz: quando fores a Roma vive à moda de Roma.

11. Uma luz fraca, verde ou azul, ajuda a sessão de trabalhos de materialização?

As luzes não ajudam, são apenas necessárias à fiscalização. Como as nossas lâmpadas prejudicam o fenômeno porque a luz amarela queima o ectoplasma liberado, usam-se as luzes verde, azul ou vermelha de preferência, menos prejudiciais, e, principalmente, acham a luz fria como a da Lua e a fosforescente, essas quase que inócuas.

14. Pode um espírita apostar?

Penso que pode, mas não deve. A aposta é um jogo e os jogos podem...

15. Pode um espírita fazer caçada no mato?

Nem no mato, nem em lugar nenhum. Um verdadeiro espírita deve matar o menos

possível, o indispensável.

16. Um espírita faz retiro?

Ele está em retiro quando se concentra, quando medita, quando ora. Esses retiros em multidão são exibições inúteis e contraproducentes.

MÚSICA

Anunciata escreve-me longa carta e envia-me recortes pelos quais me confesso sumamente grato. Vamos às perguntas:

1. Quais os livros espíritas que falam de música?

Vários; não há livros específicos e a matéria está esparsa.

2. Existe o tríplice aspecto na música?

Que aspecto? A música é manifestação de arte. Nada tem que ver com os aspectos do Espiritismo.

3. Como se faz a diferenciação da música e canto próprios para o Centro Espírita?

A meu ver ainda não foi criada música própria para o centro espírita; deve-se adotar amúsicasuave, delicada, que não fira os ouvidos, que crie um ambiente de harmonia e calma; nada absolutamente da música barulhenta própria para os momentos de excitação e movimento. A música é uma arte e, como arte, cabe, de qualquer modo, em qualquer lugar.

4. Que acha o Espiritismo do canto gregoriano?

O Espiritismo não pode achar nada. O canto gregoriano tem finalidade religiosa, mas, segundo os entendidos, é ainda rudimentar e primitivo. É digno, entretanto, de ser ouvido como arte, não importando que tenha sido cultivado por outras facções religiosas, assim como não iríamos abominar areformapateticista dos cinco grandes porque veio da Rússia.

5. Por que amúsica e o canto não são privilégio das Igrejas Católica e Protestante?

Onde já se viu que a Arte pudesse ser privilégio de alguém ou de alguma coisa?

7. Li "Música Celeste" publicada em "Unificação" por J. T. Paula. Existe diferença entre música transcendente, celeste e mediúnica?

Transcendental é o que é superior, figurado (o que transcende), sublime. Celeste é o que é do céu, o que vem do céu. Assim, pode-se chamar transcendental e celeste a música maviosa, arrebatadora, encantadora, não importa de onde provenha; a música medianímica, porém, só pode provir de um médium ou ser recebida por inspiração do "Espaço".

9. Que conselho daria a uma jovem que estudasse música sacra e que sofresse a crítica de outros?

Que não se importasse. Stultorum numeras est inflnitus¹².

12. Num determinado centro um diretor fora demitido porque era a favor da música no centro. Podia a diretoria proceder dessa maneira?

Nunca! Não lhe estou eu a dizer que o número dos tolos é infinito? Bem!... Quem diz não sou propriamente eu, é o Eclesiastes.

O BEIJO DO PECADO (31.out.60)

Pergunta-me certa senhora se é pecado dar beijo em sexta-feira santa.

Se for um beijo inocente, presumo que não haja pecado nenhum. E confesso que não sei mais nada sobre o assunto. Na dúvida, porém, conviria esperar o sábado de aleluia.

AVULSOS

Pequenos trechos como esse mostram dois lados: o de certas pessoas que, nada tendo que perguntar, dirigem as mais estapafúrdias indagações para suas consultas; o outro lado, o de um redator que estava sempre bem-humorado e não deixava nada sem sua pronta resposta que, segundo testemunhas oculares, eram imediatas, mesmo súbitas e desconcertantes.

Dr. Imbassahy não se afligia e, na sua fleugma rebatia todas as pontas sem distinção. Para mostrar, ainda, este seu aspecto, vamos transcrever outra pequena tirada sua, causada por um empastelamento de tipografia:

Alguém, por auto-recreação, interferiu na coluna, provavelmente algum inculto revisor do jornal e resolveu emendar o artigo, transformando tudo o que era dança em dansa. Não faltou o protesto, que veio de imediato. Escreveram-lhe indagando se dança era com "s", ao que, prontamente respondeu:

J. J. - Dança é com "ç". Aquela dansa que o amigo viu no meu escrito deve ser uma dança tipográfica.

E, de fato, vamos encontrar uma série de outros empastelamentos lamentáveis, que, mesmo involuntários, prejudicaram várias respostas dadas pelo meu sogro, em detrimento da consulta, a ponto de não podermos retratar algumas, por incoerentes.

Dona Maria, minha sogra, contava que, por vezes, recebia ele, seu marido, cartas desaforadas escritas por aqueles que se viam contrariados em seus pontos de vista ante a opinião do colunista. Dentre eles destacavam-se os altamente evangelizados que desancavam sobre os comentários do dr. Imbassahy, faceis restrições que faziamos textos incompatíveis com a posição de Kardec.

Uma dessas cartas evangélicas era tão ofensiva que a própria dona H eu ia se indignou e queria que eie desse uma resposta à altura, ao que ele retrucou:

- É o evangelho que ele segue.

¹² {*} O número de estultos é infinito.

E não perdeu a calma.

O HOMEM (28.fev.65)

Ora essa!

O meu bom amigo Epifânio espera que eu lhe diga o que é o homem.

Podia declarar-lhe que o homem é um ser que vive, que faz asneiras e que morre. Ou:

*Segundo o **dicionário** - um animal racional, bípede e mamífero. Ou:*

*Segundo a **Bíblia** - uma criatura tão mal arranjada que Deus se arrependeu de tê-la posto no mundo. Ou:*

*Segundo o **Catolicismo** - um ser criado à **imagem de Deus**, que se encontra num estado de natureza decaída, desde o pecado original, mas que, pelo sacrifício do Cristo, pode voltar ao gozo de certos privilégios concedidos ao casal primitivo. Ou:*

*Segundo **Haeckel** - um mamífero placentário, da ordem dos primatas, que se desenvolveu no curso do terciário e provém de uma série de primatas (conforme a raça) inferiores, antropóides, macacos e lemurianos. Ou:*

*Segundo **Setchenov** - produto do meio em que vive, estruturado em seus próprios materiais e a ele revertendo pela desintegração posterior, vivendo por ele e em função dele; "todos os seus atos e toda a sua fenomenologia subordinam-se de maneira total e absoluta às decorrências desse meio ambiente." (Nossa!...) Ou:*

*Segundo **Herculano**, é um animal que disputa; segundo **Buffon**, um animal degenerado; segundo **Taine**, um gorila feroz e lúbrico, só atenuado pela civilização porque esta o enfraquece; segundo **Juvenal**, um animal que bebe. Ou:*

Nesse andar vamos longe, e a coluna já não comporta. Para terminar, eu cá lhe diria: E um espírito que toma um corpo e vem à Terra para resgate de suas faltas e para sua evolução; ou com destino missionário, a fim de contribuir para o progresso de seus semelhantes.

*Estes, porém, os missionários, ao que parece, já não existem mais. Restam apenas *les goriles féroces et lubiiques*, de Taine. Assim pensam muitos.*

Não sei dizer-lhe melhor.

DIVERSOS A DIVERSOS (31.mai.65 e seqüentes)

Isac Zach e Débora Lauscher -

*Por não tomar espaço, deixo de transcrever as dezessete perguntas limitando-me às que posso responder. São assuntos de ocultismo, rosacruzianismo, teosofia, **et altera**, onde não há base para afirmativas, por que essas doutrinas não se preocupam muito com as*

demonstrações.

(Contudo, vamos transcrever as perguntas que foram formuladas)

1. O senhor concorda que Aliem. Kardec foi um dos mais avançados mestres de iniciação esotérica do passado, conforme diz Ramatis no livro "Elucidações do Além", napág. 70?

2. O que é fantasma astral?

3. Em estudos ocultos vemos que possuímos sete corpos. Como encara o Espiritismo esse aspecto?

5. Sob os três aspectos—filosófico, religioso, científico qual o mais certo e que não prejudica a saúde?

7. O Espiritismo aceita a hereditariedade dos instintos?

8. Deus dá ao homem livre—arbítrio absoluto?

15. Existe valor oculto de cerimoniais ?

1. Allan Kardec, antes de suas experiências, nada conhecia de Espiritismo e muito menos do chamado ocultismo.

2. Fantasma astral deve ser o fantasma, tout court, o abentesma, o Espírito, a alma do outro mundo.

3. O homem tem corpo, espírito e perispírito. Outros "corpos" ou são contidos nestes ou inverificáveis: pura teoria.

5. Os aspectos do Espiritismo só prejudicam quando não há orientação e verdadeiros orientadores.

7. Em Espiritismo só se aceita a hereditariedade física (corpórea). No mais, o que há é atração, afinidade, conformidade.

8. O livre—arbítrio é relativo; cresce com a evolução.

15. Não há nenhum valor nos rituais. E, se existe, deve estar muito oculto, pois não consigo descobri-lo.

Quanto aos "por quês", isto já requer um tratado e eu cá estou desconfiado que os amigos saibam mais do que eu.

As demais perguntas não fazem parte do nosso corpo doutrinário. E, como nosso espaço é pequeno, restrinjo-me e fico por aqui.

DISCUSSÕES (31.jul.67)

O meu amigo José Joaquim, daqui de Niterói, é contra as discussões porque — diz ele — será muito difícil convencer um adversário.

Estou com o amigo no que toca ao convencimento do adversário, mas digo como o grande filósofo que foi Ernesto Bozzano:

ME certamente inútil procurar convencer os que se obstinam em não querer

compreender, mas a minha insistência não visa convencer o meu competidor e tão-somente a levar a tranqüilidade de espírito àqueles poucos que, por acaso, se tenham deixado perturbar pelas suas insinuações sofisticadas.”

FABRICAÇÃO ARTIFICIAL DE SERES HUMANOS (31.mar.68)

Manoel Nezito de Oliveira, Caruaru (PE), envia-nos a seguinte carta:

A revista O CRUZEIRO, de 9 do corrente, publica, no artigo O SEGREDO DA VIDA, pág. 9, o seguinte: “Duas semanas atrás, em Tóquio, o biólogo Yoshuro Shimura declarou aos jornalistas que o prêmio Nobel dr. James Watson havia criado, artificialmente, um organismo vivo - o vírus R-17. Mais adiante fala:... se poderemos ou não produzira vida artificial?”

Entendi que passariam a fabricar seres humanos em laboratórios,

PERGUNTO:

1, V, S. acredita na possibilidade de seres humanos “nascerem” em laboratórios?

2, Caso isso venha a acontecer, haverá espírito nesse:

seres?

3, “Feitos com a mão” serão praticamente perfeitos, conseqüentemente, os espíritos que neles habitarão serão perfeitíssimos ?

Penso o seguinte:

1 - Tenho visto muita coisa extraordinária, mas esta já passa dos limites.

2. Se tal acontecesse, o Espírito ansioso pela reencarnação poderia tomar o corpo artificial como tomaria o natural, já tão evitado.

3 - Há que considerar o processo de adaptação. O corpo é criado para o espírito que nele vai habitar, numa espécie de obra de encomenda. Ora, essa fabricação in vitro talvez não dê boa acomodação ao Espírito. Como quer que seja, a mão-de-obra vai ser muito difícil. Está mais ou menos no caso dos cérebros novos, que devem ser implantados brevemente, a exemplo dos corações.

Eu ia dizer - esperemos. Mas isto não vai ser para os meus dias, e talvez nem para os dias do caro consulente.

FALTOU NA LFI (31.mar.65)

Conta-nos Estudos Psíquicos, de novembro último (1964), que a Sra. Maria do Carmo tinha um pequeno caroço, o qual desapareceu pelo “poder da mente”. Tendo ido inutilmente a vários médicos, resolveu pensar no caroço, desejando que ele desaparecesse. E tanto pensou que o caroço sumiu.

Mas é bom que esta notícia não chegue aos doutos ouvidos do ilustre jurista dr. Nelson Hungria, pois pode ele acrescentar mais um inciso ao art. 284 do Código Penal, que ficaria assim redigido:

Exercer o curandeirismo:

I - Prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente qualquer substância;

II - Usando gestos etc. etc.;

III - Fazendo diagnósticos...

E vinha, agora, o quarto:

IV - Pensando, ou usando a mente para fazer desaparecer doenças, incômodos ou caroços.

Pena!... Escapou este parágrafo ao notável penalista. Ainda é tempo de preencher a lacuna.

É uma página onde se pode ver a sutil ironia de um estilista. Aproveita, de passagem, um fato real, no caso, publicado pela antiga revista editada em Lisboa, que defendia o Espiritismo veladamente porque o regime de Salazar, no continente europeu, proibira a prática e o culto da doutrina de Kardec.

Mostra, ainda, que sua famosa coluna também abordava, com oportunidade, temas, mesmo quando não provocados por pergunta de leitores, de interesse doutrinário.

Nesta época o jurista brasileiro citado elaborava a lei que colocava o curandeirismo proscrito e, ao lado dele, com pequenas formas literárias, tentava inserir o Espiritismo de permeio. Foi no período ditatorial de Getúlio Vargas.

LIVROS ATACANTES E ESPÍRITAS ATACADOS

(31.out.65)

Escreve-me indignado, um amigo, perguntando se já li o livro tal, que mete, desapiadadamente, o pau nos espíritas e chama-lhes embusteiros, declarando que tudo que hã com o nome de Espiritismo é falso. O amigo quer a minha intervenção.

Nem convém dar o nome do livro. Repisar o que temos dito centenas de vezes é inútil. A propósito, lembra-me o caso do crítico Coselli: Este fazia uma coleção esquisita - a de livros insuportáveis. Um autor soube que seu livro estava nessa coleção e desafiou o colecionador a um duelo.

Não sei como o Coselli saiu da rascada. Mas declarou ele que o duelo não seria pior que a leitura dos livros do desafiante...

Assim é com o livro do "tal": antes um duelo!

INTOLERÂNCIA E CONTRADIÇÃO

(31.mar.65)

A intolerância é um sinônimo de fraqueza espiritual; a contradição, de fraqueza intelectual. O indivíduo que se julga o detentor da verdade é sempre um intolerante; aquele que não tem esteio firme contradiz-se a cada passo.

A carta que me enviou José Ferreira, mostrando erros de espíritas e tolices do Espiritismo, faz-me lembrar Frei Boaventura, nos seguintes trechos:

“Inexato é, pois – escreve P. Palmes – e falso, que a Igreja se oponha a que os homens de ciência façam investigações sérias e verdadeiramente científicas sobre fenômenos do Espiritismo. E se até esta data essas investigações sérias por parte dos homens de ciência têm sido escassas, não é precisamente por culpa da Igreja, e sim por culpa dos próprios espíritas, que as tomam impossíveis em razão das condições que exigem e que não são as que uma ciência imparcial tem o direito de exigir, e sim as de que necessita a fraude, a trapaça e a superstição. Deixem, pois, os spiritistas de invocar os espíritos dando um significado supersticioso às suas experiências; proporcionem nestas as facilidades de comprovação requeridas por toda experiência cientificamente feita, sem porém entraves aos que queiram observá-las e sem lhes exigirem o compromisso absurdo de uma benevolência incomparável com uma atitude que verdadeiramente crítica, apresentem-nos nestas condições os fenômenos que quiserem, de ectoplasmia, de telequinesia e de quaisquer comunicações e não haverá ninguém que tenha a menor dúvida em experimentar e em admitir a autenticidade de quaisquer atos que forem comprovados, por mais maravilhosos, por mais exorbitantes e por mais extraordinários que pareçam”.

E mais adiante:

“Se é lícito assistir a sessões ou manifestações espíritas, sejam elas realizadas ou não com o auxílio de um médium, com ou sem hipnotismo, sejam quais forem essas sessões ou manifestações, mesmo que aparentemente simulem honestidade ou piedade, quer interrogando almas ou espíritos, ou ouvindo as suas respostas, quer assistindo a elas com o protesto tácito ou expresso de não querer ter qualquer relação com espíritos malignos. – A resposta oficial, aprovada pelo Papa Bento XV, foi: “Negativa em todos os casos.” (Diário da Noite – 02.10.59).

Como se vê, inverdades e equívocos em consequência de intolerância religiosa e contradições em vista de afirmações opostas.

Não são os espíritas que estabelecem condições, mas os Espíritos. Sem as normas que eles prescrevem não há fenômenos e, seu os fenômenos, é inútil a experiência. E dá-se com esta o mesmo que se realiza com qualquer outra: se não se pode usar certo meio aplica-se outro.

Se, por exemplo, em determinada sessão, exige-se a sala escura - o que nem sempre se dá, visto que os casos mais importantes foram às claras - usam-se vários processos científicos que anulariam a fraude, se ela houvesse, em virtude de penumbra.

Diz o honrado frade que apresentem quaisquer fenômenos e não há ninguém que tenha a menor dúvida em experimentar...

Mas, ao mesmo tempo, Bento XV lança uma redonda negativa em **todos os casos**.

Como não haverá dúvida em experimentar com o nihil de Sua Santidade?

O tombo é certo quando a gangorra está mal equilibrada. Assim acontece com as razões que o caro consulente faz desfilar em sua longa missiva.

COMO OS ANIMAIS HUMILDES

(28.fev.66)

Um amigo censura-me porque, numa reunião, ouviu certo orador apresentar opiniões inteiramente contrárias às minhas, e eu não lhe caí de rijo e não o desmenti de cara, quando tive nova oportunidade de falar.

Em primeiro lugar, seria inoportuno e indelicado um debate naquela ocasião festiva; segundo, pareceria que eu queria impor a minha opinião; terceiro, não seria lícito humilhá-lo diante da assistência; quarto, ele não teria em vista combater-me; e, finalmente, seria uma ingratidão o meu revide, visto que, no seu discurso, ele teve boas e generosas palavras a meu respeito.

Tenho um amigo que declara ser como os cães mansos; quando lhe fazem festa, não sabe morder. Pois eu sou como esse amigo, para não dizer que sou como os cães mansos.

Além disso, meu caro, eu não vim aqui no mundo para brigar, e muito menos com os companheiros.

Este caso que gerou o presente comentário foi-me contado pela minha sogra, presente ao mesmo. O orador em questão, numa palestra espírita, resolve defender Roustain perante dr. bnbassahy, também presente, compondo a Mesa da reunião. Au passant, derrubou a ^mvenina^m da sua eloquência elogiando o dr. bnbassahy como se ele fora adepto da mesma doutrina. Quem não se conteve foi dona Maria, tal como me narrou:

...Aquele parlapatório foi-lhe subindo íaos bofes⁹ e ela não se conteve, levantou-se proclamando a verdade sobre a conduta e a opinião do marido, que, tímidamente, nada quis comentar ou aditar ao que sua companheira houvera dito. Chamou, até, de mentiroso, o interlocutor roustainista.

Este amigo referido que achou que dr. bnbassahy deveria revidar era um dos mais fanáticos anti-roustainistas e não aprovou a sua atitude, merecendo a crítica inserida "Na Hora da Consulta".

Por outro lado, é curioso como duas pessoas de gênios tão antagônicos davam-se tão bem,

amavam-se tanto e viviam em tão plena harmonia: assim era o casal bnbassahy.

A DISCUSSÃO (31 .mai.66)

José Ferreira - Rio. A discussão nem sempre tem por fim converter os antagonistas, mas elucidar os que por eles podem ficar encarnados. Parece-me tolice dizer que a discussão é inútil. Não há nada melhor que o debate para o convencimento de uma questão. Dizia um grande escritor que examinando os argumentos pró e contra o Espiritismo foi que ele se converteu. É De Montaigne declarava: "O estudo dos livros é uma atividade fraca e repousada, que não entusiasma, ao passo que a discussão ensina e exercita ao mesmo tempo." (Citação de Hélio Sodré - H. Univ. Eloq. -1. 1, p.21.)

Quando o amigo vir um indivíduo muito contrário às discussões e até mesmo a proibi-las, é porque está receoso de penetrar nelas.

Como adendo, pode-se lembrar que também Charles Richet foi outro autor que acabou simpatizante do Espiritismo, após seu grandioso trabalho intitulado "Tratado de Metapsíquica", exatamente, confrontando-se inicialmente contra as teses de Kardec. Seu estudo, até, visava à mostra de que os fenômenos espíritas, antes de sê-los, seriam metapsíquicos e poderiam ter outras explicações. E ele acabou se convencendo do contrário.

Outra observação cabível, aqui, é que José Ferreira, adepto da Federação Espirita Brasileira, defendia, como esta, á época, o absoluto silêncio contra qualquer ataque feito à doutrina, talvez, para contornar dissensões ou até mesmo evitar que surgissem pessoas desarvoradas dizendo coisas erradas em defesa e resguardo da Doutrina.

MISCELÂNEA (30.jun.66)

Evandro Monteiro quer saber:

1. Jesus Cristo fundou igreja, Religião, Filosofia, Doutrina? Como se prova?
O que Cristo fez e disse consta dos Evangelhos (com ressalvas). Se extrair dali Igreja, Religião, Filosofia, Doutrina, aí terá a prova.
2. Existem livros mediúnicos sobre a Índia? Quais? Sobre a Índia conheço os belíssimos livros de Jacolliot. Só o que tem é que não são mediúnicos.¹³
5. Sem ser os livros mediúnicos de Rochester, pode indicar-me outro sobre o Egito?
Conheço o Antigo Egito Fala e A Voz do Antigo Egito. A voz do Nasser¹⁴ talvez possa esclarecer melhor.

¹³(1) Hoje em dia já há a coleção de livros de Lobsang Rampa que, traduzidos para nosso idioma, embora úbetano, mostra a mesma juosofiadopais de Ghandi.

¹⁴(2) Então presidente do Egito: Gamai Abdel Nasser.

6. Como o Espiritismo aceita Hermes, denominado o Três Vezes Grande e o Mensageiro dos Deuses?

Não sei onde o Espiritismo tenha falado acerca de Hermes, o Trimegisto. Há por aí uma mensagem do Hermes da Fonseca, um tanto ou quanto duvidosa. De Hermes é o que sei informar.

E quando tiver outras perguntas igualmente interessantes, não se esqueça... Aqui estamos pra perder tempo.

NACIONALIDADE DE DEUS

(30.set.58)

Pergunta-me o Sr. Hildebrando não sei de quê - não pude traduzir o último nome - Rio, se Deus é brasileiro.

Já foi, Sr. Hildebrando. Chegou a erigir esse país em *Pátria do Evangelho, Coração do Mundo*.

Mas cansou. Tem-se feito tanta tolice, tem-se andado tão mal, tantas são as perguntas idiotas, que a esta hora deve ter escolhido outra nacionalidade.

Lamentamos, Sr. Hildebrando. Ele já não é nosso patrício. Aliás, era de esperar.

CARTA DE RICHEL A BOZZANO

Em que livro se encontra originalmente citada a carta confidencial de Charles Richet a Ernesto Bozzano - pergunta-me um confrade - reconhecendo a verdade da teoria espírita?

Está no livro *Animismo e Espiritismo*, de Bozzano, edição e tradução F.E.B.

O ADULTÉRIO (31.mar.59)

Diz um amigo de São Paulo, que gostaria de saber a minha opinião acerca do adultério e como deve ser encarado pelos espíritas. É uma tese - acrescenta - para ser ventilada "Na Hora da Consulta".

O amigo pede a minha opinião...

Há no caso agravantes, atenuantes e até dirimentes. Não se pode, portanto, responder de modo absoluto. Podíamos estender-nos sobre os diversos casos, mas a coluna não comporta.

O que é simplesmente estúpido é o direito que se dá ao marido ou a que ele se arroga, de matar a adúltera, sob o pretexto da honra ultrajada, como se ele tivesse alguma coisa com o ultraje da mulher; ora, só há honra ultrajada quando há culpa própria. O homicida, no caso, é apenas um sujeito que se vinga, e que se acha incurso, como qualquer matador, nas

penas do Código.

Invoca-se o Código Penal, ou melhor, ajeitam-no para absolver o uxoricida. O de que trata o Código Penal é da honra ameaçada; é do crime para evitar a consumação do estupro. Assim como é muito comum, atualmente, aparecer um ou muitos sujeitos, que arrancam dos braços do esposo, amante ou noivo, ou dos parentes, a mulher que os acompanha e pretendem violá-la. Para evitar a consumação da violência e à falta de outro recurso, o parente atira, fere ou mata. Não há crime nesse caso. Essa é que é a defesa da honra.

Infelizmente, ficou a praxe da impunidade e hoje os maridos **matam** as mulheres, como os cozinheiros matam os frangos. E fica tudo por isso mesmo. (Como a corrupção nos tempos atuais.)

Quanto ao procedimento do espírita, este não pode ser mais severo que o do Cristo, e entre as belezas do Evangelho devemos anotar a frase em que o Divino Mestre manda que o que se achar sem culpa atire na pecadora a primeira pedra.

O exemplo já vem do Alto. O procedimento do espírita é aconselhar à infeliz que não peque mais.

O adultério é curioso, porque só existe para a mulher. E no caso do homem? Há países, até, em que o marido, tendo recursos, pode ter quantas esposas queira e estas têm que ser fiéis a ele.

Aqui no Brasil, é comum no interior nordestino.

Ai, porém, da mulher que trair o marido!

Se analisarmos o lado reencarnacionista da coisa, pode ser que tais maridos adúlteros voltem na pele de esposas... quem sabe?

Apêndice

Quando Carlos, o filho, deixou a Mariz e Barcos, isto é, a casa em que morava naquela rua, casa essa conhecida pelos diversos acontecimentos ocorridos aí e narrados por ele em seus diferentes livros, artigos e obras, não tendo onde colocar as coisas que compunham o velho e tradicional gabinete de estudos do seu velho pai, encontrou como solução deixá-lo montado como estava, sob guarda dos que estavam morando ou continuaram residindo na mesma casa.

Para isso um bom acordo: continuou pagando os impostos a fim de ter direito ao uso desses compartimentos que ainda conservavam, além da biblioteca do pai, alguns outros móveis de família.

Não durou mais que dois anos.

Montada a casa nova, lá fomos nós buscar os acervos restantes da coleção do dr. Imbassahy; e qual não foi a grande decepção, inclusive da própria viúva, dona Maria, quando lá chegamos e encontramos a maior parte das estantes destruídas pelos cupins.

Só a de obras estrangeiras, com a catalogação feita de próprio punho pelo seu dono, continha pouco mais de quatrocentos livros, TODOS destruídos. Doía ver aquela cena.

Mais grave ainda foi verificar que a sua antiga escrivãzinha havia sido, simplesmente, vendida, sem ordem dos herdeiros diretos, no caso, o filho e a viúva.

Era uma escrivãzinha francesa, de tampo de correr, com três gavetas que se prendiam quando o tampo era fechado e nela continha a documentação e anotações particulares do dr. Imbassahy. Ninguém soube explicar para onde foram tais papéis.

A cena era mais que desoladora: dava vontade de chorar!

Um acervo tão importante perdido por causa da desídia de terceiros que lá moravam com o único fito de conservarem este material. Não preciso dizer mais nada.

O que resta, atualmente, foi o pouco que se salvou e a parte que estava na casa da dona Maria, vindo, agora, para nossas mãos, com seu desencarne.

Assim mesmo, é um grande acervo.

Os volumes encadernados com os artigos colados ainda se salvaram, em sua maioria, e é deles que tirei o material inserto no presente livro.

Contudo, além desse material, muita coisa mais ainda se salvou, afinal, sua biblioteca era imensa, seus arquivos particulares continham documentos de próprio punho e muitos estão conosco; o suficiente para provar uma série de coisas a respeito da posição do dr. Imbassahy perante o Espiritismo.

Ele era um filósofo por excelência, pouco afeito ao evangelismo bíblico que, à sua época, infestava o meio espírita, provavelmente, segundo sua própria opinião, causado pelo número de adeptos que haviam se convertido de seitas protestantes, da Igreja Católica e de outras. Estes traziam consigo o ranço de sua origem e, como tal, não admitiam que os espíritas pudessem se dizer cristãos sem adorarem o menino deus.

Por vezes, em suas tiradas, foi chamado de herege porque ^{refletia} serenamente e analisava tudo sob o prisma da lógica, não aceitando imposições, muito menos tabus oriundos dos credos ditos cristãos.

Jamais poderia admitir que o Espiritismo se transformasse numa nova seita cristã que só divergiria das outras porque aceitava a intercomunicação com os **mortos** e a reencarnação como prova da justiça universal.

Dr. Imbassahy manteve sérios debates com pessoas que se diziam espíritas, porém, que raciocinavam como bíblicos protestantes. Não foram apenas polémicas com detratores do Espiritismo que notabilizaram a pena do ilustre beletista. Manteve, por exemplo, acirrado debate jornalístico com um espírita de Niterói chamado José Bernardo. Não o conheci, senão, apenas, seus artigos arquivados com as respostas que meu sogro dava.

O curioso é que seus maiores antagonistas não espíritas se tomaram íntimos amigos dele, como o Frei Boaventura, o Pastor Armando Ferreira e o dr. Osmard Andrade, Médico Parapsicólogo antiespírita por excelência. No entanto, os espíritas que mantiveram com ele

polêmica sempre o detrataram. Curioso! Bons espíritas!

Gozaram de sua mais profunda intimidade o dr. Canuto Abreu, Pedro Granja e Mário Cavalcânti de Mello que não saía de sua casa; diariamente lá estavam para conversar com o amigo. Estes três merecem destaque especial, porém, muitos outros como o General Molinaro, Leopoldo Machado e Deolindo Amorim também privaram mais intimamente a vida do ilustre amigo.

Antônio Lucena, quando veio para o Rio, de Pernambuco, chegou a morar na casa dele e Olympio da Silva Campos era o irmão do Carlos por todos os laços afins que o uniam à família.

Se fosse citar nomes escreveria outro livro, porém, não poderia omitir este fato das presentes considerações.

Os citados escreveram muitas coisas a respeito do dr. Imbassahy. Deolindo Arnorim, por exemplo, em *Mundo Espírita*, faz um pronunciamento categórico garantindo que seu amigo Imbassahy nunca fora Roustainguista. Dona Maria garantia-me o mesmo quando conversávamos; numa carta de Júlio Abreu Filho ao dr. Imbassahy, ora em nossas mãos, escreve estarecido dizendo que soubera por Ismael Gomes Braga, para seu espanto, que dr. Imbassahy era anti-roustainista. Pior do que não ser.

Pois bem! Com todas essas declarações e apesar delas, posso asseverar que dr. Imbassahy jamais escreveu uma linha sequer atacando a obra docetista desse ilustre escritor. E mais, há uma declaração sua dizendo que quando não pudermos unir as criaturas, pelo menos, não devemos fazer nada capaz de aumentar a desunião.

Da sua correspondência são raríssimas as cópias de carta que ele próprio tenha escrito. Apesar de possuir uma portátil máquina de escrever “Royal”, preferia sempre redigir de próprio punho, usando lápis ou canetas com aparas. Tudo indica que não tenha se adaptado à caneta tinteiro.

Ora, como a maioria das suas cartas eram escritas de próprio punho, à pena, parece que não havia jeito de tirar cópia senão se a reescrevesse. São poucas. Destaco uma que, tenho certeza, ele não gostaria que fosse publicada, porém, de grande importância; está escrita a lápis e endereçada ao então Presidente da Federação Espirita Brasileira. O que posso deduzir, de tudo isso, é que ele, mesmo não querendo tomar pública sua desavença com a FEB, teve o intuito de deixar documentada sua verdadeira posição perante o comportamento da então diretoria daquela sociedade espírita. Para ninguém duvidar.

Dr. Imbassahy teve quatro importantes livros publicados pela FEB. Depois, com seu afastamento daquela casa, começou a entregar seus trabalhos para J. B. Lino, que houvera criado a LAKE, em São Paulo. Este período foi excerto de coisas pitorescas; Lino, muito enrolado nos negócios, primando pela honestidade, sempre entrava em “frias”. Pedro Granja, amigo comum dos dois, é que vivia o tirando do aperto, ora arranjando um jeitinho de imprimir um livro para pagar depois da venda, ora descontando uma promissória

contra outra, para que o amigo, endividado, pudesse sair do sufoco. O livro Matéria ou Espírito foi escrito em tempo recorde para que se imprimisse e se vendesse a primeira edição a tempo de salvar a LAKE da falência. E o Granja conseguiu: vendeu a edição antes de ficar pronta, tanto assim é que a segunda começou a ser composta enquanto se entregava as encomendas da primeira.

Este livro, para quem não o conhece, é de parceria com Pedro Granja.

Dr. Imbassahy nunca recebeu, sequer, um vintém por suas obras: dava-as em benefício ou da própria editora ou de entidades espiritas benemerentes. Quando convidado para falar fora de sua cidade, custeava todas as suas despesas e não permitia nem gostava que os confrades lhe pagassem nada. Quando muito, concordava em hospedar-se na casa desses amigos. Ia sempre acompanhado de mulher e filho, por isso, só podia viajar nos períodos de férias escolares.

Dentre as diversas correspondências, destaca-se, principalmente, as cartas do dr. Lauro Schelled, então diretor de Mundo Espirita já editado pela Federação Espiritado Paraná. São cartas leves, sadias e humorísticas, cheias de “gozações” recíprocas e satíricas, até, de certas ocorrências no meio espírita.

Outro destaque são as cartas de José Gomes Cardoso (SP) que, parece, fazia do dr. Imbassahy seu confessor. Algumas dessas cartas devem ter sido discretamente destruídas.

Sei disso pela descontinuidade e porque nas posteriores dava para sentir que a anterior encerrava alguma confidência assaz peculiar como diria o próprio.

Hã também cópias de algumas respostas a consultas que não foram publicadas; estas, provavelmente, devem ter tido seus originais enviados ao próprio consulente. Na maioria, todas encerram assunto delicado, ora íntimo, ora impróprio para se tomar público.

Um outro tema, polêmico na atualidade, é a obra de Ramatis. Sei, contado por minha sogra, que o nóvel médium Ercílio Maes esteve por alguma vez, em sua casa, visitando o casal, momentos em que demonstrou suamediuinidade, pondo-a à prova.

Ainda, nesta ocasião, teria ele contado ao casal que toda a obra a respeito dos discos voadores fora-lhe ditada pelo Espírito que se assinava como Ramatis, fazendo referências a um planeta estranho. Só depois que o livro ficou pronto é que a entidade espiritual mandou que trocasse o nome do planeta para Marte. Ercílio teria ainda ponderado contra, preferindo manter o nome anterior, porém, insistentemente, Ramatis manteve seu ponto de vista e, com isso, prevaleceu a opção Marte, o que, infelizmente, acabou sendo prejudicial, depois que os russos e a NASA fizeram suas pesquisas nesse planeta não encontrando nenhum resquício de vida, pelo menos, material.

Sobre a obra de Ramatis não encontrei nenhuma referência particular, mesmo fora da coluna que, por ser de perguntas e respostas, provavelmente, não a tenha abordado por falta de indagações. Honestamente, portanto, ninguém pode garantir qual teria sido a posição do escritor de “Na Hora da Consulta”.

Também sei por informações de dona Maria que seu esposo não apreciava Pietxo Ubaldi, dizendo que não se tratava de obra espírita porquanto seu autor ignorava as mais comezinhas referências relativas à Codificação» contudo» dentro de sua filosofia de irmanar» de evitar desuniões e temas que fossem capazes de tumultuar as letras espíritas, também a Ubaldi não fez referências desairosas nem o atacou frontalmente. Neste campo, seus comentários foram muito restritos.

Julguei importante transmitir essas informações aos distintos leitores, principalmente aos que não chegaram a conhecer a grande obra espírita do mestre baiano que viveu em Niterói, para que desse a todos uma pálida noção do autor que ora está sendo retratado.

Pela união de idéias, Pedro Granja e Mário Cavalcânti de Mello juntaram-se tão intimamente ao dr. Imbassahy que os três formaram a famosa Escola de Niterói, como era chamada à época.

Enfim, quem conheceu e leu a coluna tem nova oportunidade de reler e avivar a memória; quem só agora está militando nas lides espíritas terá ocasião de conhecer melhor o grande vulto da literatura espírita no Brasil, que foi o dr. Carlos Imbassahy.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

(31.mai.67)

Pergunta-me o Tio Borges se as minhas respostas nesta coluna são respostas a cartas verdadeiras ou eu as invento.

São respostas a cartas verdadeiras. Essas cartas sobram, por vezes, de sorte que não tenho tempo para inventá-las. O que acontece é o seguinte: Às vezes, não existem cartas: é um unigo que me apresenta suas dúvidas epi conversa; outras vezes, trava-se uma discussão... Aproveito eu, então, a dúvida ou o debate e venho com a resposta... na hora.

A correspondência do dr. Imbassahy era vastíssima; só de cartas recebia mais de dez por dia, algumas consultas diretas, outras endereçadas à coluna e uma grande parte, particular, de amigos e companheiros trocando notícias, além de jornais, impressos e outras coisas meas, não só do Brasil como do exterior.

Os nossos amigos de doutrina gostam de escrever. Eu mesma sou testemunha, pela correspondência que nos é entregue, quando os Correios não estão em greve, apesar dos inúmeros extravios comprovados por outras reclamações, geralmente telefônicas.